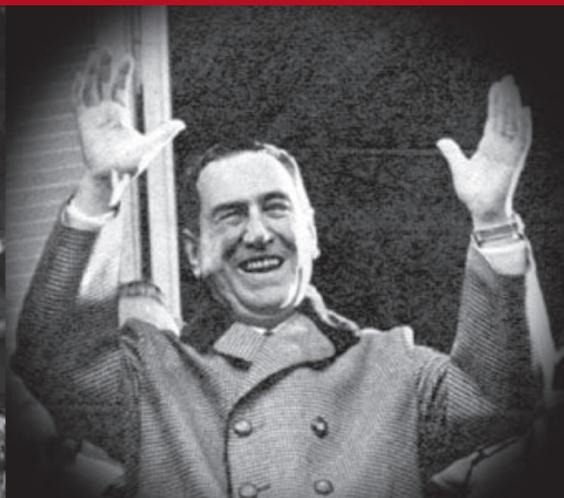


FESTAS CÍVICAS E ESPORTIVAS:

Um estudo comparativo dos governos
VARGAS (1937-1945) e PERÓN (1946-1955)



Claudia Schemes

FESTAS CÍVICAS E ESPORTIVAS:

Um estudo comparativo dos governos

VARGAS (1937-1945) E PERÓN (1946-1955)

Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR
Universidade Feevale

FESTAS CÍVICAS E ESPORTIVAS:

Um estudo comparativo dos governos

VARGAS (1937-1945) E PERÓN (1946-1955)

Claudia Schemes



Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul - Brasil

2022

PRESIDENTE DA ASPEUR

Marcelo Clark Alves

REITOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE

Cleber Cristiano Prodanov

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Angelita Renck Gerhardt

**PRÓ-REITOR DE PESQUISA,
PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO**

Fernando Rosado Spilki

EDITORA FEEVALE

Maurício Barth (Coordenação)

Tiago de Souza Bergenthal (Revisão textual)

Tífani Müller Schons (Design editorial)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Universidade Feevale, RS, Brasil

Bibliotecária responsável: Verônica Augusta da Silva – CRB 10/2549

Schemes, Claudia

Festas cívicas e esportivas [recurso eletrônico] : um estudo comparativo dos governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955) / Claudia Schemes. – Novo Hamburgo, RS: Universidade Feevale, 2022.

Dados eletrônicos (1 arquivo : 84 megabytes).

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: www.feevale.br/editora

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-86341-12-6

1. Eventos cívicos e esportivos. 2. Aspectos políticos. 3. Autoritarismo. 4. Mecanismos ideológicos. I. Título.

CDU 32(81)(091)

© **Editora Feevale** - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Universidade Feevale

Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 - CEP 93510-235 - B. Hamburgo Velho - Novo Hamburgo/RS

Câmpus II: ERS 239, 2755 - CEP 93525-075 - B. Vila Nova - Novo Hamburgo/RS

Câmpus III: Av. Edgar Hoffmeister, 500 - CEP 93700-000 - Zona Industrial Norte - Campo Bom/RS

Homepage: www.feevale.br

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Prof^a. Dr^a. Maria Helena Rolim Capelato, minha orientadora, que apostou no meu trabalho e, com todo carinho e competência, conduziu-o até o final. Sua paciência e amizade foram fundamentais para este trabalho.

Gostaria de agradecer, também, à banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Maria Lígia Coelho Prado e Prof^o. Dr^o. Sérgio Bairon Blanco Sant'Anna pela ajuda e observações valiosas que foram feitas nos principais momentos dessa pesquisa.

Meu reconhecimento especial a Fernando Gurgueira pela minuciosa leitura e importantes observações e à Waleska da Silva e Cunha pelas traduções.

Meu agradecimento sincero a Cleber Prodanov pela paciência, leituras incentivadoras e ajuda técnica.

Finalmente, agradeço ao CNPq pela bolsa de mestrado que me concedeu no período de 1990 a 1992.

Para Laura e Sofia.

Sumário

Prefácio.....	11
Introdução.....	15
1 – A festa e a “nova” sociedade.....	25
1.1 – O “novo” e a imagem da sociedade feliz.....	28
1.2 – A festa e a revolução.....	30
1.3 – Lazer.....	34
2 – As festas cívicas.....	41
2.1 – O 1º de maio e sua transformação numa festa cívica.....	46
2.2 – Repressão e resistência.....	51
2.3 – Os valores cívicos e morais.....	59
3 – A relação líder/massas nas festas cívicas.....	65
4 – A festa esportiva e o controle do corpo.....	85
4.1 – Educação militar.....	103
4.2 – Educação física.....	109
4.3 – Festa e educação num espaço disciplinador.....	118
4.4 – A Educação do menor.....	127
Conclusão.....	139
Referências Bibliográficas.....	143

Prefácio

A transformação do trabalho de Mestrado de Cláudia Schemes em livro representa uma contribuição importante para a historiografia latino-americana realizada no Brasil. A dissertação apresentada junto ao Programa de História Social da USP, em 1995, despertou grande interesse e foi amplamente consultada na Biblioteca onde ela está depositada; tal interesse se explica pela originalidade do tema e abordagem inovadora que ela encerra.

A autora teve a ousadia de realizar um estudo comparativo sobre o varguismo e o peronismo, o que demandou pesquisa de fontes na Argentina. A pesquisadora viajou para esse país com seus próprios recursos porque as agências de fomento não concedem bolsas a mestrados para a realização de pesquisas no exterior. Mas o esforço foi muito válido, pois os resultados da comparação se mostraram extremamente relevantes para a melhor compreensão dessas duas experiências históricas.

A escolha das festas cívicas e esportivas como objeto de análise se justifica pela importância que adquiriram em regimes que operam no registro de uma política de massas que se caracteriza sobretudo pela relação estabelecida entre o líder e as massas, como ocorreu na Alemanha nazista, na Itália fascista e muitos outros que, na mesma época, se orientaram por esse modelo. O varguismo e o peronismo não se identificam com o nazifascismo, como mostra a autora, mas no que tange ao uso da propaganda política e outras técnicas que visavam à aproximação e ao controle das massas, a inspiração na experiência alemã e italiana é evidente.

O poder, como afirma George Balandier na sua obra *O poder em cena*, é concebido como um jogo dramático que persiste ao longo dos tempos e ocorre em todas as sociedades, mas a produção de imagens, a manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial efetuam-se de modos variados.

Nos regimes que se fundamentam na política de massas, a teatralização tem papel relevante e o cenário teatral se mostra especialmente adequado para o convencimento.

O poder, nestes casos, utiliza meios espetaculares para marcar sua entrada na história. Claudia analisa de que forma as festas oficiais no varguismo e peronismo seguiram o figurino das comemorações e festas cívico-esportivas realizadas na Itália e Alemanha, mas apresentando especificidades que seu estudo aponta.

A propaganda política tem como objetivo criar a imagem de harmonia social visando, também, ocultar os conflitos. As mensagens propagandísticas se referiam a uma sociedade fraterna, construída a partir do Estado e, com base nessa utopia, formulou-se a representação de uma “sociedade em festa”, coesa e unida em torno do líder. A autora mostra que, se o espetáculo do poder por meio das festas cívicas e esportivas (solenidades oficiais, desfiles cívicos, jogos, demonstrações de atletismo) tinha como meta exibir a imagem de uma sociedade ideal, ela servia também ao ocultamento das práticas repressivas exercidas pelos regimes para manter o controle social.

Operando com esse duplo significado do espetáculo, a autora revela, passo a passo, como essas experiências políticas de natureza autoritária acionaram mecanismos de mobilização e doutrinação das massas, procurando através da disciplinarização dos corpos e das mentes conquistar apoio irrestrito ao poder, reiterando continuamente sua legitimidade. No entanto, os espetáculos faziam parte de um ampla rede de propaganda que, apesar de sua força de persuasão, não era onipotente, pois, como afirma Claudia, havia resistências das mais variadas formas ao sistema coercitivo.

A ritualização das festas funcionava como elemento regulador do cotidiano dos cidadãos, mas não os impedia de participar delas, mobilizados por seus próprios interesses e vontades. A própria

obrigatoriedade de participação punha em xeque a espontaneidade da adesão. A realidade teatralizada contribuía para mascarar os conflitos, mas sob essa máscara, a sociedade múltipla, plural e com interesses diversificados não deixava de existir.

A discussão conceitual e metodológica, realizada com muita competência, orienta a interpretação das fontes que vão se apresentando ao longo do trabalho, de maneira interessante, o que torna a leitura do texto extremamente agradável. As imagens que são lidas com acuidade pela autora, também contribuem para isso.

Os três capítulos que compõem a obra se articulam de forma a mostrar os aspectos mais relevantes relacionados ao tema, ou seja: a construção da imagem do “novo” (nova sociedade, novo homem); a utopia da sociedade feliz, harmônica, unida; a relação do líder com as massas e a tentativa de disciplinarização dos corpos, orientada pelas idéias de eugenia e militarização. Todos estes aspectos são abordados a partir de uma perspectiva comparativa que permitiu analisar os aspectos comuns e as especificidades das duas experiências que ocorreram em sociedades vizinhas e próximas no sentido da temporalidade.

Outros trabalhos dessa natureza, ou seja, voltados para à história dos imaginários sociais, foram realizados tanto no Brasil como na Argentina a partir das décadas de 1980. Os historiadores que se propuseram a fazê-los, revisitaram o período de forma inovadora, porque procuraram compreender essa época a partir de novos ângulos e novas questões. Para tanto, exploraram fontes que se mostraram muito oportunas para a revisão de teses consagradas e indicaram respostas a indagações que até então não tinham sido colocadas. Afinal, este é o sentido das revisões historiográficas, ou seja, cada época coloca para o pesquisador questões diferentes que permitem voltar ao passado com outro olhar que sempre o redescobre, acrescentando elementos inéditos para a compreensão mais ampliada das experiências de vida dos antepassados.

O leitor deste livro, certamente, se surpreenderá, de forma positiva, com os resultados desta pesquisa inédita.

Prof^a. Dr^a. Maria Helena Capelato

Introdução

Este trabalho procura analisar o significado das festas cívicas e esportivas nos governos de Getúlio Vargas, no Brasil, durante o período conhecido como Estado Novo (1937/1945) e de Juan Domingo Perón, na Argentina, em seu primeiro mandato como Presidente da República (1946/1955).

Em termos metodológicos identificamo-nos com a história política que hoje propõe novas abordagens nesse campo. Lembramos que, desde o advento da Escola dos Annales, essa corrente historiográfica vinha sendo negligenciada e considerada como superficial, narrativa e episódica. Segundo Peter Burke, com a terceira geração dos Annales, a política volta a despertar o interesse dos historiadores. (Burke, 1991).

O questionamento dos paradigmas clássicos das ciências sociais permitiram a revisão do papel atribuído aos sujeitos e a sua ação individual ou coletiva na história; o caráter generalizador e hegemônico desses paradigmas, também questionado, deu lugar a análises que levam em conta as especificidades históricas.

Nesse contexto, podemos dizer que a história política foi revista. O termo “política” não aparece apenas ligado aos grandes homens, às disputas partidárias e ao Estado, mas ao poder como um todo, ou aos “micropoderes”, a que se refere Foucault, além de estar associado à cultura política, às idéias e mentalidades. A análise do político se torna mais complexa e abrangente, podendo este ser apreendido em várias manifestações como, no nosso caso, nas fes-

tas cívicas e esportivas, organizadas pelos regimes varguista e peronista, cujo significado político pretendemos desvendar.

Procuraremos mostrar, nesta pesquisa, a importância das festas oficiais nesses regimes, indicando as possibilidades de controle que estavam incutidas nesses eventos.

Consideramos o varguismo e o peronismo como momentos de reforço do autoritarismo na América Latina, e não regimes democráticos, conforme afirmavam seus protagonistas, idéia que passou da memória construída, naquele momento, para a historiografia.

Buscando compreender os fundamentos desse autoritarismo, nos remetemos ao nazi-fascismo, para saber em que medida e até que ponto Vargas e Perón se inspiraram nessas experiências européias, no que se refere às práticas de controle social.

Tanto o nazismo quanto o fascismo são, no Brasil e na Argentina, “idéias importadas”, porém, como diz Maria Helena Capelato, essas idéias circulam, havendo sempre umnexo entre sua produção e reprodução em situações particulares, o que define novos prismas. (Capelato, 1988.p.16).

Cabe também explicitar por que erigimos as festas cívicas e esportivas como objeto de estudo.

As ideologias varguista e peronista enfatizam a busca da harmonia social e a eliminação dos conflitos entre as classes. O seu objetivo consistia na construção de uma sociedade fraterna, via Estado, devendo este atuar como defensor dos direitos das classes trabalhadoras. Com base nessas idéias de harmonia e fraternidade, criou-se a imagem da “sociedade em festa”. Slogans do tipo “Com Getúlio o povo é feliz” e “a Argentina é uma festa” tentam passar uma visão da sociedade coesa e unida em torno do líder.

Procuraremos desvendar os mecanismos ideológicos que apontam para a unanimidade de apoio das massas ao regime, mostrando a teatralização da idéia da sociedade coletiva.

As manifestações públicas, as solenidades oficiais, os desfiles cívicos, os jogos, as demonstrações de atletismo tiveram papel mui-

to importante nos referidos regimes. Procuraremos mostrar até que ponto essas práticas foram eficazes na manipulação e cooptação das massas.

Por esses motivos, consideramos importante a análise das festas cívicas e esportivas como uma das formas mais características de propaganda política.

A teatralização da sociedade, através dessas festas, se relaciona diretamente com a imagem de felicidade coletiva e alegria do povo; essas imagens ocultavam, ou pelo menos desviavam o olhar das práticas de repressão exercidas com vistas ao controle social.

A coerção física e ideológica exercida sobre a sociedade representava a outra face da moeda onde se estampava a imagem do “povo feliz”, manifestando sua alegria nas festas esportivas, nas praças públicas, nos estádios por ocasião das festas cívicas promovidas pelo governo.

Para analisarmos essas festas, recorreremos a alguns autores que trabalharam com o tema, como Mikhail Bakhtin que, mesmo tendo estudado o tema da festa em outro contexto, nos será de grande importância, pois trabalha com a idéia de que a festa representa o nascimento de uma nova ordem. Nesse sentido Mona Ozouf, que estudou as festas revolucionárias da França do século XVIII, também nos será útil, pois analisa a festa na concepção revolucionária que ela apresenta. Já Bronislaw Baczko trabalha com a utopia incutida nas festas, ou seja, a relação festa/imaginário. A autora Dominique Pelassy, que analisa o significado da festa no nazismo, também nos auxilia muito a compreender as festas promovidas pelos regimes varguista e peronista.

A investigação sobre as festas oficiais nesses governos nos remete às análises sobre o populismo. A descaracterização da política populista como um fenômeno de dominação política e social prevaleceu até o momento em que autores como Francisco Weffort passaram a questionar a caracterização do populismo como mera demagogia ou ausência de ideologia, ou como um fenômeno passível de ser explicado pelo oportunismo de líderes paternalistas e

carismáticos, sendo a idéia de irracionalidade das massas a base para a compreensão dessas experiências. O autor considera o populismo como uma forma de dominação de classe, isto é, como o produto da ação da classe dominante e do seu Estado, tendente a manter a atividade dos dominados dentro do horizonte de seus próprios interesses. (Weffort, 1980) Esta abordagem implicou na abertura de um caminho novo para a compreensão do período.

Outros autores questionaram as análises sobre o populismo no que se refere à generalização imposta pelos modelos genéricos e tipológicos porque não permitem levar em conta as diferentes situações em que o populismo se manifesta. O populismo peronista tem muitos aspectos em comum com o populismo varguista, mas os modelos nem sempre permitem salientar devidamente as suas especificidades, seus particularismos.

Outro questionamento levantado, desta vez por Marilena Chauí, a respeito do populismo é a idéia de “vazio de poder”, presente na historiografia sobre os anos 20 e 30. (Chauí, 1978.p.54).

Essa noção de “vazio político” implica a inexistência de uma burguesia nacional, de uma classe média e de uma classe operária forte, autônoma e organizada, o que obrigaria o Estado a assumir o papel de sujeito e condutor do processo histórico. Segundo Chauí, não se pode falar em “vazio de poder”, já que os sujeitos históricos são as classes sociais atuando por interesses contraditórios que se manifestam na configuração do Estado.

Além disso, o populismo foi enfatizado pela historiografia como um fenômeno de manipulação das massas pelas elites dominantes.

A esse respeito, Maria Célia Paoli afirma que o Estado Novo

[...]produziu ideologicamente sua própria significação, ao emitir um discurso que procura apagar o espaço social, despolitizá-lo ao tentar representar este espaço em suas leis e fazer desta representação o significado de seu tempo. (Paoli,s.d.,p.97)

Para a autora, a história das classes populares, durante o Esta-

do Novo, não pode ser reduzida a uma história institucional, pois ela não se enquadra em um modelo paradigmático previamente construído. Os trabalhadores tinham suas próprias experiências, suas práticas políticas e culturais cotidianas que não se enquadravam em modelos, o que deixa claro a heterogeneidade social do período.

Também na Argentina, a participação das classes populares não ocorreu da maneira como a ideologia oficial a apresentava.

Segundo Daniel James,

[...]o apoio da classe trabalhadora a Perón tem sido visto como um lógico compromisso dos trabalhadores com um projeto reformista dirigido pelo Estado que lhes prometia vantagens materiais concretas. (James, 1989.p.26)

O autor tenta mostrar que a massa não era passiva e manipulada, mas dotada de vontade própria e à procura da satisfação de suas necessidades.

Segundo M.Murmis e J. C. Portantiero, o que foi fundamental para o apoio dado a Perón pelos operários foi o sentimento de derrota e frustração decorrente dos inúmeros problemas que tinham e que o governo não se preocupava em resolver. Essa situação deixou o operariado propenso a aderir a forças políticas e sindicais que lhes mostrassem possibilidades reais de conquistas. (Murmis & Portantiero, apud, Beired, 1984.p.74).

Perón representava, então, a solução de muitos dos problemas materiais da classe trabalhadora argentina, e isso foi fundamental para explicar o apoio dado a ele por uma parcela significativa do operariado.

Entretanto, não podemos deixar de lembrar que outra grande parcela do operariado resistiu ao controle do regime sendo reprimida e, nesse processo de repressão, é difícil resgatar a memória dessa resistência, pois grande parte foi apagada pelos órgãos do poder.

Voltando ao caso do Brasil, Ângela de Castro Gomes procura explicar o significado da adesão ao regime varguista, dizendo que

[...] havia uma “dupla lógica” no processo histórico pelo qual o Estado teve seus poderes ampliados e passou a intervir na sociedade. De um lado, uma lógica material pela qual os interesses nos benefícios trazidos pelo direito trabalhista explicam a adesão dos trabalhadores ao regime. De outro lado, uma lógica simbólica de formação e mobilização de identidade, uma lógica de reciprocidade que relia as demandas e valores dos trabalhadores, transformando seu atendimento num ato de generosidade, que reclamava implicitamente reciprocidade. (Gomes, 1988.p.327).

Acreditamos que, tanto no Brasil quanto na Argentina, a ênfase na manipulação e cooptação das massas pelos líderes populistas fez com que não se levassem em conta os interesses, vontades e possibilidades de ação das classes populares. Captar essa inter-relação entre as “massas” e os líderes dos respectivos regimes, levando em conta esses aspectos que as análises anteriores não consideraram, é um dos propósitos deste trabalho.

A utilização da metodologia comparativa se justifica neste caso, porque permite, além do questionamento aos modelos de análise que não observam as semelhanças e diferenças das sociedades em questão, analisar, mais a fundo e por outros ângulos, aspectos dessas experiências históricas, não valorizadas pelos estudos anteriores, como é o caso da representação política e cultural, campo no qual se insere esta investigação sobre as festas cívicas e esportivas¹.

Segundo Marc Bloch, o procedimento da comparação é susce-

¹ Segundo Raymond Grew, mesmo não possuindo ainda métodos estabelecidos, a história comparativa permanece aberta a diferentes teorias e vem se tornando respeitável como uma forma de pensar a sociedade. Para ele, a perspectiva histórica carrega implícita a comparação entre as sociedades e períodos diferentes, trazendo à tona questões importantes. (Grew, 1990)

tível de duas aplicações totalmente diferentes. No primeiro caso, podemos comparar sociedades separadas no tempo e no espaço e, no segundo caso, podemos estudar paralelamente as sociedades ao mesmo tempo vizinhas e contemporâneas, influenciadas umas pelas outras e submetidas, em seu desenvolvimento, à ação das mesmas grandes causas e remontando, ao menos parcialmente, a uma origem comum. (Bloch, 1963).

Bloch ainda afirma que o principal serviço que se pode esperar de uma comparação entre sociedades diferentes e vizinhas é o discernimento das influências exercidas por esses grupos, uns sobre os outros.

Para o autor, é importante estudar as semelhanças, pois elas nos permitem dar um passo adiante na procura das causas gerais dos acontecimentos mais significativos das sociedades estudadas.

Tendo como base essas concepções de Marc Bloch, podemos dizer que a comparação das sociedades argentina e brasileira nos ajuda a mostrar que, além das diferenças em vários âmbitos, as festas cívicas e esportivas, quando comparadas, permitem analisar em maior profundidade os aspectos comuns aos dois regimes.

Durante o varguismo e o peronismo, todas as datas nacionais eram comemoradas. Entretanto, seria inviável analisarmos as comemorações na sua totalidade, daí termos selecionado três datas que consideramos as mais significativas em cada país. Essas datas são: o 1º de maio – dia do trabalhador; 17 de outubro na Argentina e 10 de novembro no Brasil, datas em que era comemorado o aniversário dos respectivos governos e 7 de setembro no Brasil e 9 de julho na Argentina, dia das independências nacionais.

As festas eram realizadas nos estádios desportivos (Vasco da Gama no Rio de Janeiro, Palestra Itália e Pacaembu em São Paulo), praças (Praça da Sé, por exemplo) e avenidas (por ocasião dos desfiles); na Argentina, as comemorações eram feitas na Praça de Maio, região central de Buenos Aires e nos estádios desportivos.

Os órgãos governamentais eram os responsáveis pela organização dos festejos: no Brasil, o Departamento de Imprensa e Propa-

ganda (DIP) e o Ministério da Educação e Saúde se encarregavam delas. Na Argentina, a Central Geral dos Trabalhadores (CGT) era quem, principalmente, organizava as comemorações.

As festas tinham ampla participação popular. Vistas como importantes sustentáculos do regime, os governos se empenhavam, ao máximo, na mobilização da sociedade. Além disso, a presença obrigatória de entidades organizadas nos festejos, praticamente garantia o espetáculo de participação ampla. Nas festas havia representantes de colégios (particulares e estaduais), entidades esportivas, Marinha, Exército, Aeronáutica, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e Especial, bandas, corais, grupos de dança, de teatro, escoteiros e sindicatos.

Todos esses segmentos faziam algum tipo de apresentação: havia desfiles, dança, ginástica, teatro, música, missa, discursos, palestras pelo rádio, exibição de filmes. Eram promovidos concursos literários, cinematográficos e inaugurações de exposições, monumentos, estátuas. As feiras, os restaurantes populares, as festas populares, as criações de clubes para crianças e jovens, as festas infantis atraíam uma parcela significativa da população.

Na Argentina havia, ainda, além dessas atividades mencionadas, a escolha da Rainha Nacional do Trabalho, por ocasião do primeiro de maio; no dia 17/10 eram entregues as medalhas àqueles que se sobressaíam pela dedicação, abnegação e lealdade, ao peronismo.

A população, para chegar ao local das festas, utilizava-se de todos os meios de transporte (carros, ônibus, bondes, trens) e em algumas situações chegavam a ir a pé. Nessas ocasiões, costumava-se fazer um esquema especial de transporte, bem como de serviços de assistência médica.

As pessoas aglomeravam-se nos locais próximos às comemorações e desfiles, subiam em árvores, prédios, carros, faziam de tudo para ter uma boa visão do espetáculo.

Buscaremos mostrar os vários aspectos e o significado político das festas promovidas pelo varguismo e peronismo:

No capítulo 1, intitulado “A festa e a “nova” sociedade”, procuraremos analisar a imagem do novo(a) produzido no contexto das festas oficiais. A “nova” sociedade e o “novo” homem, que se formavam com os governos de Vargas e Perón, eram denominados revolucionários.

O Capítulo 2 tratará da festa e da utopia da sociedade feliz. Procuraremos mostrar que onde se construiu o espetáculo da sociedade feliz, harmônica e unida, havia, também, a repressão e a resistência às formas de controle social.

A relação do líder com as massas nas festas é o elemento a ser analisado no Capítulo 3, onde faremos, também, algumas reflexões a respeito dos regimes populistas vistos pelo ângulo da dominação de classe; procuramos encarar os participantes dessas festas como sujeitos ativos da política e não apenas como objeto passivo, como foi enfatizado em várias análises sobre o período.

As festas oficiais como forma de controle do corpo e da mente dos cidadãos serão analisadas no Capítulo 4, onde veremos a importância do disciplinamento do corpo, através das idéias da eugenia, militarização e da prática da educação física e da educação do menor.

1- A festa e a “nova” sociedade

Vargas e Perón consideravam seus regimes como representativos de uma “nova” ordem, tanto política, quanto social e econômica. A chegada de Vargas ao poder, em 1930, e a de Perón, em 1946, foram consideradas revolucionárias, pois transformariam, segundo os ideólogos dos regimes, radicalmente as sociedades brasileira e argentina.

A memória construída pelos adeptos do varguismo e peronismo consagrou a vitória de Vargas com a “Revolução de 30”, e a vitória de Perón, nas eleições de 1946, também foi sempre comemorada com o termo Revolução, para marcar o caráter inovador desses regimes. As festividades comemoravam esses eventos, reforçando a idéia de transformação radical, ou seja, do recomeçar regenerador da sociedade.

Vargas, assim que assumiu o governo em 1930, para dar essa feição renovadora, revolucionária às suas ações, valeu-se do “novo” como a palavra de ordem. Seu governo seria o responsável pelas transformações que o país necessitava e ele, o líder, estaria à frente delas. O passado era representado como o “velho”, o atraso que deveria ser superado por “novas” idéias e realizações.

Durante o Estado Novo, a relação da Revolução de 30 com a imagem do “novo” foi constantemente reforçada: 1930 representara o início da construção de uma nova era, como mostra um dos muitos discursos de Vargas.

Não devemos jamais esquecer que a revolução ainda não terminou. A luta travada entre 3 e 24 de outubro foi, apenas,

episódio militar em que se concretizou o esforço dos brasileiros, com o fim determinado de derrubar as barreiras opostas à ação transformadora, necessária para modificar a vergonhosa situação do país.

A simples mudança de nomes nas altas esferas governamentais não basta para encerrar o ciclo do movimento regenerador. Só agora começa o lento processo de transformação, no qual deve ter preeminência o espírito revolucionário, criando nova mentalidade política que o pratique integralmente, de acordo com os imperativos da vida real e as exigências complexas do momento social que atravessamos [...](Vargas,1943.p.40)

As comemorações do aniversário do Estado Nacional (10 de novembro) vinham carregadas de mensagens que lembravam a faceta “revolucionária” do “novo” regime e a obra de “reconstrução” em todos os setores da vida brasileira.

Com brilho excepcional, foi comemorado a 10 de novembro o 5º aniversário do Estado Nacional. Os brasileiros, perfeitamente integrados no regime, tiveram oportunidade de refletir sobre a prodigiosa transformação verificada em todos os setores da vida do país nestes últimos cinco anos e compreender as barreiras que essa transformação acaba de criar entre o Brasil de hoje e o Brasil de ontem, ingenuamente embalado pelos preconceitos do liberalismo.

E ninguém deixou de sentir que já não é possível retroceder, que nada mais deterá o curso das novas idéias. A marcha do Brasil para o futuro, dentro dos princípios que o reajustaram no seu destino histórico, jamais encontrará obstáculo. (Cultura Política, 1943. p.148)

Vargas, em todas essas comemorações, evidenciava as grandes transformações operadas no organismo econômico-social do país desde a Revolução de 30.

O Brasil passava a ser um país “diferente” em suas formas, estruturas e fins, tendo a realização do homem como objetivo final. O “novo” regime buscava a humanização do Estado, que nasceria da crise pela qual o mundo estava passando e que seria superada, no Brasil, com o nascimento do “homem novo”, pois o “novo” regime traria as condições propícias para seu advento.(Cultura Política, 1941. p.133-8)

O “novo” governo instituído por Vargas era considerado a solução de muitos dos problemas existentes no país.

Vargas justificava o golpe falando das exigências do momento histórico e das solicitações do interesse coletivo. Segundo afirmava, assumiu a responsabilidade da condução da nação, numa situação de “profunda perturbação política, econômica e social”. (Vargas, 1938.p.19)

A justiça social e a atenção às reivindicações das classes trabalhadoras são colocadas como prioritárias.

A imagem de libertação de um passado atrasado, desumano e opressor ficava evidente no governo varguista e nas comemorações de aniversário do Estado Nacional, quando o novo era comemorado com todas as pompas. Essa marcação de tempo, que implica uma releitura do passado e projeção de futuro, legitima uma nova forma de exercício de poder.

O “novo” também é comemorado, com ênfase, na Argentina, quando Perón assumiu o governo e pôde colocar em prática sua “Revolução Justicialista”.

Não podemos esquecer, entretanto, que foi o golpe militar de 1943 que projetou Perón na história argentina.

Perón considerava-se responsável pela “nova” Argentina, pois dizia que vinha de um “outro mundo”, de fora, no caso, o exército, que lhe possibilitava criar a imagem da neutralidade, a partir da posição de observador. O exército, como reino da ordem, da moral e da hierarquia representava o modelo de sociedade que Perón tentou construir para eliminar a “desordem”; alegando que a pátria estava em perigo, justificou a necessidade de mudança política.

Na concepção política de Perón, o Estado deveria se colocar acima das classes sociais e a coletividade passaria a se sobrepor ao indivíduo, o elemento causador da desordem.

Perón considerava a política o reino da desordem, da corrupção, e o exército, como instituição extrapolítica, seria o caminho para a harmonização e a felicidade da sociedade. Essa felicidade pregada por Perón estaria ligada ao coletivo, não ao individual. Perón pretendia promover a unidade harmônica da sociedade. A redenção

pregada pelo peronismo tinha um sentido patriótico. O significado político do “projeto redentor” se ocultava na ênfase aos valores da Pátria.

Numa “inesquecível jornada cívica”, em 18.10.50, Perón diz à multidão que o assiste que “trabalhando juntos teremos construído sobre uma Argentina injusta e traída, um país socialmente justo, economicamente livre e politicamente soberano”. (Democracia, 18.10.50)

O povo, desarmado e manso, encontrou uma arma: a força moral. Até onde foi de poderosa, de irresistível e eficaz, o diz a História. E o dizem também os que deverão depor ante sua força, a sutil a completa trama de uma intriga que se pode supor invencível. Com a força moral de sua única presença, de suas gargantas vibrantes de consignas afirmativas, de seus peitos generosos oferecidos como desafio do espírito, as multidões do 17.10.45 realizaram a Revolução mais transcendental da vida nacional argentina. Esse dia ficou como uma data de glória para o povo trabalhador. Ele explica, por si só, pela grandeza de cada uma de suas horas memoráveis, a capital importância de suas conseqüências ulteriores: a libertação nacional, a incorporação da pátria à plena soberania, simbolizada no nome de seu líder”. (Agora, 17.10.46)

1.1- O “novo” e a imagem da sociedade feliz

Félix Luna faz uma análise bastante interessante acerca desses “tão gloriosos” anos iniciais do governo Perón, quando houve uma melhoria substancial no padrão de vida dos argentinos.

O significativo aumento do poder aquisitivo permitia o consumo, aspecto de importância crucial em um país capitalista.

Para a mentalidade capitalista, alimentada pelo incentivo ao consumo, não pode haver satisfação maior que a aquisição daquilo que, anteriormente, só poderia ser admirado e cobiçado.

Segundo Luna, um fato que justifica o estado de euforia do período é o crescimento demográfico ocorrido à época. A política peronista “assinalou uma segurança, um otimismo, uma felicidade geral que induzia as famílias a crescer, a multiplicar-se, sem temer o futuro”. (Luna, 1984.p.465)

O bem-estar coletivo foi muito intenso nesses anos iniciais do

governo Perón. O mercado de trabalho aumentou, os salários subiram, a jornada de trabalho diminuiu, muitos trabalhadores se dirigiram do interior para a capital ou arredores, o que era considerado uma maravilha, pois aí as diversões eram abundantes.

Porém, a felicidade coletiva não se limitava aos aspectos materiais, mas também à sensação de proteção que o governo oferecia, governo esse que procurava não ser abstrato e distante, mas personificado num homem e numa mulher (Perón e Evita), sempre prestativos, presentes e dádivosos.

A decantada felicidade também se explica pela sensação de tranqüilidade, pois o governo peronista insistia na idéia de que Perón salvara o país de muitos perigos: o país corra sérias ameaças advindas de inimigos tais como os comunistas, os americanos, a oligarquia tradicional e os velhos políticos que nada faziam para o bem-estar do povo; Perón salvara o país de todas essas ameaças.

No Brasil, Vargas exerceu idêntico papel. Justificou o golpe de 1937 como a salvação do país do perigo comunista; em 1930, a Revolução salvara a sociedade das “oligarquias decadentes e retrógradas”.

A sociedade “feliz” também concretizou-se no Estado Novo, segundo os ideólogos do regime.

A família, que sempre teve um papel importante na constituição da sociedade, nos regimes por nós analisados, passa a ter uma importância maior ainda.

No Brasil, havia, inclusive, um decreto-lei assinado por Vargas em 1941 que dispunha sobre a organização e proteção da família; ele deveria ter se transformado no “Estatuto da Família”, o que acabou não ocorrendo. Nesse decreto, ficava clara a ingerência do Estado na vida familiar, no sentido de aumentar a natalidade, consolidar e proteger a estrutura familiar tradicional. Isso deveria ocorrer através do estímulo ao casamento, amparo à maternidade e restrição da admissão de mulheres no mercado de trabalho, visando à sua permanência no lar. (Schwartzman, 1984.p.111-3)

Na Argentina, a política peronista também estava assentada na família. O peronismo reiterou a importância das crianças e das

mulheres: as revistas ensinavam como a mulher deveria manter sua saúde física e moral, conduzir sua casa, ajudar para manter uma boa relação entre pais e filhos. Ser boa esposa e mãe deveria ser o objetivo básico das mulheres.

Nestes aspectos, é nítida a inspiração na ideologia nazi-fascista onde se criou toda uma moral baseada na família. A mulher, símbolo da procriação, compunha a imagem da mãe perfeita, esposa generosa e a grande responsável pela constituição da família unida e feliz. A família seria um dos esteios da sociedade, a base para uma sociedade saudável e feliz.

A sociedade feliz foi a tônica dos dois regimes; a felicidade começava pela família entendida como “célula mater” dessas sociedades.

1.2-A festa e a revolução

As festas representavam um instrumento importante na simbolização da idéia do novo, do revolucionário e também reforçaram a imagem da felicidade.

Segundo Mikhail Bakhtin, as festividades sempre estiveram ligadas a períodos de crise na natureza, na sociedade e no homem.

“A morte e a ressurreição, a alternância e a renovação constituíram sempre os aspectos marcantes da festa”. (Bakhtin, 1987. p.189)

A contradição entre o mundo que agoniza e renasce é presença constante nas festas, segundo o autor.

As formas da festa popular têm os olhos voltados para o futuro e apresentam a sua vitória sobre o passado [...] a vitória da profusão universal dos bens materiais, da liberdade, da igualdade, da fraternidade. A imortalidade do povo garante o triunfo do futuro. O nascimento de algo novo, maior e melhor é tão indispensável quanto a morte do velho. Um se transforma no outro, o melhor torna ridículo o pior e aniquila-o. (Idem. p. 223)

Embora as festas analisadas por Bakhtin sejam festas populares, podemos fazer uma analogia com as festas oficiais, especificamente, no que se refere à idéia do nascimento de algo novo.

A idéia da morte da sociedade desigual, antagônica, atrasada, opressora deveria vir acompanhada do nascimento de uma nova ordem, materializada por Vargas no Brasil e, por Perón, na Argentina.

O renascimento da nova ordem ficava evidenciado nas festas, onde a unidade, a ordem, o progresso e a alegria eram retratados em cores marcantes.

O autor Bronislaw Baczko também direciona parte de sua análise da festa nesse sentido; afirma que a utopia da festa se configura no século XVIII, com as idéias iluministas e a prática das festas revolucionárias.

[...]a idéia-imagem da festa ideal resulta num tipo de tela sobre a qual se projetam os sonhos e os modelos de uma outra sociedade. Com a instauração das festas revolucionárias, as relações da festa com as idéias e imagens utópicas tornam-se ainda mais estreitas e todo um jogo de interação se instala entre o imaginário e o real. [...] as aspirações utópicas latentes encontram nas linguagens simbólicas da festa modos de expressão apropriados. (Baczko, 1978. p.242,243)

Acreditamos que a utopia da felicidade incutida nas festas é que possibilita sua identificação como revolucionária. Mesmo nas festas oficiais, onde não há interesse de mudança radical ou de renovação completa da sociedade, mas sim da permanência da estrutura de base, a festa se apresenta como inovadora devido à imagem utópica que carrega.

Mona Ozouf afirma que a festa é um momento de abertura para o passado e para o futuro, pois traz consigo a memória do passado e o prognóstico do futuro.

A autora sugere uma identidade entre festa e revolução: a revolução necessita da festa para perpetuar seus princípios.

O varguismo e o peronismo construíram a imagem da “revolução” como antídoto da revolução radical, ameaçadora da sociedade e de seus valores fundamentais. Nesse sentido, podemos entender que o grande número de festas cívicas na Argentina peronista e no Brasil de Vargas, tinham o objetivo de fazer crer que as mudanças instituídas pelos governantes eram “revolucionárias”,

instauradoras do “novo”, entendido como continuidade renovada e não como mudança radical.

Segundo os líderes, os benefícios que a classe trabalhadora alcançara com sua política social tinham sido tão grandes que representavam uma profunda mudança na sociedade e na vida dos argentinos e brasileiros; poderiam, portanto, ser considerados como parte de uma verdadeira “revolução” que deveria ter seus princípios perpetuados; a festa representava um dos instrumentos para isso, pois revitalizava esses princípios pela repetição e pela lembrança.

O caráter pedagógico da festa é que possibilita a transmissão dos valores dos novos regimes, ou seja, as festas são as responsáveis pela manutenção da lembrança e, como tal, representam instrumentos adequados para incutir, na massa, os ideais que os regimes querem perpetuar.

Ozouf desenvolve a idéia de que a festa, na revolução, é um exemplo de patriotismo. “Não se pode apreender dela nenhum projeto filosófico global, ou sentir uma necessidade coletiva, mas somente a urgência, sempre ansiosa, de assegurar a defesa nacional.” (Ozouf,1988.p.220)

Enquanto na sociedade francesa do século XVIII a festa acontecia “na revolução” promovida pelas “massas” contra o Antigo Regime, no peronismo e varguismo as festas eram organizadas para reforçar um regime que se dizia o produtor da revolução em benefício das “massas”. No entanto, apesar dessa diferença essencial, podemos estabelecer um elo de ligação entre a festa analisada por Mona Ozouf e as festas cívicas promovidas pelos regimes varguista e peronista: nos dois casos, o caráter político se sobressai, dando destaque ao patriotismo e à defesa da nacionalidade.

Em ambos observa-se, também, a marcação do novo como forma de controle do tempo. Segundo Ozouf,

[...]o tempo que as festas celebram é o tempo regenerável, aquele que a comoção revolucionária tem a virtude de reatualizar num movimento novo: a alegria esfuziante das festas diz da capacidade do tempo em fazer morrer o velho mundo e engendrar o novo.(Ibidem,p.218).

Idéias essas que são compartilhadas por Bakhtin, que se refere a esse fenômeno numa perspectiva mais ampla.

A festa é considerada algo que pode ser feito e refeito a qualquer momento e por qualquer um, dependendo da necessidade existente. É um instrumento muito eficiente para a manutenção de uma determinada situação.

Para Ozouf, a festa é extremamente alegórica, ou seja, nem sempre seu significado está naquilo que aparenta, mas escondido nas entrelinhas.

A autora também afirma que as festas são permeadas pela necessidade de mostrar as imagens portadoras de mensagens ideológicas, no sentido de conferir harmonia social e horror à exibição de imagens portadoras de mensagens que podem apresentar um duplo sentido, podendo causar uma revolta social.

Esta idéia é fundamental, pois nos remete à questão da contradição numa sociedade onde as festas criam a imagem da harmonia e ocultam a opressão/repressão, havendo por parte do regime um temor à transgressão da ordem estabelecida.

O “novo” tempo revolucionário implantado por Vargas e Perón significava uma ruptura com um passado arcaico e atrasado. Essa imagem trazia embutida a ideologia do progresso que englobava uma síntese do passado e uma profecia do futuro. O passado era resgatado no que tinha de melhor, seus heróis e feitos notáveis, por exemplo, e o futuro representava a superação do negativo, no caso, dos elementos que criavam obstáculos ao progresso.

Essa idéia aparece claramente em uma passagem da revista *Vida Doméstica*, de outubro de 1940, quando fala das comemorações do 7 de setembro:

No cenário iluminado daquela manhã, a alma brasileira, na alma jovem dos moços, apresentava-se para a grande cena do amanhecer novo de uma pátria nova. E o Chefe do Estado, ministros, autoridades e representações estrangeiras viram bem como pode dispor-se um povo a lutar por um grande ideal de independência e paz, sob o céu constelado de uma bandeira que anuncia aos quatro ventos a lei suprema da política moderna: -

Ordem e Progresso...

Bem hajas, mocidade brasileira![...] Nas dobras dessas bandeiras em desfile, sentiam-se as bênçãos do Passado e os afagos das brisas que traziam, naquela manhã de sol, os aplausos frementes do Brasil de amanhã[...] (Vida Doméstica, 1940. p.35)

É o “amanhecer novo” de uma “pátria nova” que trará, sob as “bênçãos do passado”, a modernidade e o progresso ao “Brasil de amanhã”.

A propaganda varguista e peronista fazia crer que Vargas e Perón tinham sido capazes de modificar o curso da história no Brasil e na Argentina. Colocando-os no lugar da “Divina Providência”, atribuía-se aos líderes um poder de controle do tempo, ou seja, do controle da história.

A festa cívica reforça a imagem do poder, comemorando a morte do passado - o velho - e a instauração do novo - o futuro.

1.3-Lazer

O “novo” regime possibilitou um aumento do lazer, pois a melhoria do padrão de vida dos trabalhadores argentinos e brasileiros ocorreu efetivamente².

Os trabalhadores passaram a usufruir de diversas formas de diversão e lazer, como a possibilidade de viajar devido às férias remuneradas, coisa que antes lhes era vedado devido aos seus baixos rendimentos. Além disso, havia a questão da segurança no empre-

² A adesão ao regime varguista e peronista se deu, em grande parte, devido à situação econômica favorável em que se encontravam os dois países.

A Argentina, no período inicial do governo Perón, vivia uma época de euforia econômica devido às conseqüências positivas da Segunda Guerra Mundial. A prosperidade devido às condições favoráveis do mercado internacional permitiu satisfazer reivindicações antigas da classe trabalhadora, além de que, pela primeira vez na história do país, esta era levada em consideração pelo governo.

No Brasil, Vargas vinha, desde 1930, adotando uma estratégia voltada para o atendimento das reivindicações trabalhistas, também porque a situação da economia brasileira no contexto internacional, desde então, era favorável à concretização da política trabalhista que implicava concessões à classe operária.

go; foi instituída também a indenização para as demissões.

Era a Nova Argentina, limpa, esplendorosa, orgulhosa de si mesma, que havia desdenhado os ianques, impunha condições aos ingleses, dava uma generosa mão à Europa e era um exemplo para a América Latina. E esta façanha eram eles, os trabalhadores, que a haviam tornado possível com seu apoio a Perón. Sentiam-se participantes do governo, co-autores do milagre e essa participação se palpava fisicamente nas cerimônias litúrgicas do regime. [...]

Para as massas argentinas, sentir-se participantes de um processo que lhes brindava o que antes lhes havia sido incansável, era decisivo. Poder enfrentar o patrão ou o capataz sentindo o respaldo do Estado, era para o trabalhador novidade deslumbrante. (Luna, 1984.p.470)

Segundo Felix Luna, outro fato importante para a popularidade de Perón foi a instituição do sábado inglês para quase todas as categorias de trabalhadores. Este dia, então, passou a ser o dia do passeio, compras, esportes, enfim, o lazer se introduz na vida do trabalhador.

Com um tempo disponível maior, os argentinos passaram a frequentar com mais assiduidade o “mágico mundo do espetáculo”, principalmente cinema e teatro. As peças e filmes tinham, majoritariamente, caráter comercial ou propagandístico.

As imagens estampadas em livro comemorativo do peronismo procuram mostrar a significativa mudança ocorrida na vida do trabalhador argentino depois que Perón assumiu o governo. Segundo o livro, até 1943, quando o governo estava nas mãos dos conservadores, o trabalhador vivia sob condições de trabalho desfavoráveis, baixos salários, pouca assistência, nenhuma esperança.

A “alegria”, representada pelas diversões populares como o teatro, não era desfrutada pelos trabalhadores, pois estes eram explorados com baixos salários desde que ingressavam na atividade profissional. Seus rendimentos não permitiam a realização de suas “ilusões”, seus filhos viviam “tristes”, não havia “esperança” de um mundo melhor numa vida marcada pela monotonia: as festas, nesse contexto, não tinham lugar.

Para completar o quadro trágico, o livro comemorativo mostra que o trabalhador, ao envelhecer, era demitido sem piedade. Depois de 1943, quando o grupo de que Perón fazia parte assumiu o governo, tudo mudou: as diversões aumentaram, o trabalhador passou a ter leis que o amparavam, seu salário subiu, sua família passou a viver em condições favoráveis, com férias remuneradas e aposentadoria.

Era o novo governo que proporcionava uma reviravolta na vida do cidadão argentino. A tristeza, o desconforto, a desilusão e a desesperança davam lugar à felicidade, ao bem-estar e ao otimismo.

No Brasil de Vargas, a possibilidade de divertimento também aumentou, dadas as medidas tomadas em benefício do trabalhador, como o salário mínimo, a jornada de trabalho de oito horas, o repouso semanal obrigatório, as férias remuneradas, a indenização por demissão sem justa causa, etc.

O lazer, como o teatro, o cinema, o carnaval, poderia ser desfrutado por um número maior de pessoas. O governo, inclusive, incentivava essas manifestações culturais, pois devido à censura, elas mostrariam apenas o lado bom do Brasil.

As festas populares também eram importantes formas de lazer, tanto no Brasil quanto na Argentina, por isso o governo tentava, de todas as maneiras, penetrar nessas festas para conseguir controlá-las.

Vargas e Perón, percebendo a importância das festas populares, instituíram as festas oficiais com o objetivo de garantir, com maior eficácia, o controle social e o apoio ao regime.

A imagem da sociedade feliz e harmônica ajudava a desviar a atenção das práticas de repressão e controle exercidos no cotidiano.

DIVERSIONES POPULARES

1943



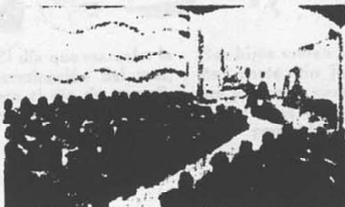
A pesar del bajo precio de las localidades, las salas de teatros sólo eran ocupadas por un mínimo de personas de condición acomodada.



Las diversiones populares, necesidad tan vital como cualquier otra, no estaban al alcance de todos los individuos que trabajaban.

Los bajos salarios de los obreros y los sueldos miserables que percibían los empleados les impedían disfrutar del placer humilde de una hora de expansión. La alegría era un privilegio poco menos que exclusivo de una reducida minoría.

1949



Las localidades son caras y para poder ir a un espectáculo hay que «hacer cola». Las diversiones populares muestran una enorme concurrencia de gente feliz.



El bienestar de las clases trabajadoras se demuestra, además, en las grandes masas que se desplazan para gozar de la alegría de vivir, para cimentar el optimismo de un pueblo que ha encontrado la ruta de su destino.

VIDA DE UN OBRERO ARGENTINO EN 1943

HASTA 1943



Se inició ganando centavos y trabajó en condiciones desfavorables a su desarrollo físico y profesional.



Llegó a medio oficial con sueldos que no pasaban de \$ 3.50 por día, en la mejor de las posibilidades.



Ya obrero hecho, su escaso jornal le cerró la posibilidad de una vida a tono con sus lógicas ilusiones.



El día que marcaba la terminación del mes, era el día de complicados cálculos matemáticos.



Sus hijos vivían la niñez triste, sin juguetes y a veces carentes de las cosas más indispensables.



Sus pedidos de justicia eran ahogados de manera violenta en la mayoría de los casos.



Careció de la asistencia médica necesaria y no se le abonaban los días que estaba enfermo.



Sus días transcurrían siempre igual sin una pausa de descanso, ni la menor esperanza de cambiar de situación.



Sus fiestas estuvieron siempre frenadas por su precaria situación económica.



Y cuando sus años le impidieron trabajar, fué despedido de la fábrica sin ninguna retribución a toda su vida de trabajo.

VIDA DE UN OBRERO ARGENTINO DESPUÉS DE 1943

DESDE 1944



Se inicia trabajando amparado por leyes que defienden su salud y que facilitan su perfeccionamiento técnico.



Su promoción a medio oficial le asegura un salario que duplica el que percibía en 1943.



Protegido por la moderna legislación obrera, su pase a la categoría de oficial lo coloca en ventajosa situación económica.



Su abnegada compañera disfruta de bienestar en la tranquila vida de un hogar protegido por leyes sabias y generosas.



Sus hijos no pasan privaciones y saben de juguetes y de útiles escolares.



Este día ha dejado de ser una pesadilla.



Sus justas reclamaciones son atendidas y solucionadas amistosamente.



Si se enferma tiene atención médica y licencia con goce de sueldo.



Su sueldo le permite ahorrar para poder disponer de algún dinero en cualquier contingencia.



Las diversiones públicas están a su alcance económico que le permite el acceso a lugares que antes le estaban vedados.



El día último de cada año recibe una doceava parte de los jornales o sueldos cobrados durante el mismo.



Las vacaciones pagas y el aguinaldo le permiten veranear con su familia con los consiguientes beneficios para la salud física y espiritual.



Y cuando llegue a la edad en que decaigan sus fuerzas físicas, la jubilación será el justo premio a su vida de trabajo.

La Nación Argentina. Publicação especial comemorativa pelo movimento peronista em 1950.

2 – *As festas cívicas*

Quando analisamos as festas cívicas no varguismo e peronismo, também percebemos a tentativa de se produzir, através delas, uma imagem de alegria, unidade e harmonia.

Nos festejos, a imagem da sociedade unida, fraterna, harmônica aparecia com muita ênfase.

A “feição animada do centro da cidade”, o “grande entusiasmo e alegria”, “vibrantes manifestações operárias, “o aspecto festivo da cidade” eram algumas das formas encontradas nos jornais para falar das datas festivas.

O jornal *O Estado de São Paulo* (sob intervenção do governo e, portanto, adepto dele) quando se reportou ao 10º aniversário de Vargas no poder afirmou:

Indescritível o aspecto que hoje apresentava a Esplanada do Castelo, completamente cheia de trabalhadores, ondulante de flâmulas brancas, verde e verde-amarelas, verdadeiro mar de estandartes e de cabeças desenrolando-se em ondas de cabeças disciplinadas. Desde às 15 horas de uma sacada do Ministério do Trabalho, o presidente Getúlio Vargas contemplava o soberbo espetáculo do desfile daquela massa de trabalhadores, massa alegre e varonil, que não obedecia a ordens, mas marchava consciente da homenagem de gratidão que prestava ao Chefe do Governo, massa de operários felizes, que enchia de hinos o vasto espaço da Esplanada. (OESP, 10.11.40)

Por ocasião do Dia do Trabalho, o mesmo jornal fez a seguinte colocação:

Apoteose popular: Todo o estádio, empunhando bandeirinhas nacionais, aclama o Presidente da República, ao serem ditas suas últimas palavras.

O chefe de Governo recebe os cumprimentos e durante todo o tempo não pôde se retirar, porque o povo redobrava nos seus aplausos quase delirantes [...] O povo atirava flores, desfraldava bandeiras brasileiras, erguia vivas, numa apoteose que demorou vários minutos [...] O povo, em delírio, recebeu-o sob palmas. (OESP03.05.41)

As comemorações da Semana da Pátria também deixavam transparecer essa mesma alegria vibrante.

Enquanto o Presidente da República passava revista às tropas, o povo tributava-lhe carinhosa manifestação, erguendo vivas e palmas. Na praia do Botafogo, o entusiasmo popular atingia o delírio. (OESP09.07.41)

ou ainda,

Revistiu-se de grande imponência o desfile da juventude brasileira hoje realizado na Praça Paris e assistido por uma multidão de muitos milhares de pessoas, vibrantes de entusiasmo [...] (OESP05.09.40)

Vargas era indicado como o “produtor” da felicidade. No discurso do Ministro do Trabalho, Waldemar Falcão, por ocasião do Dia do Trabalho de 1940, essa idéia ficou evidente. Segundo o Ministro, o presidente era o “semeador de felicidades”, responsável pela “solidéz e grandeza da Pátria”.

Num discurso proferido em 07.09.38, Vargas assume esse papel de “produtor” e foi além, responsabilizando-se pela preservação dessa felicidade à custa do seu próprio sacrifício.

Conduzir uma nação, em momento de tamanhas apreensões só pode e deve fazer quem seja capaz de tudo sacrificar pela felicidade comum. (Vargas,1943.p.29)

A satisfação popular e a incontida emoção eram acentuadas nos comentários que procuravam retratar as expressões de alegria e entusiasmo presentes nas festas.

O brasileiro é, com efeito, um povo livre. É um povo que manifesta sua liberdade pela mais expressiva e interessante forma: com sua perpétua alegria, com os seus gestos de cortesia inesgotável, com a sua música de indescritível beleza [...] Tudo isto já o faz um povo feliz. Não há brasileiro que não se orgulhe se seu país, mas modestamente, entenda-se a expressão. Os brasileiros são afáveis, simples e cheios de doçura e bondade, gostam de falar de sua Pátria, de mostrá-la ao mundo todo, sentindo-se satisfeitos com a admiração que provoca. (Vargas, 1942.p.273)

Nesse momento, percebemos que Vargas reproduz, também em seus discursos, os traços de personalidade atribuídos ao povo brasileiro para a construção do caráter nacional, como a bondade, a cordialidade, a afetividade, a docilidade e a submissão.

A idéia da participação “fervorosa”, “emocionada”, “entusiasmada”, “apoteótica” da massa também era comum nos artigos que descreviam as festas peronistas e que serviam para moldar os comportamentos adequados.

As festas argentinas eram realizadas em diversas situações, como por exemplo, antes das eleições, depois de agitações políticas, nas datas mais importantes para o país e para o regime, ou quando Perón queria impressionar seus opositores com uma mostra pública de solidariedade popular.

Perón e Evita faziam a multidão esperar durante horas para, então, aparecer nos balcões da casa do governo. A multidão os recebia com “clamoroso júbilo”, onde se mesclavam gritos, buzinaços e música. Os discursos eram aplaudidos intensamente e, em alguns momentos, levavam ao delírio os manifestantes.

O jornal *Lá Época*, de 18/10/48, assim traduz as emoções populares apresentadas na festa da libertação nacional:

“Vivas clamorosos. Frases emotivas e entusiastas. Expressões reveladoras do amor e devoção popular a seu líder cruzaram o ar”.

Diz ainda,

Na festa do 3º aniversário do 17/10, mais de dois milhões de pessoas, almas plenas de regozijo, gargantas incansáveis que recorrendo a todas as escalas do som deram vivas ao primeiro

mandatário e sua esposa [...]o entusiasmo popular é indescritível.
Povo autêntico, verdadeiro povo [...]

Por ocasião da festa da independência o jornal *La Época* diz:

Os atos celebratórios da data da pátria-que comove os corações de todos os argentinos tiveram expressão de autêntico fervor popular em cada uma das muitas manifestações em que o povo põe suas mais puras emoções. Desde cedo, milhares de pessoas foram chegando – nos mais variados e inverossímeis meios de transporte – aos lugares estratégicos de onde pudessem observar, com relativa comodidade e boa visão, o passar das tropas (...) demonstrações de adesão e de carinho de um povo feliz, que vê com fé e com otimismo a grandeza de um destino sempre maior, apoiado nas glórias de um histórico passado e reafirmado na magnífica solidez de um auspicioso presente que permite vislumbrar as seguranças de um futuro venturoso para os homens de boa vontade de uma terra generosa. (*La Época*,09.07.1951)

As idéias de harmonia, união e paz também eram reforçadas insistentemente; “A efetiva unidade dos argentinos é a finalidade do peronismo” (*La Época*, 02.05.59) e “Façanha de um povo: em uma jornada memorável, o povo unido e firme em seu posto de luta rendeu uma cálida homenagem ao governo em uma jornada inesquecível.” (Idem)

Perón em um discurso aos trabalhadores ferroviários, disse:

Esta confiança que haveis dispensado e esta fé que estou seguro dispensareis, tendem a um objetivo superior, a unidade de todos os argentinos, para o qual é necessário fazer desaparecer lutas odiosas e diferenças absurdas, para que neste país com novos ideais, com os lábaros da pureza e virtude a sua frente, se possa dizer algum dia que foi cumprido o ideal tão antigo com o mundo, de que não haja homens excessivamente ricos, nem homens excessivamente pobres. (Perón,1984.p.42)

Perón, manifestando-se contra a luta entre patrões e empregados, afirma que só o amor unia:

Sabemos que há um só milagre que há de realizar-se para a felicidade da pátria. É a sagrada força que anunciamos em nossa proclamação, a união de todos os argentinos. (Perón,1984.p.96,97)

Segundo Guy Debord,

[...] toda a vida das sociedades, nas quais reinam as condições modernas de produção, anuncia-se como uma imensa acumulação de 'espetáculos'. Tudo o que era diretamente vivido, afastou-se numa representação. (Debord, 1972.p.11)

As festas eram relatadas como “verdadeiros espetáculos”. Tudo era grandioso, de “magnitude apoteótica”, “espetáculos cheios de luz e entusiasmo”.

Músicas, desfiles, fogos de artifício completavam a imagem da felicidade, alegria, paz e harmonia reinantes na Argentina e no Brasil.

Às 16 horas, sob uma salva de 21 tiros de morteiro e ao som do Hino Nacional, o Presidente Getúlio Vargas deu entrada no estádio em carro aberto [...] ouviu-se, nesse momento, prolongada aclamação partida da massa popular que se aglomerava [...] O carro presidencial em marcha lenta deu volta ao campo debaixo de grandes manifestações. (OESP, 03.05.40)

Nesse contexto, as comemorações cívicas tinham papel fundamental. O culto aos símbolos e heróis nacionais procurava transmitir aos cidadãos as noções patrióticas fundamentais para a preservação dos regimes.

A retomada dos estereótipos construídos em torno do comportamento do povo brasileiro e argentino poderia se enquadrar na definição de tradição inventada³, já que aí se coloca uma continuidade em relação ao passado, com vistas a inculcar valores e normas de comportamento que permitiam, naquele momento, a rearticulação do processo de dominação em face das transformações sociais e políticas ocorridas no período.

³ Segundo Eric Hobsbawm, por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas que devem ser reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas e essas práticas visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica uma continuidade em relação ao passado. (Hobsbawm, 1984)

2.1 – O 1º de maio e sua transformação numa festa cívica.

A revista *Ahora*, quando fala da festa do trabalho, coloca em manchete a seguinte frase: “Transcendental 1º de Maio: fervor e alegria” e ainda, “manifestação que alcançou características extraordinárias de entusiasmo”. Refere-se, ainda, ao “singular brilho que alcançaram os festejos em recordação da festa pátria.” (*Ahora*, 01.05.1949)

Perón, em seu discurso na festa do trabalho, deixa claro o objetivo que persegue: “há que se trabalhar incansavelmente para que o povo seja mais feliz”. Diz ainda, “a felicidade será para os 14 milhões de argentinos e não para um reduzido grupo de privilegiados”. (*La Epoca*, 02.05.1947)

O secretário geral da CGT, por ocasião do 1º de maio, faz o seguinte discurso:

Não há diferença alguma entre esta multidão e a que nas distintas cidades aportam a indestrutível unidade espiritual que envolve homens e mulheres, crianças e velhos no sentido da Pátria e no respeito e amor ao líder que forjou a grandeza do país ao tempo que afirmava a felicidade de todos (...) No resto do mundo o 1º de maio é dia de dor em memória daqueles que deram sua vida em defesa das classes trabalhadoras. Na Argentina, e graças a você, general, é a festa do trabalho, na qual um povo satisfeito mostra ao mundo seu agradecimento a quem soube interpretá-lo e defendê-lo. (*La Razón*, 02.05.55)

Segundo Perón, a Argentina era o “paraíso do mundo” e seguiria assim enquanto seu povo estivesse unido, sem egoísmo e sem ambicionar grande riqueza, apenas o necessário para sobreviver. (Perón, 1973.p.300)

O 1º de maio na Argentina era considerado inigualável. Era o único lugar onde os trabalhadores estavam satisfeitos, felizes e não tinham necessidade de fazer nenhum tipo de reivindicação. O editorial do jornal *Democracia* deixa isso mais uma vez claro:

O 1º de maio deixou de ser um dia de lutas para converter-se em dia de vitórias. E os mártires de Chicago ficaram vingados para sempre.

Com lágrimas viris nos olhos, recordou ontem o presidente da República que é o povo o melhor que tem a nação. Por ser festa do povo trabalhador, o 1º de maio é festa peronista. Acaso em outros países a multidão converge às praças e às ruas impulsionadas por sentimentos hostis [...] este povo feliz junto a Perón e Evita, o povo que sabe que a dignidade vale mais que a vida [...] povo generoso na gratidão, forte na luta, nobre na vitória, vibrante no júbilo e estóico no sacrifício [...] (Democracia, 02.05.52)

A idéia de felicidade também é deixada clara na manchete do *La Prensa* de 02.05.54: “Primeiro de Maio: foi a festa do trabalhador feliz”. Seguido da manchete vinham fotos que mostravam trabalhadores sorridentes e felizes nos seus locais de trabalho e o seguinte texto:

Este é o protótipo do operário argentino de hoje. Seu braço forte na plenitude da boa saúde física e mental cumpre todos os dias seu esforço a serviço da pátria.

Era o 1º de maio dia de dor, grito de miséria e de protesto da massa operária oprimida. Reação do proletariado escravizado. Gatilhos apertados pelos usurpadores do trabalho alheio, afogavam em sangue e luta o protesto viril e a ânsia de maior dignidade no trabalho e mais pão para suas casas [...] ainda hoje isso acontece em muitas nações [...] Na Nova Argentina de Perón, o 1º de maio é festa. É a exclamação de uma vida digna, o enobrecimento do trabalho e o reconhecimento dos direitos do trabalhador. É a exclamação de alegria, porque é o grito de felicidade de um povo satisfeito em suas ânsias e identificado com seu condutor em seus ideais patrióticos.

Esta é a evolução da celebração do 1º de maio na nação argentina. De dia vermelho se converteu em uma jubilosa e otimista festa da pátria redimida [...] o povo vive agora a festa da verdade e da justiça social. O canto do povo é hoje o hino nacional e cada um dos trabalhadores argentinos leva dentro de seu coração um sentimento patriótico que é também de gratidão e reconhecimento para quem lhes deu a pátria do bem-estar [...].

Nas cidades e nos campos se paralisou a atividade. Os trabalhadores têm sua festa, agrupados todos na central operária que responde nitidamente aos ideais de Perón [...]. Em uma central geral de trabalhadores, que pensa e atua em argentino, porque argentinos são seus componentes e argentinos seus ideais, porque é a central operária única no mundo que se sente amparada pelo único governo do mundo que conta com a adesão total de seu povo e realiza o que seu povo necessita e quer.

Não é outro o sentido do 1º de maio, festa dos trabalhadores argentinos que ontem se celebrou na Argentina. (La Prensa,02.05.54)

Às notícias sobre os distúrbios ocorridos no resto do mundo no dia da celebração do 1º de maio se seguiam as notícias que reportavam à festa alegre, pacífica e ordeira da Argentina peronista, marcando o contraste entre a situação interna e externa.

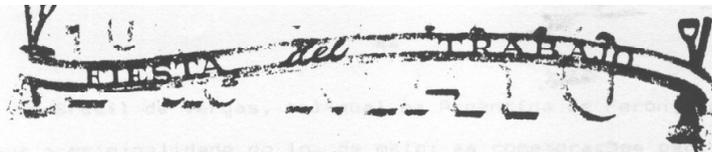
O livro comemorativo do peronismo mostra as diferenças existentes entre a festa do trabalhador antes de Perón e depois dele, onde fica clara a transformação de 1º de maio em festa cívica.

Antes de Perón, o que se via era o povo trabalhador, nas ruas, exteriorizando seus protestos pelas injustiças e vida indigna que levavam, deixando clara a divisão de classes existente e os conflitos sociais.

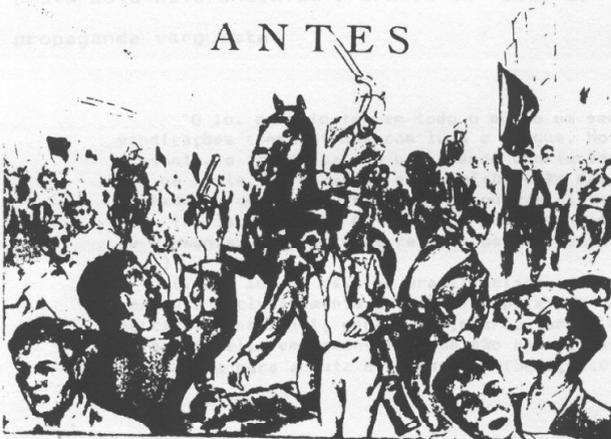
A partir do peronismo, o dia do trabalho ganhou nova imagem: a do povo trabalhador, nas ruas, mostrando sua alegria diante de uma vida digna. Era uma festa fraterna, onde a solidariedade e a união eram representadas. Nas escolas, a data era comemorada destacando-se o amor ao trabalho e à ordem. Nessa ocasião, eram escolhidos três trabalhadores que recebiam livros como prêmio simbólico, pois eles representavam os construtores do futuro da nação argentina.

A organização do 1º de maio peronista procurava transmitir uma visão de futuro cheio de esperanças, de tranqüilidade, contrastando com as comemorações anteriores marcadas pela revolta contra as injustiças. Procurava-se retratar o passado como o tempo da luta, das injustiças.

O contraste entre os dois tempos – passado e futuro – é constante nas representações das festas cívicas.



ANTES



El 1° de mayo el pueblo trabajador ganaba la calle para exteriorizar su airada protesta por las injusticias de un régimen de vida impropio de la dignidad humana. Había reclamado inútilmente y ese día sus brazos desalentados dejaban caer la herramienta para levantarse amenazantes. La autoridad los contenía y la jornada terminaba frecuentemente en forma luctuosa. En tanto, la divisa roja nos separaba en clases.

AHORA



El 1° de mayo el pueblo trabajador sale a la calle para exteriorizar su desbordante júbilo ante la realidad de un vivir digno, con retribuciones compensadoras, condiciones humanas de labor y la visión de un futuro cada día más luminoso. Las manos fraternas se unen solidarizadas en la alegría de vivir. La bandera azul y blanca es símbolo de unión.



Los alumnos, en el cálido hogar de las escuelas, aprenden el 1° de mayo la lectura sublime del amor al trabajo y al orden. Tres representantes de la masa laboriosa invitados por cada colegio reciben el premio simbólico de un libro, que es el homenaje que la escuela argentina rinde a los que forjan nuestro futuro.

No Brasil de Vargas, tal qual na Argentina de Perón, se enfatizava a originalidade do 1º de maio: as comemorações pacíficas e alegres desta data diferenciavam o Brasil do resto do mundo, segundo a propaganda varguista

O 1º de maio tem, em todo o mundo, um sentido de reivindicações conquistadas com luta e sangue. No Brasil, entretanto, o 1º de maio é uma grande oportunidade, um grande dia de festa, de harmonia e de colaboração das classes trabalhadoras com o governo e com as outras classes [...]

[...] a sua festa de hoje tem outro sentido, um sentido de harmonia, de problemas resolvidos, de compreensão mútua [...].

[...] o 1º de maio no Brasil deixou, portanto, de ser uma data exclusivamente proletária, para ser uma comemoração de caráter nacional, onde o proletário, antes que o governo, se sente feliz em demonstrar que não há mais no Brasil nenhum clima para a luta de classes. (OESP, 01.05.40)

A festa do trabalho transmitia a idéia de harmonia e pacificidade do povo. Era um dia de “confraternização nacional e de solidariedade magnífica” entre os homens de um país “sem classes sociais” ou “grupos de exploradores e explorados” que desapareceram com as medidas tomadas pelo novo regime. (OESP, 03.05.41)

Segundo a revista *Cultura Política*,

Mais uma vez as comemorações do Dia do Trabalho deram uma prova bem expressiva de como o proletariado brasileiro, favorecido pelas leis equânimes do Estado Nacional, está perfeitamente integrado na consciência nacional. Conforta-nos pensar que nesse momento de apreensões e perigos, o Brasil, livre dos ódios de classe, consegue realizar esse milagre da união, sem o qual não haverá força nem segurança na defesa. (*Cultura Política*, 1942, p.17)

A comemoração do 1º de Maio, tanto na Argentina quanto no Brasil, totalmente destituída de seu caráter reivindicatório e de luta, deixou de ser o “Dia do Trabalhador” para se transformar no “Dia do Trabalho”.

2.2 – *Repressão e resistência*

Em contrapartida, a essa imagem de euforia reinante na sociedade brasileira e argentina havia a repressão a qualquer oposição ao regime.

No Brasil, o controle do movimento operário no governo Vargas tem início com a própria criação do Ministério do Trabalho, da legislação trabalhista e da Lei de Sindicalização, pois obrigava todos os sindicatos a se filiarem ao Ministério, para serem reconhecidos oficialmente e receberem o fundo sindical, o que dava uma dupla vitória ao governo, pois, de um lado, “protegia” os trabalhadores, atendendo suas reivindicações e, de outro, disciplinava a ação sindical, subordinando-a ao Ministério do Trabalho. Esse procedimento liquidou com a autonomia do movimento operário: a greve e outras formas de protesto foram proibidas, principalmente com a criação da Polícia Secreta que deveria manter a “ordem” a qualquer preço.

A criação do Departamento de Imprensa e Propaganda, em 1939, substituiu paulatinamente os diversos órgãos responsáveis pela censura que existiam anteriormente e tomou para si a responsabilidade de censurar tudo aquilo que não correspondia à ideologia dominante e de propagandear o regime.

O DIP inspirou-se no Serviço de Cultura de Goebbels¹, na Alemanha, e se estruturou a partir de divisões: divulgação, rádio-difusão, cinema, teatro, turismo, imprensa e serviços auxiliares.

O DIP passou a interferir no lazer, vida intelectual e saúde dos trabalhadores. Ele controlava as associações esportivas e recreativas, as diversões públicas (circos, bailes, espetáculos, etc.), fiscalizava teatros, edição de livros e revistas, produzia filmes, promovia conferências sobre o regime, coordenava o registro de profissionais da área médica, fiscalizava a propaganda farmacêutica, enfim, o DIP se fazia presente onde e como fosse possível.

¹ Joseph Goebbels, um dos principais nomes do Partido Nazista, tornou-se ministro da propaganda e da informação pública no governo de Adolf Hitler.

O DIP era um órgão claramente censor, mas procurava passar para a opinião pública uma imagem bastante diferente, mostrando-se como peça fundamental para a promoção da “harmonia” social.

Na Argentina de Perón não foi muito diferente. Embora tenha sido mantida a constituição que garantia liberdade de imprensa, o governo criou uma máquina para-estatal, para controlar os meios de comunicação. Além disso, foi formada uma cadeia de jornais, revistas, rádios e, mais tarde, de televisão que atuava no sentido de neutralizar a propaganda oposicionista. A voz da oposição era também controlada através de suspensões, perseguições, expropriações.

Perón criou a Secretaria de Imprensa e Difusão e a Subsecretaria de Informações, que tinham como objetivo propagandear o peronismo e reduzir a oposição a quase nada.

Uma das maneiras de limitar a imprensa oposicionista foi através do controle da matéria-prima dos jornais; a aquisição de papel passou a ser controlada pelo governo logo após as eleições de 1946.

As emissoras de rádio foram, também, vigiadas pelo regime, que criou o “Manual de Instruções para as Estações de Radiodifusão”, onde toda a programação era submetida ao governo.

Havia, dentro da Subsecretaria de Informações, a Divisão de Assuntos Especiais que, além de difundir a política governamental e seus princípios doutrinários, deveria controlar as atividades dos opositores e dos próprios funcionários e simpatizantes do peronismo nas províncias. Os professores, escritores e personalidades destacadas também tinham suas fichas nesta Divisão.

A repressão, levada a efeito pelo regime peronista, inspirou-se na Itália de Mussolini, onde o controle de sindicatos e técnicas de mobilização de trabalhadores para fins políticos foi realizado com eficácia.

Entretanto, mesmo com toda repressão, houve resistência das mais diversas formas.

Captar essas resistências constituem um problema muito grande para o pesquisador pois, tanto no governo Vargas, quanto no Perón, elas foram cuidadosamente camufladas; os documentos que

atestam essas práticas são esparsos, já que os próprios regimes se encarregavam de fazer desaparecer as marcas do controle. Mesmo assim, alguns vestígios podem ser encontrados.

Segundo Maria Célia Paoli, os trabalhadores no Brasil não sucumbiram completamente ao Estado, mesmo com todo o aparato repressivo criado. Os Congressos Operários ocorridos, entre os anos de 1939 e 1941, discutiam a questão do trabalho noturno, férias, seguro-desemprego, horas extras, etc.

As sabotagens nas fábricas e as greves que aconteceram nos anos 30, deixam clara essa resistência que ocorreu mais no cotidiano das fábricas do que através dos sindicatos que estavam sob controle e tutela do Estado; isto nos mostra que a aceitação ao regime não era tão unânime quanto fez crer a propaganda.

A correspondência enviada por trabalhadores não organizados a Vargas indica, por exemplo, uma forma de resistência que ocorria fora dos canais das organizações classistas. Os trabalhadores aí denunciavam as dificuldades do povo em geral (desemprego, repressão, etc.).

O governo peronista, que se manteve nos parâmetros do Estado de direito, também encontrou caminhos eficazes de controle social e cerceamento da liberdade de expressão.

Perón não fechou o Congresso, como fez Vargas, mas o fato de permitir o seu funcionamento não significou muito, já que os peronistas tinham a maioria nesta casa, e os opositores foram menosprezados e ignorados.

O líder argentino conviveu por vários anos com os jornais oposicionistas, o que não aconteceu no Estado Novo, já que Vargas, por um lado, cooptou os jornalistas e, por outro, censurou os que insistiam em se manter na oposição.

Com relação aos jornais argentinos, a resistência maior ficou por conta do *La Prensa*, que não se converteu em defensor do governo, pelo contrário, manteve dura oposição até 1951, quando foi expropriado.

As universidades também se configuraram como espaços de resistência ao peronismo. Grande número de professores e estudantes faziam oposição ao regime, tentando resistir, através de greves, publicação de revistas, manifestos, etc. Foram perseguidos duramente e muitos chegaram a ser expulsos da Universidade.

Uma parcela dos trabalhadores também resistiu ao regime através de grande número de greves que demonstravam seu descontentamento.

Nessas ocasiões, o governo, inicialmente, ignorava as manifestações, mas se estas persistissem, tentava uma negociação. O governo tinha grande interesse em integrar a totalidade dos sindicatos ao aparelho estatal, mas quando isso não acontecia, a intervenção nestes organismos era a regra.

Segundo Raúl Damonte Taborda, durante vários anos, Perón expurgou a frente interna da Argentina, destituindo e aprisionando todos que não se submetiam ao regime. Montou um mecanismo sindical-corporativo copiado de Mussolini e da Frente de Trabalho de Hitler, capaz de eliminar, torturar e prender indistintamente operários ou militares que lhe apresentassem oposição. (Taborda, 1954.p.28).

A partir de 1950, a política de Perón com relação à classe trabalhadora mudou; a crise econômica que se iniciou nesse período fez com que o governo aceitasse várias das reivindicações dos empresários relacionadas aos direitos dos trabalhadores.

Diante dessa ameaça de perda dos direitos, muitos movimentos reivindicatórios dos operários passaram a ser feitos de forma espontânea, já que a grande maioria dos sindicatos havia passado para a órbita do Estado. A repressão a eles era violenta, pois, para Perón, todos que não estavam com ele estavam contra ele; apesar disso, a resistência continuava.

Recuperar os sinais de resistência a esses regimes não implica negar o efetivo e numeroso apoio que eles conseguiram das classes populares.

Esse apoio era apresentado como unanimidade e homogeneidade pela propaganda. Mas a repressão desfechada a toda e qualquer oposição desmente as imagens que ocultam esses conflitos.

A festa do 1º de maio mostra a adesão significativa de trabalhadores ao peronismo e varguismo, mas não permite ver os que não participavam do espetáculo.

A mitificação da idéia de união geral pode ser interpretada como uma forma de teatralização do político, sendo a festa o momento em que todos se colocam de maneira cerimonial; nesse contexto, o espetáculo oficial oculta a realidade, mitificando-a. As festas cívicas de Vargas e Perón assemelhavam-se às festas nazistas e fascistas, onde a sociedade civil se transformava numa “fusão delirante” de figurantes fascinados pelo drama em que eram envolvidos por um senhor todo-poderoso. (Balandier,1980.p.8)

Como na Alemanha nazista e Itália fascista, nas festas varguistas e peronistas o calendário de cerimônias era bastante diversificado, e as festividades ocorriam durante o ano todo; os líderes desses regimes tinham a preocupação de teatralizar a política para conseguir atrair as massas.

A festa era um ritual necessário para legitimar uma determinada situação. Era através da emoção, do movimento dos símbolos e dos gestos que se procurava unir a sociedade, provocando a sensação de felicidade geral.

O que faltava ao mundo de Aldous Huxley, para que ele fosse realmente o “melhor”, é esta “pílula de felicidade” que Orwell, como os ditadores modernos, souberam bem imaginar. Na Alemanha nazista, a alegria se ostenta em profusão. Ela corre vagarosamente sobre os muros, entra na escola e nas fábricas, explode nas ruas de cada vilarejo, viaja sobre as ondas, rompe as telas, espuma sobre os calendários. A festa doura o regime [...] Incontestavelmente, ela contribui a legitimá-lo. (Pelassy, 1983.p.131).

Percebemos claramente, no período varguista e peronista, a utilização das solenidades, ou seja, das festas cívicas como forma de mascarar uma realidade. A contradição felicidade/repressão era camuflada nas inúmeras solenidades levadas a efeito por esses governos.

As festas, que representavam uma forma de manter o povo sob controle e de perpetuar uma dada estrutura social, estavam permeadas pela contradição entre a necessidade de mostrar as imagens de harmonia social e a proibição de informações reveladoras

de conflitos. Isto demonstra que os regimes temiam a transgressão da ordem estabelecida.

A análise das festas cívicas nos regimes varguistas e peronista suscita uma questão complexa: em que medida elas reforçaram o conformismo – aceitação do que é imposto de cima – e quais as possibilidades de transgressão ou mudança nesse contexto.

A documentação por nós analisada não permite perceber as formas de recepção da festa; aliás, não é este o objetivo da nossa investigação. No entanto, a questão é estimulante o suficiente para invocarmos alguns autores que se preocupam com o tema.

Alcir Lenharo considera que a festa oficial representa a mudança no cotidiano; ela passa uma emoção e uma energia utilizada para afugentar a monotonia do dia-a-dia. (Lenharo, 1990.p.40).

Nesse mesmo raciocínio Da Matta afirma que

[...]o dia de festa é diferente dos outros dias, não só no sentido “material” (normalmente não se trabalha nesse dia, veste-se melhor, altera-se o horário das refeições), mas também no sentido “espiritual”, quando a simples consciência de que o dia é de festa influencia o estado de espírito do indivíduo, ou seja, a sociedade passa a ter uma visão não-rotineira de si mesma, o que pode levá-la a mirar-se no seu próprio espelho social e ideológico; projetando múltiplas imagens de si própria, engendra-se como medusa na sua luta e dilema entre o permanecer e o mudar. (Matta,1983.p.35)

Já Mikhail Bakhtin tinha uma visão um pouco distinta da festa oficial. Para ele, a festa oficial desfigurava a festa popular, pois tinha um tom sério e não-cômico. Mas como era impossível destruir o caráter autêntico da festa, os mantenedores da ordem

[...] tinham que tolerá-la e, às vezes, até mesmo legalizá-la parcialmente nas formas exteriores e oficiais da festa humana e conceder-lhe um lugar na praça pública. (Bakhtin,1987.p.8)

Para Bakhtin,

[...]a festa oficial tinha os olhos voltados para o passado e servia para consagrar a ordem atual estabelecida. Tendia a consagrar a sociedade estável e imutável e a perpetuar as regras que regiam

o mundo: “hierarquias, valores, normas e tabus religiosos, políticos e morais correntes”. (Ibidem,p.8)

O autor não entende a festa oficial como portadora de um elemento de mudança, mas de manutenção da ordem, o que percebemos analisando nossa documentação. Tanto Vargas quanto Perón utilizavam-se das festas com o objetivo de propagandear o regime para manter o “status quo”. A festa legitimava seus governos e era um momento de afirmação da ordem estabelecida. Entretanto, o germe da mudança poderia estar presente.

Voltando a Bakhtin, lembramos que, para este autor,

[...]a verdadeira festa tem um sentido de libertação, de transgressão da ordem estabelecida e de superação de um limite determinado, “a festa é a categoria primeira e indestrutível da civilização humana”. (Ibidem, p.240)

O autor aponta esses diferentes aspectos da festa, mas afirma que há entre elas um denominador comum: a sua relação com o “tempo alegre”, momento em que a sociedade se revela como ela é, e supera o seu passado trazendo o germe do novo mundo e a contradição com o velho.

Pode-se, portanto, supor que a festa contém - em qualquer circunstância - um potencial de liberação da seriedade da vida e a possibilidade utópica da transformação.

Essa utopia da festa renova a imaginação humana, e ela pode ser vista como um “espelho mágico” que reflete a vida sonhada e imaginada. (Baczko,1978.p.242)

A festa tem, nessa perspectiva, um sentido de libertação, não só do monótono cotidiano, como também do “tempo triste” incutido no dia-a-dia.

A alegria suscitada por qualquer tipo de festa era instrumentalizada pelos ideólogos do varguismo e do peronismo para incutir a idéia do povo feliz, unido e harmônico. Mas as festas oficiais, mesmo traindo a verdadeira natureza da festa popular, que é a de arrancar o povo à mesquinhez do cotidiano e da ordem existente, tem um caráter autêntico que é indestrutível.

Isto significa que as festas cívicas, mesmo sendo uma reprodução da estrutura vigente, poderiam abrir a possibilidade a seus participantes de transgredirem a ordem, uma vez que o imaginário da utopia era acionado sempre que uma festa se realizava por promoção oficial ou não.

Nesse sentido, cabe mencionar Daniel James, quando afirma que

[...] as manifestações ocorridas na Argentina, com o objetivo de levar Perón ao poder foram caracterizadas pela irreverência, ironia e humor, típicas de manifestações carnavalescas. Essa conduta só era tolerada dentro dos limites do carnaval, mas no momento em que se manifesta nos bairros operários em manifestações de conteúdo político, representam uma subversão simbólica dos códigos de conduta aceitos e um ato de deferência com a classe trabalhadora. (James, 1989.p.49)

O fato de os trabalhadores terem suas próprias experiências e práticas políticas e culturais cotidianas nos deixa claro que os regimes não conseguiram dominá-los completamente.

Michel de Certeau nos mostra de que maneira a sociedade, através de seus procedimentos populares, joga com os mecanismos da disciplina e não se conforma com eles, a não ser para alterá-los. Ele fala das práticas utilizadas pelos cidadãos para se reapropriarem do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural.

[...] diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como “consumo”, que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas “piratarías”, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase-invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios, mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos. (De Certeau, 1994.p.94)

As classes populares fazem uso próprio das culturas difundidas pelas elites produtoras de linguagem. A história nem sempre privilegia os procedimentos “infinitesimais” das classes populares. Segundo o autor, a ordem firmemente estabelecida é suficientemente flexível para deixar proliferar a contestação.

As reflexões de De Certeau nos permitem sugerir que a tentativa de controle das consciências, através de mecanismo, como as festas cívicas, nos regimes varguista e peronista, encontrava seu limite na capacidade de reação ativa dos participantes. Os articuladores desses regimes se empenharam em construir uma “ordem firmemente estabelecida”, mas ela foi suficiente flexível para permitir a contestação, o que explica o enfraquecimento do apoio aos regimes no momento em que as reivindicações deixaram de ser atendidas.

2.3 – Os valores cívicos e morais

Nas festas analisadas, percebemos que os valores morais e os valores físicos andavam sempre juntos, considerando-se inadmissível uma educação moral desacompanhada da educação física, questão a ser estudada em capítulo posterior.

Getúlio Vargas, em seus discursos, não escondia a importância que dava à questão do desenvolvimento físico e cívico do cidadão.

Segundo o presidente,

Fariamos obra incompleta e, por isso mesmo efêmera, se limitássemos os nossos esforços às realizações materiais e não dispensássemos a mesma atenção ao aperfeiçoamento espiritual, cultivando e intensificando as virtudes da disciplina, da força de vontade e devotamento patriótico. A prosperidade material é instável e depende de fatores que podem modificá-la ou suprimi-la, conforme as circunstâncias; mas a mentalidade de um povo, quando conformada em concepção sadia e construtiva da existência, resiste às eventualidades e até se fortalece e retempera diante dos imprevistos e da sorte adversa. (Vargas, 1940.p.231)

O “programa de reconstrução nacional” de Vargas tinha como segundo item o “saneamento moral e físico, extirpando ou inutilizando os agentes de corrupção, por todos os meios adequados a uma campanha sistemática de defesa social e educação sanitária”. (Vargas, 1943.p.37)

Diz ainda,

Todas as grandes nações, assim merecidamente consideradas, atingiram nível superior de progresso pela educação do povo. Refiro-me à educação no significado amplo e social do vocábulo: física e moral, eugênica e cívica,

industrial e agrícola, tendo por base a instrução primária de letras e a técnica e profissional. (Idem)

O editorial da *Revista de Educação Física*, de fevereiro de 1942, afirmava que a educação física formaria o indivíduo forte, proporcionado, saudável. Fora disso, entretanto, havia um mundo de valores morais nessa ampla educação.

Dentre esses valores morais, ele colocava a energia, a coragem e a disciplina. Segundo o autor,

[...] a essência do civismo da educação física estava no fato de ela ser uma “escola de disciplina” que dava a cada povo o “homem forte e ordeiro de que ele necessitava” e que contribuía para a formação dos povos fortes, que não eram apenas aqueles que apresentavam os tipos físicos perfeitos, mas também os que podiam se orgulhar de possuir uma alma coletiva [...]. (Revista de Educação Física, 1942. p. 1)

O Estado Novo incentivou movimentos cívicos que não disfarçavam seu objetivo de apoio ao regime. Dentre eles, houve toda uma preocupação com a educação moral e política da população.

Segundo José Vaidengorn,

[...] a preocupação com a Educação Moral e Cívica relacionou-se, nesse momento, com a construção do Estado Novo, esperando constituir, através de leis e decretos, a “consciência nacional”, a “construção da nacionalidade”, a “afirmação do Estado Nacional”, expurgando tudo o que ameaçasse o projeto de definição de brasilidade embutida na sua concepção. (Vaidengorn, 1987.p.163,164)

Nesse sentido, a escola teve uma importância fundamental. As festas cívicas ocorridas nas instituições educacionais eram incentivadas, pois desenvolviam a disciplina pessoal e social e os deveres para com a Pátria, ao mesmo tempo que evidenciavam a vinculação das ações escolares ao Estado Novo.

Maria Helena Capelato afirma que,

[...] nesse período, a educação tinha um significado político relevante, principalmente o ensino de moral e civismo desde os primeiros anos escolares, pois desde a década de 20 a escola foi

idealizada como lugar de afirmação da ordem e a educação moral e cívica era um importante instrumento de controle social. (Capelato, 1988,p,147,148)

As festas comemorativas das datas cívicas eram constantes, pois desenvolviam nos educandos forte sentimento de patriotismo e eram responsáveis pela formação do “homem novo” brasileiro. A regulamentação oficial dessas festas era mais detalhada e complexa que a das outras festas (Páscoa, primavera, etc.) Os fatos históricos e seus personagens deveriam ser muito bem estudados, deveria haver desfiles, dramatizações, palestras, ginásticas, etc., que estimulariam o respeito, simpatia e veneração aos “heróis” e à Pátria.

A ação pedagógica da escola demonstrava seu objetivo de assegurar o espírito cívico do cidadão, a disciplina, organização, obediência e, por fim, a própria identidade nacional, daí as disciplinas de História, Geografia, Educação Moral e Cívica, Educação Física, Ensino Religioso, Música e Trabalhos Manuais terem sido reforçadas, pois eram capazes de assegurar tais objetivos. Eram, portanto, importante instrumento de controle social.

Segundo Maria Helena Capelato,

[...] a formação da consciência nacional, baseada nos valores éticos, no civismo e no patriotismo foi realizada de maneira vertical, ou seja, das elites para as massas, pois eram aquelas as “condutoras” da massa “inculta” e “indisciplinada”. (Capelato,1989.p.150)

J.J.Rousseau, em relação a essa questão do civismo, considerava os espetáculos cívicos mais apropriados como instrumentos de educação moral, pois possibilitariam a união, ao invés do isolamento proporcionado pelos espetáculos teatrais que ele criticava enquanto forma de representação da política.

Segundo o filósofo,

A que povos convirá mais reunir-se freqüentemente e formar entre si doces laços de prazer e de alegria, senão àqueles que possuem motivos para se amarem e continuarem unidos para sempre? Não adotaremos os espetáculos exclusivos que reúnem tristemente um pequeno número de pessoas num antro obscuro

que as mantém temerosas e imóveis, no silêncio, na inação [...] Não, povos felizes não são essas vossas festas! Deveis reunir-vos ao ar livre, sob o céu, e entregar-vos aos doces sentimentos de vossa felicidade [...] que o sol ilumine vossos inocentes espetáculos; vós mesmos dareis um espetáculo, o mais digno que lhe possa iluminar [...] Fincai no meio de uma praça uma estaca coroada de flores, reuni ainda o povo e tereis uma festa. Fazei melhor ainda, transformai os espetáculos; tornai-vos atores, fazei com que cada um se veja, se ame nos outros, assim mais unidos. (Rousseau, apud Capelato, 1988.p.214,215)

Para o autor, a festa afirmava o patriotismo, pois nela se desenvolvia uma sensibilidade coletiva que afetava as atividades e a própria vida do povo. A festa seria o instrumento de formação e intensificação dessa sensibilidade.

As representações imaginárias das virtudes cívicas, que a festa organiza por meio de seus ritos e símbolos, são outros tantos meios de modelar as almas dos participantes. Assim, a festa veicula um discurso simultaneamente político e educativo, cuja eficácia se deve à sua linguagem específica, à linguagem das imagens e dos signos – que orienta e coloca em ação a imaginação individual e coletiva. A coletividade se festeja a si mesma, dando a si mesma a sua imagem-modelo em espetáculo. (Rousseau, apud Almeida, 1987.p.373)

Entretanto, segundo Rousseau, a imaginação popular acionada pela festa não poderia transgredir o modelo social e moral imposto.

Marlyse Meyer e Maria Lúcia Montes consideram que a criação e a redescoberta da cidadania passam pela festa, experiência direta de comunhão que entra pelos poros e por todos os sentidos; esse espetáculo tem uma força pedagógica fundamental.

Na festa [...] podemos discernir um movimento pelo qual aqueles que não tem voz nem vez na sociedade, indivíduos isolados e sem valor, readquirem ao participar de uma celebração que os identifica com membros de um grupo mais restrito, compartilhando com eles as mesmas crenças e os mesmos valores uma nova dignidade, que os transforma em “pessoas”, gente com identidade própria, conhecida de todos e tendo por todos reconhecidos seu papel e sua importância. (Meyer & Montes, 1985.p.9,10)

A festa provoca emoção, trazendo consigo um sentimento de

exaltação, de engrandecimento que leva à comunhão de todos. Como espetáculo cívico, ela torna seus participantes “iguais”, criando em cada pessoa a figura do cidadão membro de uma comunidade.

3 – A relação líder/massas nas festas cívicas

Para compreendermos os regimes populistas de Vargas e Perón, bem como a grande adesão popular a eles, devemos analisar a forte relação estabelecida entre esses líderes e a massa. Não se trata de pensar, como indicou uma certa historiografia do populismo, que elas se deixaram levar pelas primeiras promessas de líderes demagógicos e interessados apenas na ascensão política; é fato que a massa teve uma ativa participação na formação e sustentação desses regimes, mas as razões dessa participação em resposta ao apelo dos líderes são mais complexas.

A identificação de Vargas, e também de Perón, com a imagem do líder espiritual, condutor das massas e salvador da Pátria é uma constante nos escritos da época, como por exemplo:

Foi nessa hora angustiada que surgiu um homem. Não um homem como os demais, como cem outros que o Brasil sempre encontrou nas encruzilhadas da História, nos momentos mais difíceis da sua vida de nação. O homem providencial: Getúlio Vargas [...]. O Senhor Getúlio Vargas é, hoje, o homem providencial, aquele que sempre aparece na hora em que o Brasil põe as mãos e olha para o céu [...]. A personalidade do senhor Getúlio Vargas corresponde a essas figuras em que o estudioso da História do Brasil encontra, em cada época, com um papel marcado pelo destino. A sua voz calou fundo nas multidões. Impôs silêncio aos interesses uivantes, ordem às paixões desenfreadas, confiança aos que se desvairavam em rebeldias. Nele, desde logo o Brasil, menos com as vistas dos olhos que do coração, distinguiu o chefe, o chefe poderoso para enfrentar a tempestade, íntegro para apagar a descrença de milhões de homens. Todos compreenderam que a ele se devia obediência, ao mesmo tempo que se sentia gratidão e respeito[...]. É ao senhor

Getúlio Vargas, o homem providencial, o homem que Deus mandou, que devemos esse Brasil diferente. (OESP, 10.11.42)

Vargas era apresentado como o salvador nacional, a única autoridade capaz de harmonizar as opiniões e os pontos de vista; ele era o “líder espiritual” responsável pela superação do caos que havia se instalado na sociedade.

[...] apoiado no patriotismo e na fidelidade das forças armadas, o Presidente Getúlio Vargas *salvou* o Brasil do abismo que o esperava. (*Cultura Política*, 1942.p.205). “[...]confiemos em nossos chefes, que eles nos *conduzirão*, certamente, aos braços da vitória, nas auras embalsamadas do triunfo.” (*Cultura Política*, 1941.p.78).

Tenha-se sempre presente que ao aniversariante de 19 de abril coube a missão de *salvar* a Pátria em horas de extremo perigo. (OESP,13.04.43).

Vargas era representado como o “grande guia do Brasil” (OESP,25.04.1943) , o “homem providencial, o homem que Deus mandou”. (OESP,10.11.42)

O Dia do Trabalho teve na capital da República um transcurso empolgante, vibrando o povo e a massa impressionante de homens do trabalho que, fiéis ao grande estadista que lhes deu a legislação trabalhista, acorreram àquela praça de esportes para ouvir e aplaudir, com um calar intraduzível, a figura do Chefe do Governo, para reafirmar sua gratidão ao grande dirigente que jamais lhes faltou com sua assistência carinhosa e constante, firme e desinteressada. (OESP, 03.05.45)

A Revista Cultura Política, em 1941, afirmava que, no contato com as massas, nas ruas e nos lugares públicos, o presidente Getúlio Vargas encontrava o estímulo para enfrentar as dificuldades e manter a sua linha de conduta. Era no exercício de suas funções de governante que se tornava amigo dos trabalhadores para melhor compreendê-los as necessidades e melhor realizar as suas aspirações.

Nessa e em outras passagens, a idéia de líder condutor da massa fica explícita. Vargas “deu” aos trabalhadores a legislação trabalhista, além de “assistência carinhosa e constante, firme e desinteressada”. Essa atitude provedora permite associar o líder à imagem do “pai protetor”.

A idéia de submissão, de gratidão, também ficava subentendida, pois o povo o ouvia e o aplaudia calado.

O ano de 1943 deverá ser o ano da vitória. E em janeiro desse ano será feito um desfile luminoso até o Anhangabaú, onde, no centro de um gigantesco painel com retrato de Getúlio Vargas, emoldurado nas cores brasileiras, escrever-se-á a frase imortal com que Caxias triunfou em Itororó: "Sigam-me os que forem brasileiros". (OESP,29.11.42)

Era o líder Getúlio Vargas que a massa deveria seguir, ou melhor, todos os brasileiros que fossem verdadeiramente patriotas.

O viés autoritário contido nos periódicos da época, quando tratavam da questão do líder condutor, era claro. Os ideólogos do regime acreditavam que a criação da nacionalidade deveria ser realizada por via autoritária.

A idéia de um líder salvador, predestinado a intervir na história, é analisada por Alcir Lenharo. Segundo o autor,

[...] os ideólogos do Estado Novo utilizaram-se da imagem alegórica do corpo para representar a nação/Estado, ou seja, ela funcionaria da mesma forma como o corpo funciona dentro de uma totalidade orgânica indivisível e harmoniosa. O território nacional era apresentado como um corpo que cresce, expande, amadurece, sendo as classes sociais os órgãos necessários ao funcionamento harmônico do corpo. O governante, descrito como cabeça do organismo, deveria conduzir o corpo - a sociedade. (Lenharo, 1989, p.194)

Vargas, nesse imaginário, era projetado a um plano de divinização, representando a figura do Pai (o protetor), do Filho (o líder que veio mudar a história) e do Espírito Santo (a quem cabia iluminar o povo no caminho de uma nova ordem).

Ainda segundo Lenharo, nessa representação

[...] fica posto em relevo o dom que o líder possui de intuir e extrair do inconsciente o desejo socialmente contido e realizá-lo. Esta representação física do "todo", essa incorporação da brasilidade do brasileiro médio e dos traços nacionais levados às raias do absurdo tece uma senda incrivelmente mistificadora das relações sociais, de sua dinâmica e das possibilidades de seu controle. (Ibidem,p.194)

A adoração ao líder chegava ao ponto de incentivar pequenos sacrifícios para obter alguma lembrança do presidente:

Os vendedores de bandeirinhas, laços e botões com o retrato do Presidente Vargas não têm mãos a medir. Quase todos os pequenos, ainda os mais humildes, trazem o cruzeiro para adquirir o minúsculo pavilhão verde e amarelo. (OESP, 09.09.44)

Uma delegação de alunas do Colégio Sacré Coeur de Marie, deslocando-se da formatura, dirigiu-se ao coreto para jogar pétalas de flores ao Presidente da República. O gesto das flores ao Presidente da República foi amplamente aplaudido. (Cultura Política, 1944. p. 24)

A relação de Vargas com as crianças também exemplifica essa relação paternal e de gratidão que se dava entre o líder e a massa.

É um espetáculo emocionante ver com que familiaridade os meninos se dirigem ao Chefe de Governo. Em qualquer lugar em que esteja, em manifestações populares, em festas cívicas, em inaugurações, nos seus passeios, nas suas visitas de inspeção a obras públicas, sempre há crianças que encontram meios e modos de se aproximar de Sua Excelência. E, invariavelmente, recebem a recompensa de um sorriso, de um carinho, de uma palavra amiga. (OESP, 22.02.45).

Os jornais publicavam fotos onde aparecia o líder do governo rodeado de crianças, mostrando que era uma pessoa sensível e de fácil acesso.



“Um grupo de crianças acompanhando o Presidente em Petrópolis com a maior sementeira”. (OESP, 22.02.1945)

Segundo Ângela de Castro Gomes,

[...] a relação direta líder/massa tem a dupla feição da representação de interesses e da representação simbólica, e Vargas transforma-se no terminal adequado para exprimir a vontade popular. O interesse da coletividade nacional, ou do povo organizado em corporações, é captado pela capacidade superior da liderança política. (Gomes,1982,p.141)

Vargas representa a materialização do projeto do Estado Novo, é um modelo exemplar, um mito que “[...] se superpõe ao próprio projeto, transfigurando-se em expressão do Estado e da nação”. (Ibidem,p.146)

Gastão Pereira Leite afirma que antes de Vargas tornar-se célebre, já se sabia que ele era um homem predestinado a “domar almas”; sua personalidade de “condutor das massas” já havia se formado desde a infância. (Leite,s.d.,p.27)

O autor parte da idéia de que um dos segredos dos grandes chefes de Estado é conhecer a psicologia das coletividades, manter o equilíbrio afetivo e os laços da libido do povo em relação à sua pessoa. É essa identificação libidinal, esse elo de amor entre a massa e o chefe que permitirá que aquela seja conduzida.

Nos líderes estavam projetadas as qualidades que a massa desejaria possuir, complementa o autor. A massa, por sua vez, necessitava de um chefe, pois aspirava à identificação com o outro, ou seja,

[...] quando o indivíduo, englobado numa multidão, renuncia ao que é pessoal e se deixa suggestionar pelos outros, o faz por sentir a necessidade de se achar de acordo com eles e não por oposição a eles [...]. Nas multidões todos nós queremos ser iguais. Há, por isso, necessidade de um chefe e do domínio deste sobre o grupo”. (Leite, s.d., p.13)

A relação de Perón com a massa era muito parecida com o que foi colocado até aqui sobre Vargas. Para esse líder, os homens são conduzidos melhor quando querem e estão preparados para serem conduzidos.

Segundo Gilon G. Reynoso, a adesão que o poder solicita tem seu fundamento na própria estrutura do sujeito e nas características do desejo humano; o poder depende do suporte que lhe dá a

aceitação da população. O homem está exposto, por sua própria constituição, a cair na armadilha que o poder absoluto arma.

O poder real por seus efeitos destrutivos – é mantido como deus absoluto não somente pela força das armas, pela coerção, mas também pela crença de cada um no seu absolutismo. Sua maior eficácia repousa sobre esta crença: poder imaginário, mantido como poder real e absoluto pelo consentimento explícito ou implícito que lhe é outorgado. (Reynoso, 1988.p.145)

Perón oferecia-se à massa como objeto de satisfação imaginária das pulsões individuais insatisfeitas. Para Leon Rozitchner, o líder se oferecia ao poderoso corpo da classe operária em busca de seu próprio poder” e “suas forças serão assim reduzidas, no consolo simbólico, a uma função quantitativa, mera força que só ele disporá [...] (Rozitchner,1985,p.225)

O objetivo político de Perón com relação às massas era o de despojá-las de racionalidade para dar a si mesmo a capacidade de orientá-las. Segundo Perón, “o condutor não era um técnico, senão um artista”. (Ibidem,p.298)

Conduzir é uma arte, e o artista nasce feito, não se faz. Para ser condutor não é suficiente compreender; nem a reflexão nem o raciocínio permitem conduzir as massas; as massas se conduzem com intuição. (Perón, apud Taborda,1954.p.27,28)

Perón, por vezes, dava a entender que se considerava o condutor eleito por Deus:

Deus soube predestinar, com extraordinária oportunidade, a vida dos homens que através dos séculos representaram verdadeiros meteoros, destinados a queimar-se para iluminar o caminho da felicidade. (Ibidem,p.27,28)

Em outro momento afirmava:

Os condutores são somente homens, com todas as suas misérias. Quando um condutor crê que é um enviado de Deus, começa a perder-se. Abusa de sua autoridade e de seu poder; não respeita os homens e despreza o povo. Aí começa a firmar sua sentença de morte. (Perón,1984.p.36)

A idéia de líder condutor era lembrada constantemente nos jor-

nais argentinos. Perón era o “líder que conduzia seu povo” (La Época, 02.05.47), “o condutor que era aclamado fervorosamente” (La Razón, 18.10.54), “o líder condutor da festa do trabalho” (La Razón, 02.05.55).

O líder afirmava ter assumido a responsabilidade de “conduzir as bandeiras de revolução até deixá-las nas mãos do povo [...] Todos meus esforços tendem a despersonalizar os propósitos da revolução, circunstancialmente personificados em mim [...]” (Perón, apud Buchrucker, 1987. p.336).

Segundo Christian Buchrucker, essa despersonalização não foi, em nenhum momento, meta de Perón; pelo contrário, toda a imprensa da época frisava a importância da pessoa de Perón, sendo o responsável pela “revolução” argentina, todas as mudanças estavam ligadas a ele.

Por ocasião da comemoração do aniversário do Estado Nacional, dizia:

[...] com sua heróica decisão faz um ano que os descamisados recuperaram o líder que então lhes falou do mesmo balcão da Casa de Governo, em que o fazia agora como presidente constitucional da revolução. (Ahora, 17.10.45)

A personificação também fica clara no seguinte artigo:

Queremos Perón! Esse foi o grito de guerra aberto contra as forças coligadas do entreguismo caseiro e o imperialismo internacional. Desde a Praça de Maio, ressoaram com estridências de clarim em toda a República as palavras da Pátria posta de pé. O povo recupera Perón. Recupera-o para sempre. O máximo gênio construtor da nacionalidade imprimiu no coração e no ânimo dos trabalhadores a fé no destino certo da Revolução Justicialista [...] idéias renovadoras de justiça social estavam encarnadas no condutor do movimento e fanaticamente defendidas pelo mártir do trabalho [...]. (La Época, 16.10.52)

Os ideólogos do peronismo acreditavam que somente esse projeto dava conta da realidade argentina. Perón deveria ser o símbolo da união dos argentinos, pois ele se identificava individualmente com a Pátria, era o seu representante insubstituível.

A onipotência do líder também era uma característica marcante na ideologia peronista.

A revista *Ahora* trazia em sua capa diversas fotos de Perón, em vários ângulos e com distintas feições intituladas “energia, otimismo, emoção, alegria, bondade, serenidade, compreensão”, ou seja, o líder multifacetado poderia representar, não só diferentes emoções, como diferentes personalidades. Perón poderia ser o líder, tanto do operário mais humilde, quanto do mais rico industrial. Ele era o “todo-poderoso”, capaz de solucionar os problemas de toda a sociedade.



(Revista *Ahora*, 11.04.1946)

A idéia de um líder onipotente, onipresente e superior aos demais que é deixada clara, tanto no governo Perón quanto no governo Vargas, tem sua inspiração na Alemanha hitlerista e na Itália fascista. Hitler e Mussolini, em sua relação com as massas, apresentavam muitas das características levantadas até esse momento.

Hitler e Mussolini também se apresentavam como os grandes guias condutores da Alemanha e da Itália.

Segundo Alcir Lenharo,

[...] o significado mais amplo da teatrolgia política aponta o Führer como forjador da vontade coletiva, apropriador de vontades, a quem se obedece cegamente. (Lenharo, 1986.p.45)

Hitler era considerado o Redentor, o representante da vontade de Deus na Terra, o inatingível. Sua chegada de avião nas festividades se associava à imagem de “Deus descendo sobre a Terra”. (Idem,p.45) Na Itália fascista, Mussolini, o Duce, exigia amor, fidelidade e obediência, pois, segundo ele, foi Deus quem o destinou a dirigir o povo italiano.

Hannah Arendt analisa o significado das massas nos movimentos totalitários. Para a autora, esses movimentos recrutaram seus membros dentre uma

[...] massa de pessoas aparentemente indiferentes, que todos os outros partidos haviam abandonado por lhes parecerem demasiado apáticas ou estúpidas para lhes merecerem a atenção. (Arendt, 1978.p.399)

Afirma, também, que a formação da psicologia do homem de massa ocorre com o colapso da sociedade de classes, fenômeno observado após a Primeira Guerra Mundial. Segundo a autora, nos movimentos totalitários os indivíduos atomizados e isolados são de uma lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterada ao líder, pois estão isolados, desagregados na sociedade.

As fotos que seguem são bastante significativas a esse respeito.



Desfile operário (Getúlio Vargas, Abril Cultural.p.14)



Manifestação operária (De Chancie, 1978.p.47)



(Pelassy, 1983)



Manifestação na Itália fascista. (De Chancie, 1987.p.22)

Nas fotos que retratam os líderes no interior da massa, podemos perceber que eles são apresentados sempre numa posição superior, acima da massa, parecendo inatingíveis, fortes, poderosos. As pessoas que os cercam, em número absolutamente maior, aparecem em tamanho reduzido, dando impressão de massa insignificante, frágil em relação ao líder protetor a quem presta homenagem.

A busca de um “salvador” é comum em diversos momentos históricos. É em torno de sua imagem que se concentram as esperanças e os sonhos de uma coletividade.

Raoul Girardet classifica os “salvadores” em 4 tipos: (Girardet, 1987.p.73 - 96). O primeiro deles seria o do homem experiente, prudente, moderado; outro, seria aquele que se apodera das multidões e a subjuga, sendo que a legitimidade de seu poder não provém do passado, mas da ação imediata; o “homem providencial” seria o terceiro modelo, é ele que lança as bases de uma “ordem nova” e o último seria o salvador profético, o anunciador dos tem-

pos por vir, o que guia seu povo pelos caminhos do futuro. O Chefe profético seria a encarnação da vontade geral, não mais seu simples representante; é ele que encarna seu destino histórico em seu passado, presente e futuro.

Aquele que segue esse tipo de líder renuncia à identidade individual, mas reencontra a integralidade da identidade coletiva.

Vargas e Perón seriam um exemplo desse tipo de líder encarnando a realidade e suas leis.

O que há em comum em todos esses modelos é o sentido de ruptura do presente com o passado.

A imagem e o surgimento do salvador, do líder, estão relacionados às necessidades de uma sociedade em determinado momento histórico. O mito tende, assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída ao herói, como uma resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência.

O recurso ao salvador ocorre, geralmente, nos momentos de crise da legitimidade política; o vácuo afetivo e moral que acompanha essa crise é que explica o apelo a um novo mestre, um novo guia, um protetor. Esse salvador poderia ser de dois tipos: o substituto da autoridade paterna ou o líder prestigiado e subjuguante.

[...] o chefe destinado ao papel de guia profético bem parece ter por missão essencial encarnar os sonhos, as certezas e as expectativas da condição adolescente: afirmação do orgulho de grupo, sacrifício, no limite talvez aspiração tácita à grande resplandecência da morte suicida, da morte violenta, procurada ou aceita, no imenso fragor das tragédias coletivas. (Girardet, 1987.p.94)

Hitler seria o exemplo do substituto do poder paterno e do chefe dominador, seu surgimento na vida política estaria relacionado a um estado de “solidão interior”, a uma “angústia do abandono” e ele seria o instrumento de comunhão, de mediação e de solidificação social.

Reconhecer a autoridade do “líder salvador”, redescobrir-se nela é, ao mesmo tempo, reencontrar a si mesmo e reencontrar os outros.

Graças ao Salvador, e através dele, existem, para um certo número de homens, as mesmas emoções a partilhar, os mesmos fervores

e as mesmas esperanças. Estão presentes também, no calor de uma comunhão reconquistada, os mesmos signos e os mesmos apelos, as mesmas palavras de ordem, as mesmas referências, e as mesmas certezas. Em torno dele, na submissão, na devoção e no entusiasmo, uma vida coletiva se reestrutura, as fidelidades se reconstituem, as trocas afetivas se restabelecem, uma nova trama social se consolida. (Idem,p.95,96)

Em relação à questão do líder condutor, Perón apresentava algumas contradições em suas declarações, pois, ao mesmo tempo, dizia que “o homem deveria ser constantemente guiado por seu superior” (Perón apud Taborda, 1954.p.31) e que a massa popular, mais importante que os dirigentes, não dependia deles, mas sim os dirigentes dependiam da massa.

Sobre o movimento das massas dizia Perón:

Não é suficiente dizer aos componentes de uma força política que seus dirigentes sabem aonde vão, porque isso favorece a criação e o desenvolvimento de círculos políticos dissociados da massa. Esses são movimentos políticos de dirigentes, e nós não queremos porque em nossos tempos resultam totalmente ineficazes. Nós queremos movimentos de massas, e para que esses movimentos progridam, devemos levar a doutrina à massa. Cada homem da massa deve pensar e sentir dentro da doutrina com o mesmo entusiasmo e com a mesma intensidade que cada um dos dirigentes. Isso cria a auto-defesa, porque quando um dirigente sai da doutrina até o último homem de massa o pode censurar. (Perón, 1984. p.108,109)

Para esse movimento de massas vingar, Perón considerava fundamental a sua “organização” e “enquadramento”, caso contrário, esta poderia seguir sozinha e produzir grandes “cataclismas políticos”. A massa deveria ser preparada, educada.

Raul Damonte Taborda fala desse “enquadramento” da massa, dizendo que os meninos e adolescentes argentinos eram preparados para obedecer. Nos livros didáticos, cantos, fábulas, hinos e redações escolares, o casal líder aparece mitificado. As figuras eram exaltadas no rádio, nos jornais, pelos professores, pelos mais diversos tipos de revista e a imagem divulgada em cartazes por todos os cantos do país.

No Brasil de Vargas, também vemos esse tipo de propaganda do líder; as cartilhas escolares exaltavam Vargas como o herói nacional.

A propaganda peronista e varguista produziu um culto a seus líderes, e as festas organizadas pelos regimes faziam parte desse culto. Os nomes de Perón e Vargas eram usados para denominar as mais distintas obras públicas, com o intuito de transformá-los em símbolos nacionais.

O autor Peter Waldmann, referindo-se ao peronismo, considera muito difícil fazer juízo acerca do êxito destes esforços; determinar se Perón logrou ou não elevar-se à categoria de símbolo nacional e ser aceito como tal por todos é problemático, porque em que pese a sua prodigalidade, a propaganda peronista não teve a força e o poder de convicção necessários para lograr uma ação em profundidade. Conformou-se em dominar o cenário do país e não se ocupou demasiado em modelar as opiniões e orientações da população. (Waldmann, 1981.p.123)

Para o autor, o culto à personalidade teve efeito somente nos estratos mais baixos da população, que se deixavam influenciar por uma propaganda pouco sutil; já as classes média e alta viam essa situação com desgosto e não caíam na armadilha da adoração.

Se o culto ao líder não era compartilhado por todos, isso não significava que essa parcela da população não “dirigível” tenha se mantido fora da política peronista ou que tenha oferecido resistência ao regime. Esta situação, de certa forma, representava um risco potencial para o regime, já que este nunca saberia até que ponto contava com o apoio das “massas”.

Outro problema com relação ao culto ao líder diz respeito às forças sobrenaturais que a ele se atribuíram no momento de crise da sociedade.

Perón e Vargas assumiram a imagem do todo-poderoso, capazes de resolver todos os problemas, graças à euforia econômica do momento que lhes permitiu atender às reivindicações de amplos setores da sociedade.

Se essa situação, por um lado, era benéfica para o regime, por outro, era extremamente perigosa, pois, no momento em que os lí-

deres não conseguissem mais satisfazer grande parte das reivindicações das massas, o apoio poderia enfraquecer.

Nesse sentido, Rozitchner diferencia a política da esquerda com a política peronista, mostrando que a proposta da esquerda passa pelo aprendizado da massa, que é penoso e difícil, mas vai além da mera satisfação momentânea de seus problemas; já o peronismo buscava satisfazer as massas momentaneamente, para ter o seu apoio imediato.

Rozitchner tenta analisar a adesão das massas ao peronismo levando em consideração o seu inconsciente. Para o autor, a relação que a classe operária mantém com seu líder vai mais além de uma simples relação com seu “representante”; trata-se de uma identificação, mas “não qualquer identificação: o sujeito-operário não se identificava com o operário-Perón. A relação com o líder não era de semelhança, mas de diferença[...]” (Rozitchner, 1981.p.187-8)

Essa análise de Rozitchner é válida, também, para o caso brasileiro, pois os estudos que levam em consideração os aspectos psicológicos das massas transcendem as fronteiras geográficas.

Se a relação inconsciente das massas com o líder não era de semelhança, o mesmo não se pode dizer a respeito da identificação construída pela propaganda oficial: Perón, como Vargas, era constantemente comparado com a massa, principalmente com os operários. Eles eram considerados os trabalhadores “número 1”, tanto da Argentina, quanto do Brasil, e procuravam mostrar-se sempre como um semelhante. Mas o simples fato de se apresentarem como os trabalhadores número 1 já os diferenciava dos demais.

Nas comemorações do Dia do Trabalho, essa identificação era realçada pelos meios de comunicação. Na revista *Ahora*, de 01.05.46, Perón aparece na capa vestido com um macacão de operário, sob o título “1º de Maio: Dia dos Trabalhadores”, ou seja, Perón personificava a figura do trabalhador, identificava-se com ele até na maneira de vestir; era o seu semelhante, mas um semelhante diferenciado.



(Revista Ahora, 01.05.1946)

Wilhelm Reich analisa esta questão da relação líder/massa dizendo que somente a psicologia e o misticismo como componente psicológico conseguem explicar a adesão das massas a um líder num regime autoritário.

Reich explica esta situação a partir do inconsciente: “[...] a inibição sexual altera de tal modo a estrutura do homem economicamente oprimido, que ele passa a agir, sentir e pensar contra os seus

próprios interesses materiais". (Reich,1988.p.30)

A repressão da sexualidade provoca uma atitude de humildade e resignação também no campo econômico. As massas se deixam iludir politicamente, pois

A revolta contra a autoridade, acompanhada de respeito e submissão, é uma característica básica das estruturas da classe média, desde a puberdade até a idade adulta, característica esta que se revela especialmente em indivíduos originários de camadas economicamente precárias. (Ibidem, p.36)

Para o autor, a estrutura familiar autoritária é a grande responsável pelas atitudes passivas da massa frente ao líder, pois quanto mais desamparado o indivíduo da massa se torna em consequência de sua educação, mais acentuada é sua identificação com o líder.

Segundo Reich, o comportamento apolítico do trabalhador não significa um estado psíquico de passividade, mas sim um comportamento extremamente ativo, uma defesa contra a consciência das responsabilidades sociais⁴.

Freud também analisava as atitudes das massas. Tomou como ponto de partida os estudos de Gustave Le Bon, que afirmavam que os indivíduos que se transformavam num grupo ficavam submetidos a uma espécie de mente coletiva que os fazia sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento.

As características principais do indivíduo que faz parte de um

⁴Segundo Sérgio B.B. Sant´Anna, é nessa caminhada de aberturas paradigmáticas que a Psicologia encontra a possibilidade de caminhar junto de uma compreensão histórica da cultura. Sant´Anna cita Lucien Febvre, quando este diz que “a Psicologia, conhecimento científico da função mental, deve necessariamente estabelecer relações estreitas com o conhecimento científico da função social, a Sociologia; e deve, não menos necessariamente, manter relações contínuas com as disciplinas mal definidas que confundimos sob o nome tradicional de História”. (Febvre, apud Sant´Anna, 1991.p.6) O historiador e o psicólogo, nessa perspectiva, devem caminhar juntos, pois somente desta maneira será possível reconstituir o material mental de que dispunham os homens em relação a determinado período histórico.

grupo seriam: o desaparecimento da personalidade consciente e o predomínio do inconsciente, a modificação - por meio da sugestão e do contágio de sentimentos e idéias numa mesma direção - e a tendência a transformar imediatamente as idéias sugeridas em atos.

Segundo o autor, os grupos nunca ansiaram pela verdade, eles exigiam a ilusão e o irreal e, por serem um rebanho obediente, não poderiam viver sem um líder. (Freud, 1969)

Muitas vezes, não se consegue explicar, por razões objetivas, a adesão das massas a um líder e a um regime que, em muitos aspectos, lhes são prejudiciais. Nesse sentido, a análise da psicologia coletiva ajuda-nos a compreender os motivos que fizeram com que as massas, tanto no Brasil, quanto na Argentina, aderissem de maneira tão profunda à ideologia dos regimes e a seus líderes. Com auxílio da psicologia coletiva, de massas, é possível perceber quão complexa é a relação líder/massas. Razões de ordem psicológica e não apenas socioeconômicas ou ideológicas ajudam a explicar a adesão das massas ao varguismo e ao peronismo.

4 - A festa esportiva e o controle do corpo

A festa constituía, como já dissemos, um dos meios mais eficazes de controle social. Nesse sentido, a utilização das festas esportivas tinha papel importante na cooptação das massas e disciplinamento dos cidadãos, com vistas ao controle do corpo e da mente.

A prática da educação física e de todas as atividades a ela relacionadas - sendo a festa o ponto culminante desse processo - era fundamental para esse controle surtir efeito.

O que achamos conveniente abordar nesse momento é a presença das concepções eugenistas na ideologia do Estado Novo, divulgadas pela propaganda “festiva” no período.

Nos anos 30, no Brasil, a política eugenista se fortalece devido aos interesses dos grupos conservadores e do próprio governo que, influenciados pelo nazi-fascismo, pretendiam, sob o escudo da unidade nacional, homogeneizar racialmente o povo brasileiro, excluindo todos aqueles considerados indesejáveis, como o negro, o judeu e o japonês. Exalta-se o tipo germânico, considerado o modelo ideal de homem.

Segundo Maria Luíza Tucci Carneiro, Góes Monteiro propôs a constituição de uma “noção de brasilidade” de forma a garantir a segurança nacional, pois a “assimilação das minorias étnicas, lingüísticas e culturais que haviam se instalado no Brasil nas últimas décadas [...] ameaçavam a ordem social e a formação da consciência patriótica brasileira”. (Carneiro, 1988.p.137)

O nacionalismo, segundo a autora, ocultava a política racista levada a efeito no Estado Novo.

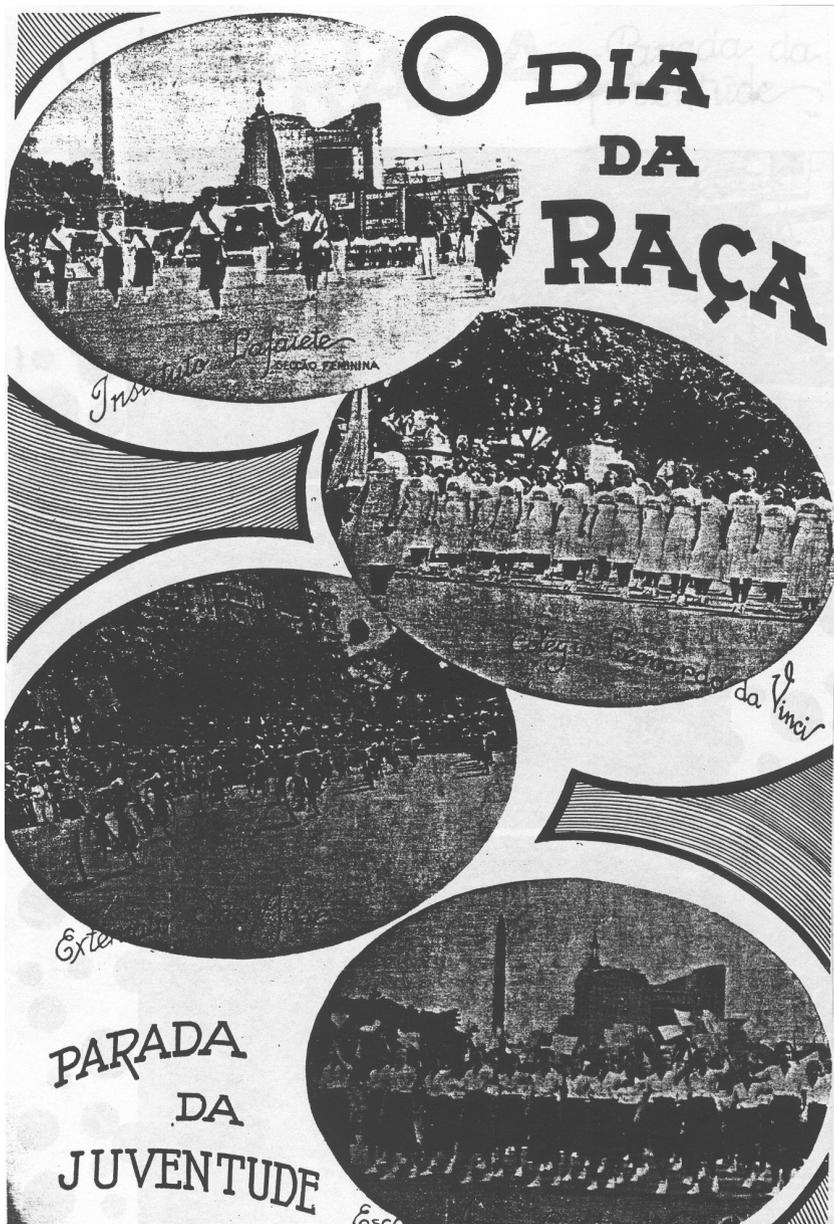
Nesse contexto, a questão do sangue veio à tona, ou seja, as questões biológicas ligadas à raça passam a merecer especial atenção.

Segundo Alcir Lenharo, “o sangue é tomado como instrumental científico; o biológico tem ampla ascendência sobre o psicológico [...]” (Lenharo, 1986.p.113)

No Brasil dos anos 30, também o sangue sacode a fantasia nacionalista. Por detrás da discussão sobre o imigrante desejável reacendem-se as paixões racistas, eivadas de violência e intolerância. Para nós, trata-se de averiguar uma outra face da modelagem do trabalhador nacional através desse mecanismo de poder, o sangue, num contexto de insegurança e indecisão discute-se o positivo pelo negativo. As próprias leis de imigração se pautavam pela negação. Tem-se mais certezas sobre o indesejável que o seu contrário. Teme-se pela orientação desse fluxo sanguíneo. Toma-se sua circulação como instrumento em aberto de alteração profunda da vida do país. O sangue involuntário, reza a tradição, não é bom. (Ibidem.p.113)

A importância atribuída à questão da raça era tão grande, que foi instituído, no calendário nacional brasileiro, o “Dia da Raça” (12/10) e a “Parada da Raça” (Semana da Pátria), quando grandes festas eram organizadas em estádios esportivos, com desfiles de escolas, apresentações de ginástica, pirâmides humanas, canto orfeônico, bandas, concursos, etc., que festejavam amplamente a disciplina, a saúde e a alegria.

O “Dia da Raça” era comemorado através das festas cívico/esportivas, considerando-se fundamental a participação das escolas, das crianças e das mulheres, além dos homens da Escola de Educação Física do Exército, Polícia, Tiros de Guerra, etc.



Revista de Educação Física, out. 1939.

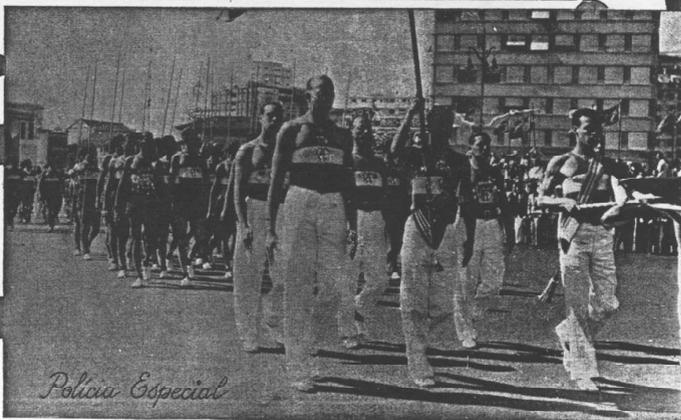
O dia da RAÇA - Parada da Juventude



Tiros de Guerra



Escola de Educação Física do Exército



Polícia Especial

Revista de Educação Física, out. 1937.

Por ocasião de uma dessas festas, ocorrida no Rio de Janeiro, em outubro de 1939, a Revista de Educação Física diz:

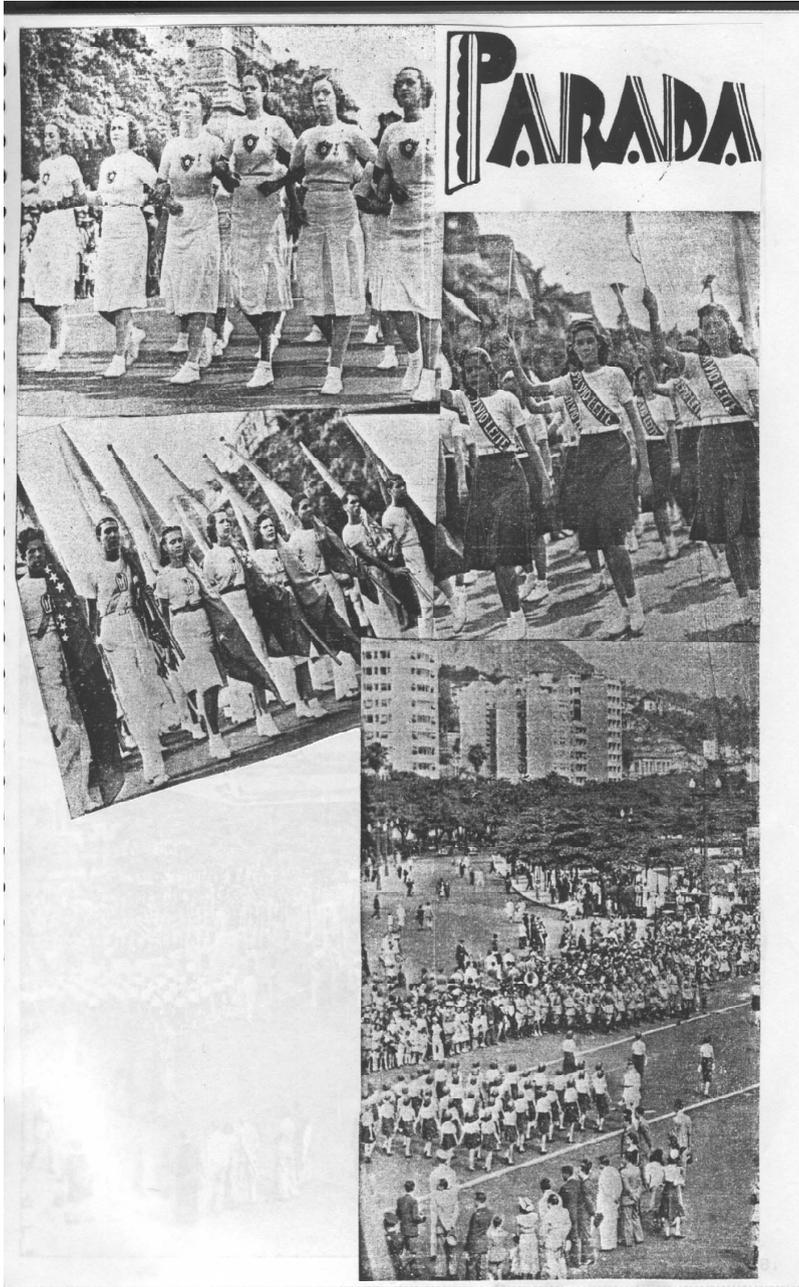
São milhares de jovens que desfilam garbosos, disciplinados, cheios das maiores esperanças. São milhares de corações irradiando patriotismo e alegria.

Diz, ainda,

Contemplem os nossos leitores os aspectos que ilustram essas páginas, onde moças e rapazes, garbosos, fortes e satisfeitos enchem as ruas da cidade representando o nosso padrão racial. (Revista de Educação Física, 1939)

As fotos publicadas, mostrando a Parada da Raça, tentam incutir a idéia de um regime produtor de jovens bem dotados fisicamente, o que atestaria a presença de uma raça bem constituída. Os estudantes, andando de bicicleta, mostravam ser saudáveis; os jovens da Polícia Especial apresentavam-se de camisetas sem mangas, para mostrar seu físico impecável.

Já com relação à participação da mulher nas atividades físicas que visavam ao “aprimoramento racial”, a mesma revista fazia um apelo para que ela continuasse auxiliando no seu desenvolvimento, pois somente dessa forma o “nível físico do nosso povo será elevado”. (Revista de Educação Física, 1938) Mais uma vez não se vê nas fotos senão mulheres de aspecto saudável e feliz.





Revista de Educação Física, out. 1938.

A importância da mulher no aprimoramento da raça era questão fundamental: de nada adiantava apenas o homem ser “saudável” e “garboso”, pois era a mulher a responsável pela geração de “varões”, ou seja, indivíduos saudáveis e eugenicamente compatíveis com aquilo que o governo desejava.

Sob o título “Preparando o Futuro da Raça”, a Revista Educação Física deixa, mais uma vez, clara essa importância atribuída à mulher brasileira.



Revista de Educação Física, out. 1937.

A cultura física da mulher está felizmente saindo do campo da literatura para o da realização prática. Já, por inúmeras vezes, tivemos oportunidade de publicar notícias e gravuras de muitas associações e escolas onde a jovem mulher recebe ensinamentos de vida ao ar livre e de atividade física, como fator preponderante de uma vida sadia e do futuro promissor de uma raça. (Educação Física, out. 1937)

Através do exercício físico, a mulher estaria preparando seu corpo para gerar cidadãos saudáveis que garantiriam o futuro do país.

Essas atividades físicas, mostradas nas fotos, fazem parte de um projeto mais amplo de educação feminina. O Plano Nacional de Educação, de 1937, previa o “ensino doméstico”, que prepararia as mulheres para a vida no lar, o que não foi efetivado. No entanto, daí surgiu o “programa de educação doméstica”, que foi desenvolvido em algumas instituições e que dava ênfase na formação da dona-de-casa ideal. (Schwartzman, 1984.p.108)

A ênfase dada à importância da mulher na manutenção da saúde da família e das futuras gerações tem uma forte inspiração na Alemanha nazista, onde a mulher era considerada a “guardiã da raça ariana”. Ela deveria ficar restrita ao lar, submetida ao marido, jamais deveria participar da política; seu papel não ia além da preparação para a maternidade, a mulher somente se dignificaria pela procriação e pelo ensinamento dos valores fundamentais da nação à família. (Lenharo, 1990.p.69,70)

Cabe, aqui, lembrar uma fala de Hitler em que afirmava que

[...] na luta pela construção de uma comunidade do povo, designamos um lugar para as mulheres, cujos anseios não se voltam para os direitos que o intelectualismo judeu lhes pretende oferecer, mas para as tarefas que a Natureza lhes impõe. (Hitler, apud Dupuex, 1992.p.172)

O Brasil era considerado por intelectuais da época, como Fernando de Azevedo, um país que atravessava um período de “plasticidade e elasticidade”, pois não tinha um tipo racial definido, então o “homem novo” que deveria se formar era “uma argila toda mole e flexível ainda capaz de dobrar-se e adaptar-se sob a pressão física, contra a qual seu passado não lhe for-

nece suficiente apoio". (Azevedo,1960.p.140)

Nesse sentido, a educação física passou, mais uma vez, a ser utilizada como instrumento para aprimorar a "raça brasileira", já que esta inexistia.

O povo brasileiro era considerado um povo complexo demais, o que impossibilitava sua unificação sob o ponto de vista antropológico e etnológico. Ascendente de uma raça em formação, o povo brasileiro era resultado da junção de três grupos raciais antagônicos (negro, índio, branco). Acreditava-se que o Estado Novo representava o período ideal para moldar a futura raça brasileira, sempre com o cuidado para que não vingassem dois tipos raciais opostos que impediriam a unidade nacional. (Bases Científicas da Educação Física,1944.p.64)

Segundo Vargas,

É inadiável dar pronta solução ao problema do fortalecimento da raça, assegurando o preparo cultural e eugênico das novas gerações. (Vargas,1938.p.55)

Diz ainda,

As comemorações da Pátria e da Raça deverão ser, daqui por diante, uma demonstração inequívoca do nosso esforço pelo levantamento do nível cultural e eugênico da mocidade, fonte de revigoração das energias nacionais e penhor seguro do progresso da Pátria. (Vargas,1938.p.56)

Ainda segundo Vargas,

Associando o cinema, o rádio e o culto nacional dos desportos, completará o governo um sistema articulado de educação mental, moral e higiênica, dotando o Brasil dos instrumentos imprescindíveis à preparação de uma raça empreendedora, resistente e varonil. E a raça que assim se formar será digna do patrimônio invejável que recebeu. (Vargas,1943.p.345)

Além da festa da raça, o governo brasileiro instituiu o Concurso de Eugenia que era realizado anualmente em São Paulo.

O jornal OESP faz uma reportagem sobre o 7º concurso em que diz:

Como na alfabetização, ou mais ainda, é na eugenia que repousa o futuro da raça que se forma em nosso país, e somente com a

execução das suas boas medidas é que, amanhã, terá o Brasil uma raça forte, garantia essencial para a sua prosperidade material e espiritual [...] Do mesmo modo que não se compreende um povo de sadios analfabetos, não se admite que uma raça seja integrada por ilustres tarados. Os dois princípios são igualmente poderosos: alfabetização e eugenia. (OESP,27.05.38)

Dr. Octávio Gonzaga, chefe da Inspetoria de Higiene e Assistência à Infância, serviço encarregado do concurso, afirmou:

[...] não se trata apenas de uma prova de robustez, em que levam os prêmios as crianças com índices mais elevados de peso e estatura, mas aquelas que, pelos seus antecedentes familiares e atributos pessoais, mostram um conjunto de perfeição em que se fundem a saúde e a beleza da raça. (Ibidem)

Durante a Semana da Criança era realizado o “Concurso de Robustez Infantil” e de “Robustez Escolar”, onde os aspectos relacionados com a “pureza da raça” também ficavam bem claros.

A idéia da seletividade baseada na pureza racial ficava explícita nesses concursos, como os próprios nomes já indicam.

Os pais das crianças desclassificadas nessas ocasiões eram incentivadas a aperfeiçoarem as “qualidades” de seus herdeiros, pois “a simples inscrição em um concurso de eugenia já representava uma auspiciosa seleção”. (OESP, 27.05.38)



Crianças classificadas no 7º Concurso de Eugenia, todas “belas” e “robustas”.
(OESP,27.05.1938)

O artigo assinado por Maria Luiza F. Rocha, publicado no jornal OESP com o título “Eugenia”, elucida bem a questão. Fala da necessidade de se evitar o nascimento de crianças geradas por pais portadores de alguma deficiência ou tara, pois segundo a autora, é somente dessa forma que “[...] surgirá naturalmente uma raça forte e a vida terá, seguramente, mais equilíbrio e mais beleza”. (OESP, 1944)

A busca da pureza racial do homem brasileiro fez com que os profissionais ligados à educação física achassem fundamental a elaboração de um “método nacional de educação física” que reuniria os princípios norteadores de uma campanha nacionalizadora, a ser promovida com o objetivo de fortalecer a unidade nacional através da criação de uma mentalidade nacional.

A educação física, responsável pela formação de uma “raça forte” e pela “regeneração da raça”, constituía-se em “instrumento de transformação étnica e social”, cuja meta era “dirigir o inventário das forças do indivíduo e de suas taras, de maneira a utilizar a totalidade de umas e neutralizar o efeito de outras”. (Azevedo, 1960, p.38)

O governo deveria ter um programa de generalização e de racionalização da ginástica em todo o território nacional, o que seria uma obra de aperfeiçoamento da raça e de confraternização.

Nesse sentido, as festas esportivas foram idealizadas para a formação de uma identidade coletiva do povo brasileiro, onde a noção da homogeneização poderia ser desenvolvida.

O momento da comemoração, da celebração cria o sentimento de unidade, de comunhão, que diz serem todos igualmente importantes, não havendo diferenças, principalmente nas comemorações de cunho cívico/esportivo; a harmonia e a ordem disciplinar eram constantemente apregoadas.

Nessas festas, a idéia da homogeneização da raça se reforçava associada à idéia de desenvolvimento do sentimento nacionalista.

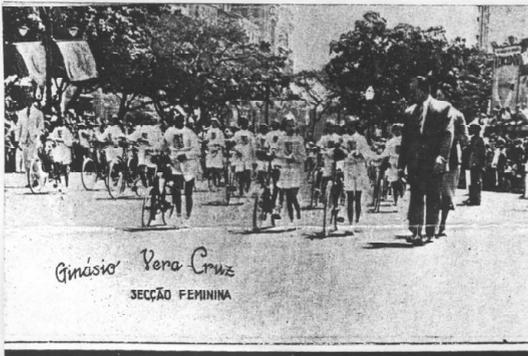
Durante a Semana da Pátria de 1937, a “Parada da Mocidade e da Raça” foi mais uma vez palco de entusiasmadas considerações a respeito da “raça brasileira”.

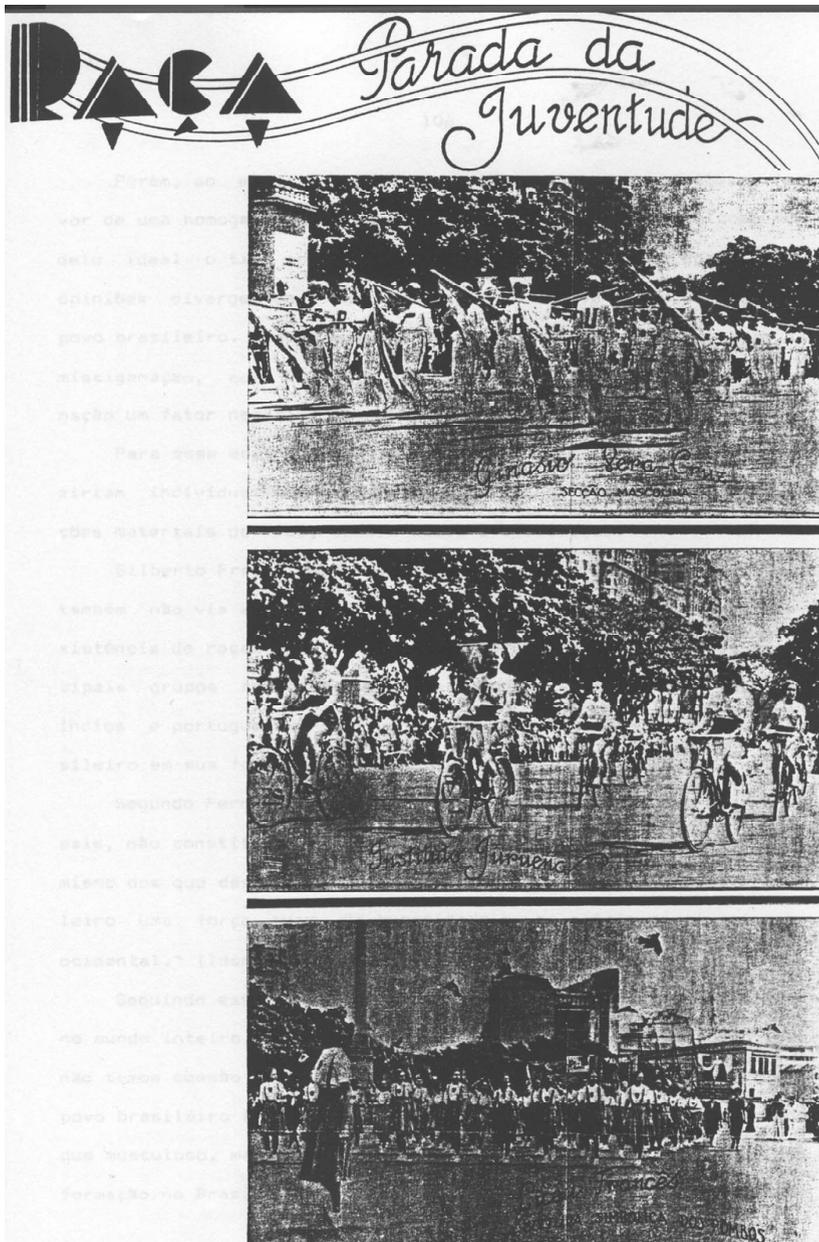
O cortejo grandioso do dia da raça serviu de conforto a todos os que o presenciaram e que vem acompanhando com otimismo os destinos do Brasil. Nele ficou patenteado que ao brasileiro não faltam vigor e resistência física, como também lhe sobram entusiasmo e patriotismo [...] quando a nossa mocidade sair da vida sedentária que leva, para respirar o ar puro dos ginásios, será então um encantamento assistirmos à parada da raça porque nela veremos a ardente energia moral da nossa juventude marchar resoluta e firme, confiante nas suas próprias forças, como admiraremos também músculos que se avolumam e se enrijecem, peitos que se dilatam e se fortificam (Educação Física, out. 1937)

A educação física era considerada questão de “defesa nacional” e “fator educativo indispensável à regeneração das raças e à transformação estética dos indivíduos”.

As fotos mostram, mais uma vez, a ênfase dada às questões do corpo, da saúde e da alegria. Era através dessas manifestações, repetidas a cada ano, que o regime, aos poucos, incutia seus valores nos cidadãos.

DIADA





Revista de Educação Física, out. 1937.

Porém, ao mesmo tempo em que se destacavam as opiniões a favor de uma homogeneidade racial do povo brasileiro, tendo como modelo ideal o tipo ariano, percebe-se que nessa mesma época havia opiniões divergentes, não considerando nociva a miscigenação do povo brasileiro. Alguns autores se destacaram nessa valorização da miscigenação, como Roquette Pinto, que não considerava a miscigenação um fator negativo, nem produtora de indivíduos degenerados.

Para esse educador, os cruzamentos inter-raciais sempre produziriam indivíduos normais; o que os diferenciava eram suas condições materiais de vida, como a saúde e a educação.

Gilberto Freyre, em sua obra *Casa Grande e Senzala*, de 1933, também não via a miscigenação como um problema, e questionava a existência de raças superiores e inferiores. Para ele, os três principais grupos responsáveis pela colonização do Brasil - negros, índios e portugueses - influenciaram psicologicamente o povo brasileiro em sua formação.

Segundo Fernando de Azevedo,

[...] a mestiçagem que se operou no país não constitui, de modo algum, razão suficiente para o pessimismo dos que descrevem da possibilidade de tornar-se o povo brasileiro uma força viva da humanidade e uma glória da civilização ocidental. (Azevedo, p.212)

Seguindo esse mesmo raciocínio, Pedro Calmon dizia:

[...] somos, no mundo inteiro, o povo mais necessitado de cultura física, pois não temos coesão étnica, tipo definido, ou antropologia estável; o povo brasileiro é "mais mescla do que uniforme, mais nervoso do que musculoso, mais ágil do que forte. (Revista de Educação Física, 1938, p. 80)

Para o autor, a raça em formação no Brasil "desconcerta os sábios e seus cálculos, desorienta as teorias e os seus dogmas, arruina os preconceitos e as suas leis presunçosas." (Ibidem, 1938, p.40)

O autor relaciona a questão eugênica com a necessidade de educação física argumentando:

O `melting pot` nacional criou, na heterogênea e variada população brasileira, a energia substancial das gentes rijas.

Plástica atlética, corpulência sólida, espírito claro, forma e fibra de heróis. Lapouge e Gobineau recuariam, atônitos, eles, que inventaram o mito da inferioridade das sub-raças de matizes transitórios-diante dessa juventude nortista bronzada e robusta, do homem do litoral hercúleo e sadio, do nosso meridional que, na cruzada das correntes imigrantistas, não perdeu, na aparência ou na psicologia, nenhum dos traços nobres de sua origem caucásica. Mas não pretendemos confiar aos acasos da educação individual a sorte do Brasil futuro. Aspiramos à fixação das linhas características do homem brasileiro. Queremo-lo rijo, vivaz, resistente e disciplinado. (Revista de Educação Física, 1938, p.1)

Concepção semelhante encontramos no artigo “Aprimorando a Raça” de Lima Figueiredo que também valoriza essa miscigenação resultante dos diversos tipos formadores da “raça brasileira”.

Aqui, na Escola de Educação Física do Exército, tudo nos faz recordar o nosso passado glorioso que nos dá ânimo para aprimorar as belas qualidades que o índio destemido, o luso heróico, o negro resistente e perseverante e mil outras gentes nos legaram para a constituição do nosso tipo racial que, heterogêneo pelos elementos componentes, será uniforme pela alma, pelo sentimento, pelo desejo de fazer do Brasil uma pátria grande, pelo ideal humano e forte, pela vontade dos seus filhos. [...] A Escola de Educação Física do Exército [...] aprimora o nosso físico, para melhor pujança da raça formada por aqueles que nos deram parcelas do seu sangue. (Revista de Educação Física, 1941, p. 49)

Podemos perceber que havia uma diversidade de opiniões no que se refere ao “tipo ideal” de homem brasileiro.

A preocupação com a questão da homogeneização racial, também é sentida na Argentina, embora de forma não tão contundente.

O tema da miscigenação ou branqueamento da raça não se coloca no contexto do peronismo.

A inexpressiva presença da raça negra e indígena e a predominância latina naquele país poderia ser uma das explicações para essa questão racial não ser tão forte. No Brasil, o negro e o índio eram parcelas significativas da população, o que poderia acarretar um perigo para a pureza racial pretendida. Entretanto, na Argentina, esses elementos praticamente inexistiam, o que explica a au-

sência de uma ampla discussão sobre as raças. Isto, todavia, não impediu que surgissem preocupações com a eugenia.

Segundo Santiago Ganduglia, da Secretaria de Imprensa e Difusão da Argentina, Perón dava grande importância às atitudes do povo argentino no tocante à disciplina física, pois esta facilitaria a eugeniização racial do país. O governante admitia fazer parte de um país onde havia grande confluência de raças, resultando na necessidade de um tipo étnico fiel às tradições e à história do país.

No peronismo predominou a crença de que apenas um povo “fisicamente bem dotado” poderia sentir-se livre e seguro, e isso só aconteceria com o desenvolvimento do esporte e da educação física, que preservaria o povo argentino da decadência ou da destruição dos atributos da raça. (Ganduglia, 1955.p.13)

Em muitos momentos, essas festas cívico-esportivas acabavam incorporando um espaço de “exposição”, ou seja, os homens, mulheres e crianças que desfilavam para o líder, saudando a Pátria e seus heróis, eram transformados em atores com papéis previamente definidos e hierarquizados pelo Estado autoritário.

Esses desfiles constituíam uma festa onde as demonstrações dos corpos e sua exemplaridade de “raça selecionada”, saudável do regime vinha à tona: desfilavam o jovem e o trabalhador saudáveis, o desportista disciplinado, o modelo de mulher preparada para a maternidade, etc.

Podemos dizer, portanto, que a festa-desfile assumia um caráter de “feira de exposições”, onde o Estado divulgava os signos do modelo físico e moral que a sociedade deveria perseguir.

Como na ficção contemporânea de Aldous Huxley⁵, o regime cria modelos para as diversas atividades, modelos clássicos e eficientes para a realização das tarefas racionais e para a manutenção da hierarquia e do Estado controlador da sociedade e do modelo eugênico.

⁵ Referimo-nos ao livro *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, escrito em 1932.

4.1 - *Educação Militar*

Nas festas cívicas e esportivas promovidas pelos regimes varguista e peronista, um elemento que nos chama a atenção é a busca da ordem e da disciplina que transparece nas várias fotos da época. O modelo militar, certamente, orientava a organização das festas.

Vargas deixava explícita a importância atribuída ao Exército na questão disciplinar. Considerava o serviço militar um aprendizado indispensável à juventude brasileira.

Pelas suas dependências e alojamentos (quartel) passarão, em cada período de conscrição, numerosos contingentes de jovens, que aprenderão a viver melhor, mais conforme às regras de higiene e aos hábitos salutareos da disciplina, aprendendo, ao mesmo tempo, a amar a Pátria e a se considerar, pela vida afora, parcela ativa da sua unidade moral. (Vargas, 1942. p. 88)

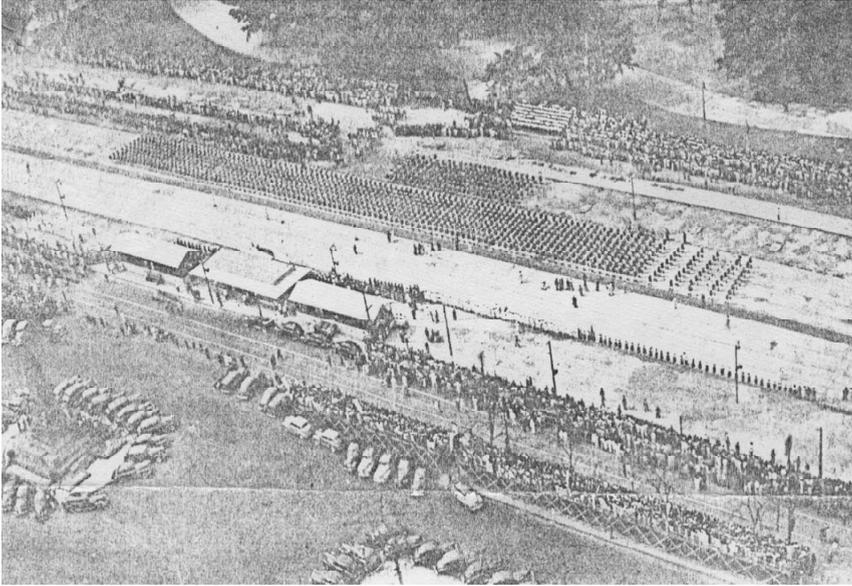
Ainda com relação ao Exército, dizia Vargas:

Oxalá exemplo assim edificante (inauguração de um campo desportivo) venha frutificar largamente noutros recantos do país, onde as guarnições do nosso glorioso Exército possam, também, ser pioneiras do aperfeiçoamento da raça, como já o são da sua educação moral e cívica. (Vargas, 1937. p. 113)

E completava: “a grande virtude nacional deve ser uma virtude militar, a disciplina”. (Vargas, 1938.p.54)

Nesse sentido, devemos lembrar que as Forças Armadas tinham um projeto educacional próprio, cuja pedagogia estava preocupada em incluir os princípios de disciplina, obediência, organização, hierarquia, respeito à ordem e às instituições. (Schwartzman, 1984.p.67)

O Exército poderia expressar esses ideais nos desfiles da Semana da Pátria. A organização era total, não havia ninguém fora do alinhamento, a hierarquia era garantida pela ordem da apresentação.



“O corpo de Fuzileiros Navais em desfile na grandiosa parada do Dia da Independência”. (Revista Cultura Política, 1944)

Maria Helena Capelato afirma que, nessa época, a educação militar foi muito importante e ficou a cargo do Ministério da Guerra, que tinha como objetivo formar homens bem treinados militarmente. Nesse sentido, enaltecia-se o exército alemão, que deveria servir como modelo ao exército brasileiro. (Capelato, 1988.p.213)

Para Fernando de Azevedo,

[...] os esportes não tendem a tornar a juventude mais belicosa, mas somente mais militar, isto é, dão-lhe o sentimento de sua força sem incitar o uso dela, e, se uma vez declarada a guerra, imprimem-lhe caracteres de maior ofensiva, decisão e rapidez; os esportes tendem, de outro lado, a fazer predominar, na guerra, costumes mais humanos, e, restabelecida a paz, a atenuar e arrefecer os rancores e ódios. (Azevedo, 1960.p.75)

Acrescenta que a ginástica militar é parte integrante do programa da ginástica educativa.

Apesar de não se enquadrar completamente num plano de

ginástica racional, é de incontestável utilidade a introdução desses exercícios no ensino da ginástica, tanto elementar como secundária; porque, além de facilitar ao instrutor militar a sua tarefa, inculcando sentimento de disciplina e comando, e adaptando ou treinando os alunos para a ginástica militar, são considerados indispensáveis para tornar os alunos mais maleáveis, ordenados e disciplinados. (Ibidem, p.184)

Para Alcir Lenharo, essa “proposta de docilização coletiva dos corpos e organização compreensiva da sociedade” identifica-se com a organização militar: “sutilmente vão sendo anunciados desejos de que ao Exército fosse facultada a missão de criar o homem brasileiro, dirigi-lo e governá-lo integralmente”. (Lenharo, 1986.p.80)

A supervalorização do Exército é explicitada por Hélion Póvoas no artigo escrito para a Revista de Educação Física:

Entreguemos ao Exército que, no particular, já provou e está provando com a admirável, mais que isto, com a maravilhosa Escola de Educação Física, do que é capaz; entreguemos ao Exército todos os poderes para que, no setor da educação física, ponha em prática em todo o território nacional a sua técnica disciplinadora que é, no momento, um Evangelho salutaríssimo à nação. Para nos pôr a salvo das tormentas, organizando a nossa defesa, o Exército glorioso precisa de um “homem brasileiro”, com todas as letras maiúsculas, bem maiúsculas. Confiantes, entreguemo-nos a ele, porque só ele dispõe dos elementos necessários a um renascimento de vigor físico indispensável à organização bélica de uma Pátria, ainda que a mais pacífica, como a nossa. Seja o Brasil, todo ele, no tocante à educação física, uma Escola de Educação Física do Exército, e galgaremos assim a vanguarda da civilização, pela força organizada, ganhando o reino da paz que só a força assegura. Marchar para o Exército é, pois, marchar para as alturas! (Revista de Educação Física, 1938. p.1)

Para Azevedo Amaral, era preciso que se formasse no brasileiro uma mentalidade capaz de “pensar militarmente”, daí a importância da associação entre Educação e Exército, pois a “segurança de uma nação só seria consolidada quando todo o povo estivesse infiltrado do espírito militar”. (Amaral, apud Schwartzman, 1984.p.69)

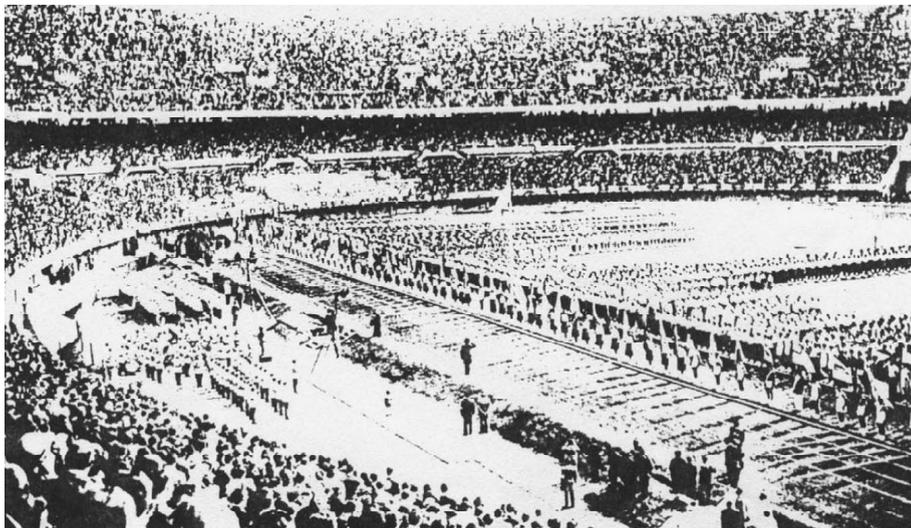
Como reforço dessa idéia, temos um artigo intitulado “A Escola de Educação Física do Exército - Uma das realizações da inteligência e da tenacidade brasileira”, onde são colocados os benefícios que a educação física infunde no cidadão brasileiro.

Uma das maiores realizações brasileiras nesse último decênio, tem sido, sem dúvida alguma, a grandiosa obra de aperfeiçoamento físico do povo, para a execução da qual, o Exército, com entusiasmo e perfeito conhecimento do problema, estendeu a sua ação patriótica por todo vasto território nacional. Através da educação física sistemática, ele infunde à massa das populações brasileiras, além de saúde e vigor, qualidades morais e aptidões sociais-civismo, sentimento de sacrifício pela coletividade e consciência de que a vida é um dever e só é bela quando é útil. (Revista Educação Física, 1941.p.3)

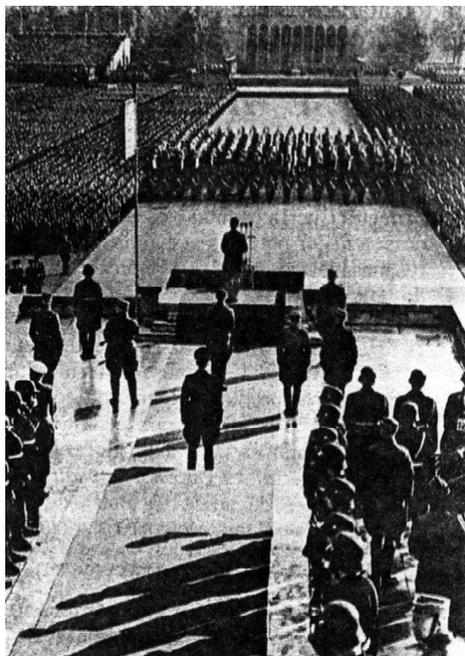
Na Argentina, a situação era parecida, mas o aspecto militar da educação ganhava maior ênfase.

As Forças Armadas sempre tiveram influência no governo, haja vista a formação militar do próprio presidente Perón, explicando, assim, a ênfase na ordem, na disciplina e na hierarquia impressas nas comemorações cívicas e esportivas.

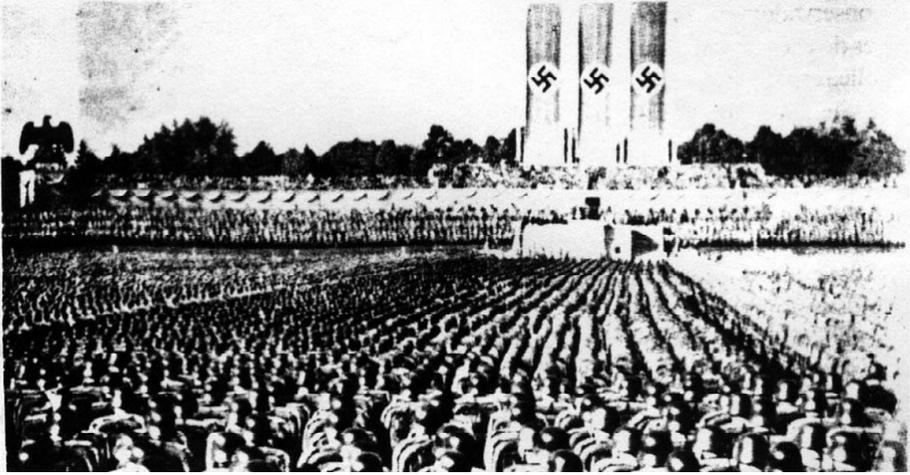
Perón, nesse aspecto, também inspirou-se na Itália de Mussolini e na Alemanha nazista. Acreditava que estes países tinham encontrado seus caminhos na rígida hierarquia, organização e disciplina.



"Grandioso ato em River Plate". (Arquivo Geral da Nação)



Congresso nazista em Nuremberg



Concentração nazista



Manifestação fascista

4.2-Educação Física

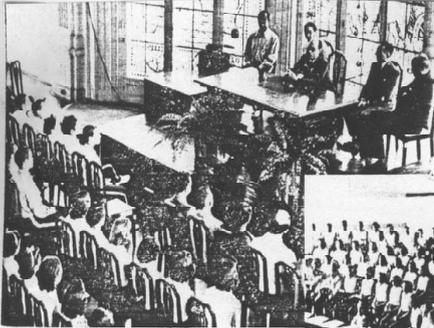
Outro aspecto obrigatório a se considerar quando analisamos as festas esportivas é a própria prática de educação física que, mesmo não tendo sido iniciada nos regimes estudados, passou a ter, nesse momento, maior importância, pois era considerada uma das responsáveis pela melhoria das qualidades físicas e morais do homem.

No Brasil, a Constituição de 1937 tornava obrigatória a prática da “fisiocultura” em todos os estabelecimentos de ensino e, segundo o Prof. Álvaro Cardoso, esta vitória foi alcançada pela campanha sem tréguas da Escola de Educação Física do Exército.

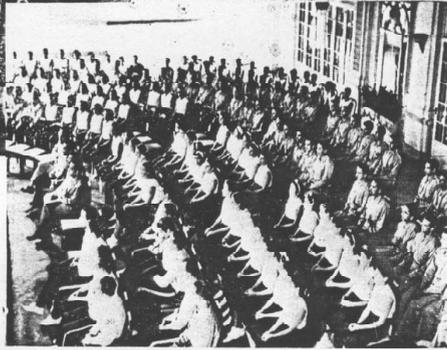
A educação física era um instrumento muito útil nessa “domesticação” e “adestramento” das massas pretendida pelos governos varguista e peronista, para conseguir seu apoio irrestrito. Deve-se, nesse sentido, destacar que a primeira escola de educação física brasileira foi do Exército, que tem como um de seus pilares ideológicos a disciplina.

Segundo Abgar Renault,

Foi por intermédio do Exército que se instalou a nossa primeira escola de educação física e foi nela que se moldou a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, recentemente instalada pelo Ministério da Educação e Saúde [...] As forças vivas da nação brasileira encontraram, afinal, os instrumentos adequados à sua formação, à sua disciplina e à sua direção para os rumos que conduzem à criação de sólidos valores físicos e morais. (Revista de Educação Física, 1939. p.1)



O ministro Capanema dirige a palavra aos alunos, por ocasião de sua visita à escola.



★
*Atividades
da
Escola Nacional
de Educação Física
e Desportos*



boa higiene do corpo res-

No livro *Bases Científicas da Educação Física* (sem autor, RJ, 1944, Imprensa Nacional), encontramos a referência de que

[...] o fim, em última análise, da educação física deve ser o desenvolvimento e a educação geral do indivíduo através de atividade física sadia e interessante, por intermédio da qual ele alcançará o máximo de sua capacidade física e mental e aprenderá a usar todas as suas qualidades inteligente e cooperativamente como um bom cidadão, mesmo sob o mais violento estado emotivo. (Bases Científicas de Educação Física, 1944. p.43)

Por ocasião da “Parada da Mocidade e da Raça”, a Revista Educação Física narra os desfiles e as apresentações ocorridas e mostra a importância dada às atividades físicas pelo governo.

Se aquelas lindas crianças souberam desfilar com tanta convicção e arrebatamento, que não fariam se sua vida fosse despertada diariamente pela Educação Física! Com que desembaraço se exibiriam, se o problema da educação física fosse encarado como um problema de defesa nacional, como um fator educativo indispensável à regeneração das raças e à transformação estética dos indivíduos. (Revista Educação Física, 1937. p.11)

Alcir Lenharo analisa a questão da moralização pelo exercício físico, afirmando que na década de 30 o governo se dá conta de que só poderá transformar a sociedade passando pela questão do corpo. Surge, então, grande número de revistas especializadas e a atenção de profissionais e instituições volta-se para a questão da saúde, higiene e educação física.

O autor afirma ainda que

[...] se imprime um sentido de consciência social ao aprimoramento físico; a nova higiene do corpo responsabiliza o indivíduo de modo a desenvolver uma consciência de bem-estar coletivo. A participação decorrente das práticas esportivas e a dimensão coletiva aventada impulsionam para a formação de novos “condutores sociais”, aptos para cooperar com a comunidade. (Ibidem, p.78)

Na Argentina, também havia uma orientação governamental no sentido de desenvolver a prática desportiva nas crianças, nos jovens e nos adultos. O governo peronista garantia a verba necessária para manter os esportistas do país.

Se é necessário preparar campos de treinamento, o faremos; construiremos barracões de madeira ou de qualquer coisa, para que possam ter treinamentos em lugares que garantam o mínimo necessário de comodidade. Construiremos tudo isso onde quiserem. É um assunto que se pode resolver nas melhores condições e, para tal, colocamos à disposição todos os meios que sejam necessários. (Perón,1950.p.5)

Argumentava ainda,

Nos ginásios de esportes, que complementavam a organização, dever-se-ia fortalecer e desenvolver o corpo e exercitar as virtudes viris, a coragem individual, a solidariedade e o espírito de equipe, mediante exercícios e provas apropriadas.

A antiga ginástica, aborrecida e em geral inoperante, devia ser substituída pela prática esportiva, entusiasta e ativa, semelhante às manifestações próprias do povo. (Perón,1956.p.98)

Na “Nova Argentina”, o esporte e os heróis desportivos eram de grande valia para a divulgação do país como modelo de sociedade saudável e vigorosa.

Perón, em uma competição esportiva, dirige-se à massa com as seguintes palavras:

Seja nossa homenagem para as glórias do esporte que nos acompanham, para os campeões, para todos os desportistas que estão construindo a Nova Argentina que desejamos, de homens sãos, robustos e fortes. Porque fazem as nações fortes, os povos sãos e vigorosos. (Perón,1949. p. 50)

Os ídolos desportivos deveriam ter as melhores qualidades humanas, deveriam ser espelhos, modelos para serem seguidos por todos os argentinos.

Segundo o governo, as escolas deveriam iniciar as crianças na prática esportiva, dispondo de campos próprios ou clubes existentes nas proximidades.

Esta ação era completada pelos clubes da União dos Estudantes Secundários, organizados em todo o território da República, onde as moças e os moços podiam dedicar as tardes e as manhãs ao culto dos esportes de sua preferência, completando, assim, a sua educação integral.

Para os estudantes havia clubes mantidos pela Fundação Eva Perón e, para os adultos, o esporte era dirigido e governado pela Confederação Geral de Esportes.

O apoio ao esporte era tão grande que nos Jogos Panamericanos realizados em Buenos Aires durante o governo Perón, a Argentina abocanhou o maior número de medalhas (150), ficando na frente, inclusive, dos Estados Unidos que obteve 95 medalhas.



Presidente Juan Carlos Perón cumprimenta os cestobolistas brasileiros no primeiro Pan-americano, em Buenos Aires. (Folha de São Paulo, 1991)

Perón costumava freqüentar competições esportivas de todos os gêneros, demonstrando seu amor ao esporte.

Segundo Perón,

[...] para que o esporte seja de utilidade integral para a Nação é necessário estabelecê-lo também como atividade permanente de toda a população: deve ser a juventude estudiosa argentina a futura condutora dos destinos da nacionalidade a que primeiro deve colocar-se de pé e organizar-se sem demoras para aprender o caminho que lhe assinala o líder da Nova Argentina. (Perón, apud Confalonieri, 1946. p.168)

O jornal La Prensa de 02.05.54 fez uma reportagem sobre a cidade estudantil inaugurada por Perón, destacando a importância dada pelo governo para o desenvolvimento de uma juventude “sã, forte e culta”. O jornal dizia que isso mostrava a constante e crescente preocupação do líder com o desenvolvimento da juventude, imbuída do sentido patriótico e humano, essência da doutrina justicialista. O regime procurava proporcionar os meios necessários para sua formação, criando novas orientações educacionais, que iriam desde o ensino das humanidades até seu aperfeiçoamento na aprendizagem dos ofícios e das profissões mais úteis ao futuro do país.

Segundo o artigo, o governo tinha o objetivo de organizar a juventude, naquele momento, solidamente unida e identificada com seus ideais, a partir dos princípios doutrinários do Justicialismo: suprimindo todas as diferenças de posição social e econômica, todos os jovens teriam a mesma possibilidade para sua cultura física, para sua saúde e para a aquisição de conhecimento.

O governo peronista organizava, anualmente, os “Campeonatos Infantis de Futebol Evita”, em que todas as crianças poderiam participar. Todo o equipamento necessário era fornecido pelo governo e as finais aconteciam em grandes estádios com a presença de Perón e Evita que entregavam os prêmios aos ganhadores. Mais de 100 mil crianças participaram desses campeonatos.

Segundo Perón, “só um indivíduo com uma boa alma, com um corpo são e vigoroso e uma mente desenvolvida e inteligente pode sintetizar uma educação completa e integral.” (Perón, 1956. p.97). E conclui que a atividade, além de ser um dever físico, é também uma necessidade e um benefício para a saúde moral e física da juventude argentina.

A preocupação do governo argentino com a prática desportiva também fica clara na publicação da Secretaria de Imprensa e Difusão de 1955, intitulada “O Novo Espírito do Esporte Argentino”, que coloca os objetivos do Estado relacionados à cultura física.

O Estado favorecerá o desenvolvimento da cultura física do povo em harmonia com sua formação moral e intelectual, mediante o exercício do esporte, que haverá de desenvolver-se segundo os

seguintes objetivos:

- a) Fins do esporte: O esporte tenderá à elevação do bem-estar e da cultura geral do povo, ao desenvolvimento de seus sentimentos de patriotismo, ao estímulo saudável e à solidariedade social;
 - b) Ação desportiva: O esporte será desenvolvido pelas instituições privadas com o apoio do Estado [...]
 - c) Organização do esporte: O Estado determina a organização de todas as entidades desportivas do país por atividades, em um sistema nacional de organização desportiva;
 - d) Educação física em entidades desportivas: O Estado promoverá especialmente a ação e o desenvolvimento das instituições privadas que cumpram não só sua missão desportiva, mas ao mesmo tempo cooperem com o Estado em relação à educação física de seus associados ou da população nas zonas de sua influência;
 - e) Certames desportivos: O Estado determinará a realização de certames regionais, nacionais e internacionais que promovam a elevação do espírito e o nível desportivo do povo;
 - f) Assistência técnica e econômica aos desportistas: o Estado, através dos organismos competentes, prestará seu apoio técnico e econômico aos desportistas, a fim de facilitar-lhes a prática de sua especialidade e para que contribuam com o progresso e superação do esporte nacional;
 - g) Fiscalização médica a desportistas: A fiscalização médica dos desportistas terá caráter obrigatório a fim de adequar as atividades correspondentes à capacidade física;
 - h) Formação de técnicos: O Estado promoverá e facilitará a formação de professores e técnicos especializados em cada uma das distintas atividades desportivas.
- [...] Por isso, o objetivo geral correspondente fala do desenvolvimento da cultura física mediante a prática dos esportes, como fator de harmonia na formação moral e intelectual das massas. (Ganduglia, 1955, p.3,4)

Da mesma forma que no Brasil, a cultura física do povo argentino deveria harmonizar-se com sua formação moral e intelectual. Assim, através do esporte as noções de patriotismo e solidariedade, deveriam ser assimiladas.

O apoio do governo ao esporte e aos esportistas que se destacavam era uma prática de fundamental importância, pois a difusão política daí decorrente ocorria, não só no próprio país, como também no exterior. O esporte era “razão de Estado”, pois promovia a

“elevação do espírito” e, principalmente, porque era capaz de comover e mobilizar as massas.

Perón era considerado o “Primeiro Desportista” argentino, e também o “Primeiro Trabalhador”, o que completava sua imagem pública com um ângulo informal, competitivo, mas simpático.

Cada evento esportivo era uma festa de aclamação ao líder e ao regime, razão pela qual Perón se interessava em proporcionar o maior número de competições e apresentações esportivas na Argentina, bem como patrocinar atletas e times de todas as modalidades, pois cada vez que um deles se tornava campeão, a comemoração se transformava em festa de apoio ao regime.

Aqui, como no regime Vargas, vem à tona a questão da coletividade e do bem-estar geral, consideradas condições básicas para o funcionamento harmonioso da sociedade e para a eliminação dos conflitos entre as classes.

Segundo Santiago Ganduglia, foi necessária uma obra de governo e de doutrinação incessante como a realizada por Perón, para que o esporte pudesse desenvolver-se até seus fins superiores de extensão popular e de enaltecimento dos humildes. (Ganduglia, 1955.p.6)

Perón pretendia “unificar espiritualmente” o povo argentino, conquistando a juventude através dos 5 milhões de desportistas que ele queria formar.

Segundo o líder, a harmonia social também poderia ser atingida pelas atividades físicas.

[...] é no ambiente desportivo que as diferenças desaparecem, nasce uma camaradagem superior a todas as outras e se forma o espírito superior e uma grandeza de alma que é a única coisa que os homens devem conquistar. Os clubes desportivos são a escola primária dessa grandeza espiritual, por isso o governo e a Nação estão na obrigação de proporcionar essas atividades, ajudá-las como uma obra de governo. Nesse espírito está a grandeza da Pátria, que é inútil buscar em outras direções. (Perón, 1973.p.63)

Esse ordenamento físico do cidadão nos remete ao ordenamento do seu próprio cotidiano como uma forma de manipulação social,

que permitiu acentuar os valores de uma moral rígida e repressora.

Mais uma vez percebemos semelhanças entre as concepções educacionais varguistas e peronistas com as da Alemanha nazista. Hitler também colocava a formação intelectual em segundo plano, dando primazia à cultura física e moral.

O Estado não acreditará que sua tarefa em matéria de educação se limite a fazer a ciência penetrar os cérebros. Procurará obter, por meio de educação apropriada, corpos absolutamente sadios. O cultivo das faculdades intelectuais virá somente em segundo plano. Mas, ainda aqui, o objetivo primordial será a formação do caráter, especialmente o desenvolvimento da força de vontade e a capacidade de decisão(...) A instrução propriamente dita situar-se-á apenas em último plano. (Hitler, apud Dupeux, 1992, p.233)

Nesse contexto, esclarece-se bem a intenção do regime com a obrigatoriedade dessa prática. Como já foi dito anteriormente, os ideólogos do Estado Novo e do peronismo criaram uma imagem de sociedade em festa, onde o “povo era feliz”, ocultando a outra face do regime expressa através das formas de controle social (censura, prisões, exílio, torturas, mortes). Tal controle implicava disciplinamento do corpo e da mente dos cidadãos.

O apoio dado à educação física e aos esportes em geral por Vargas e Perón teve, sem dúvida, seu aspecto positivo. Não podemos, entretanto, deixar de desvincular esse apoio da tentativa de manipulação política.

O esporte era um instrumento de fácil repercussão social, já que era amplamente praticado e difundido. Os ídolos desportivos, disciplinados e ordeiros, também serviam de exemplo para a massa.

Qualquer competição esportiva poderia se tornar uma manifestação política de apoio ao regime, como ocorreu em diversas ocasiões da história argentina e brasileira.

Era mais fácil chamar a atenção da massa com um apelo popular como o esporte, do que chamá-la para uma manifestação política de apoio ao regime.

As propagandas varguista e peronista levavam em conta esse aspecto, o que explica o interesse pelos mecanismos de controle do corpo.

Tanto no Brasil, quanto na Argentina, a educação física baseada nos ideais militares, e as festas esportivas daí decorrentes, mostravam a preocupação desses regimes em controlar o corpo e a mente dos cidadãos. Entendia-se que o aperfeiçoamento das qualidades físicas e morais dos cidadãos transformaria a sociedade.

Aqui ressaltamos, mais uma vez, a inspiração nazi-fascista, principalmente na questão do corpo, que o governo alemão levou a extremos com a política de purificação racial.

4.3-Festa e educação num espaço disciplinador

Os ideólogos dos regimes varguista e peronista consideravam que, para manter a sociedade controlada, havia a necessidade da participação popular e necessidade da aceitação integral das idéias veiculadas a respeito do que seria melhor para o todo.

A maneira encontrada para efetivar esse projeto foi, primeiramente, o controle e a organização do espaço público. A moral e o civismo foram acionados para forjar a idéia da sociedade unida e harmônica.

O instrumento utilizado por esses governantes para conseguir esse tipo de controle foi, como já vimos, a prática da educação física e suas derivações, o escotismo, os clubes de menores, os parques infantis e as colônias de férias, entre outros.

Todas essas formas de controle social, através do corpo, fechavam seu ciclo nas festas esportivas.

A organização do espaço podia ser percebida visualmente nas próprias formas arquitetônicas utilizadas pelos representantes dos referidos regimes.

Segundo Magali A. de Lima, a produção de inúmeros espaços esportivos em detrimento da aplicação dos recursos em outros se-

tores mais necessitados, como moradia e alimentação, teve um significado muito grande, pois a arquitetura servia para mostrar a força do regime. (Lima,1979.p.67)

Outro exemplo é o da construção do Palácio da Cultura, sede do Ministério da Educação, uma das grandes obras do Estado Novo, que “fez o mundo curvar-se diante do Brasil”, devido à beleza e à grandiosidade da construção.(Schwartzman,1984.p.94)

Um artigo publicado na Revista de Educação Física de junho de 1938, informava que, no plano de ação do governo para aquele ano, estava prevista a criação do Parque Olímpico Nacional, destinado às competições nacionais e às grandes comemorações cívicas. Neste particular, reportamo-nos novamente à Mikhail Bakhtin quando coloca a questão do espaço público como fundamental, pois é nele que o povo pode sentir sua unidade no tempo, a sua duração ininterrupta, a sua imortalidade histórica relativa. Nesse espaço, o povo sente, não a imagem estática da sua unidade, mas a continuidade do seu devir e do seu crescimento.(Bakhtin,1987.p.223)

Hitler, segundo Elias Canetti, também tinha uma preocupação com relação ao espaço relacionado ao comportamento das massas. Esse comportamento dependia do “recipiente” que continha as massas e do modo pelo qual se delimitava o seu espaço, ou seja, nos espaços abertos, as massas poderiam crescer e se desenvolver, enquanto nos espaços fechados, nas edificações culturais, onde predominava a regularidade, a repetição de comportamentos, o comportamento das massas tinha limites bem estabelecidos. (Canetti,1990.p.177)

Além disso, as construções de Hitler deveriam ser grandiosas e permanentes, pois mostrariam a capacidade e a força do regime.

Segundo Louis Dupeux, a arquitetura hitleriana preenchia três funções principais. A primeira delas era a função de representação, ou seja, por meio de sua massa e rigidez, a arquitetura expressava o poder; já pela capacidade volumétrica, expressava a união da massa em locais culturais. A vontade de Hitler de superar-se, fazendo construções com o objetivo de bater recordes, era a segunda função. A terceira função da arquitetura deveria ser seu testemunho

da duração: o Reich nazista deveria durar 1000 anos, por isso o material empregado era durável. (Dupeux,1992.p.208,209)

No Estado Novo brasileiro, as construções idealizadas por Vargas se inspiraram nas obras não só da Alemanha de Hitler, como da Itália de Mussolini.

Segundo Nelson Jahr Garcia, a arquitetura do Estado Novo sugeria a “capacidade, a força e pujança do regime”. A administração pública possuía “verdadeiros palácios”, como os prédios dos Ministérios da Educação e Saúde, do Trabalho, da Guerra e da Central do Brasil. Em 1940, inaugurando o estádio do Pacaembu, Vargas declarava que a construção não valia apenas como expressão arquitetônica, mas como afirmação da capacidade e esforço do regime na execução do programa de realizações. (Garcia,1982.p.109)

A Argentina peronista apresentava preocupações semelhantes com relação ao espaço público. Percebemos isso, principalmente, na construção de grandes estádios esportivos, que serviam não só para as competições, como também para manifestações políticas.

A revista Mundo Desportivo, de 15/03/51, falava do avanço que representou o governo peronista nesse aspecto.

O Estádio do Clube Atlético Independente estabelece a diferença de duas épocas: a anterior, com um só estádio de cimento; agora, na Nova Argentina poderosa e fecunda, uma série de notáveis realizações que colocaram nosso país na vanguarda do mundo ocidental em número e capacidade de estádios desportivos. (Mundo Desportivo,1951)

A importância da arquitetura no controle do espaço público parece evidente. O regime tentava mostrar sua força através da grandiosidade das construções, não só nos prédios públicos, mas também nos estádios e praças. Tudo era planejado de maneira que a massa participasse das festas e comemorações de forma controlada e ordenada.

Aqui se apresenta a questão da disciplina do cidadão, tema importante para nós, porque se constituía num dos pilares dos regimes varguista e peronista. Conseguia-se essa disciplina através da

coerção física e moral exercidas sobre a sociedade, ocultadas pela propaganda do “povo feliz”, manifestando sua alegria nas festas esportivas e nos estádios.

O editorial da Revista de Educação Física, de outubro de 1937, dizia que o estádio era capaz de induzir espontaneamente à disciplina; além disso a camaradagem neles estabelecida representava uma força de coesão social.

Outro artigo publicado na mesma revista, em julho de 1938, afirmava que

[...] existe no atletismo uma arte, uma técnica e uma política. A arte olímpica de modelar o ser triunfante. A técnica paciente de adestrar a mocidade. A política indispensável da mobilização - e aperfeiçoamento - das forças adolescentes do país... Melhoria das gerações novas... Pelas lides esportivas... Seu enquadramento pelas normas éticas dessa fase saudável e feliz das competições atléticas...” (Revista de Educação Física, 1937)

Fica aqui reforçada a idéia de disciplina no momento em que o autor fala em “adestramento da mocidade”. O interesse básico dessas festas esportivas era, antes de tudo, adestrar e docilizar os adultos e os jovens, transformando-os em trabalhadores submissos. As atividades físicas eram totalmente controladas e tinham uma função preventiva e corretiva com relação aos cidadãos, para evitar que eles se voltassem contra a ordem instituída.

Essa intenção do governo em se utilizar das festas cívico-esportivas para fins de consolidação do regime fica clara, quando o Prof. Álvaro Cardoso escreve um artigo, em julho de 1939, denunciando essa prática. Segundo o professor, era impossível concretizar as determinações da Constituição de 1937 no tocante à educação física nas diversas instituições de ensino sem os devidos cuidados que ela exigia.

É preciso, de antemão, não confundir o desenvolvimento normal da educação física com o que se faz com o fito de preparo de demonstrações. Tivemos notícia de que, no ano passado, as ordens visavam, preponderantemente, a uma exibição no fim do ano e não deixamos passar, sem protesto, esse fato deveras estranho. É muito comum em nossos meios trilhar-se por um funambulismo perigoso, com desprezo das boas normas que devem nortear esse ensino.

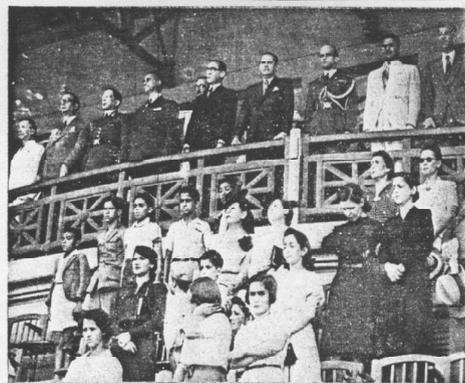
Costuma-se pensar que escola onde a educação física é bem cuidada é a que promove periodicamente demonstrações vistosas por seus números variados e novos, capazes de iludir até os que se dizem técnicos. Se é verdade que isso pode e deve ser feito em caráter de propaganda e difusão, trazendo grande soma de benefícios, não é menos certo que nunca deverão ficar no olvido os princípios em que se deve basear a verdadeira ciência. (Revista de Educação Física, 1939, p.6)

Apesar das vozes discordantes a propósito do uso da educação física como espetáculo/propaganda, essa atividade prosseguia.

Em 12 de outubro de 1939, no estádio do Fluminense, no Rio de Janeiro, em comemoração ao Dia da Criança, foi realizada uma “grande demonstração cívica e de educação física”, da qual participaram dois mil alunos das escolas municipais. Segundo o artigo da Revista de Educação Física, este foi um

[...]soberbo espetáculo, que provocou irresistivelmente, os mais entusiásticos aplausos de quantos assistiram a ele, compreendendo sua tão elevada significação. A oportunidade permitiu-nos manifestar inteira confiança na orientação que, no Distrito Federal, se vai imprimindo à educação física da criança e do adolescente, visando a um Brasil mais forte, amanhã, e sempre muito mais amado de seus filhos. (Revista de Educação Física, 1939, p.13)

Grande
Demonstração
cívica
e de
**EDUCAÇÃO
FÍSICA**



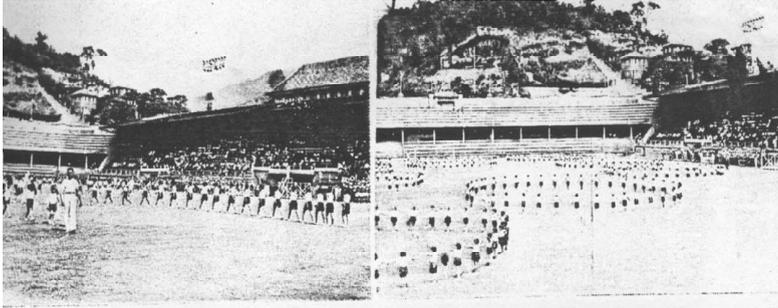
CORONEL PIO BORGES, SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL, LADEADO DE OUTRAS AUTORIDADES

Comemorando o "Dia da Criança", a Secretaria Geral da Educação e Cultura do D. Federal organizou, a 12 de Outubro deste ano, no estádio do Fluminense F. C., uma grande demonstração cívica e de educação física, em que tomaram parte dois mil alunos das escolas municipais.

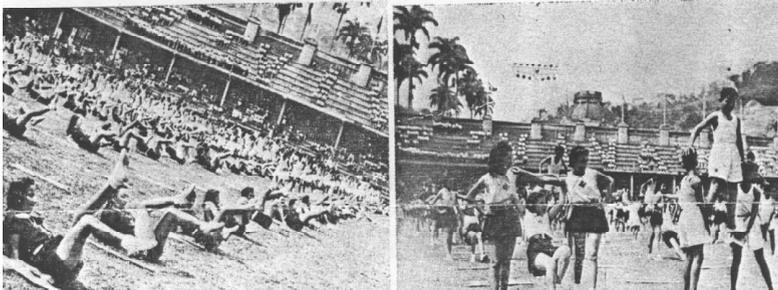
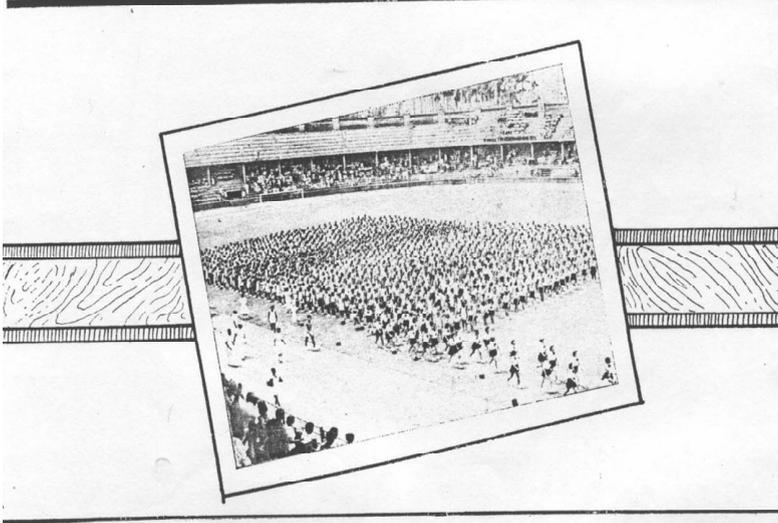
Damos, aqui, alguns aspectos desse soberbo espetáculo, que provocou, irresistivelmente, os mais entusiásticos aplausos de quantos assistiram a êle, compreendendo sua tão elavada significação.

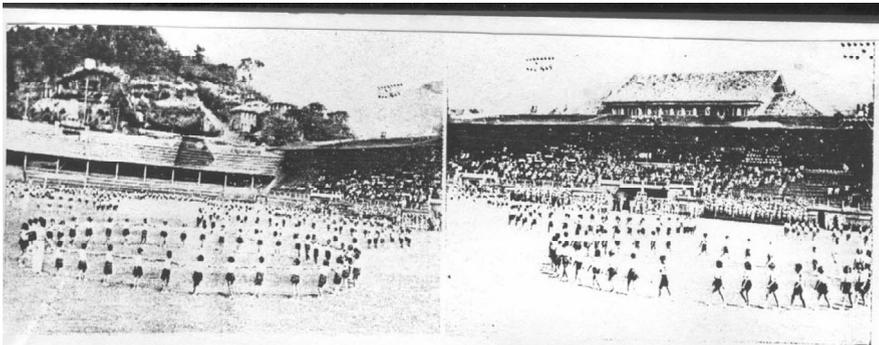
A oportunidade permite-nos manifestar nossa inteira confiança na orientação que, no Distrito Federal, se vai imprimindo à educação física da criança e do adolescente, visando um Brasil mais forte, amanhã, e sempre muito amado de seus filhos.



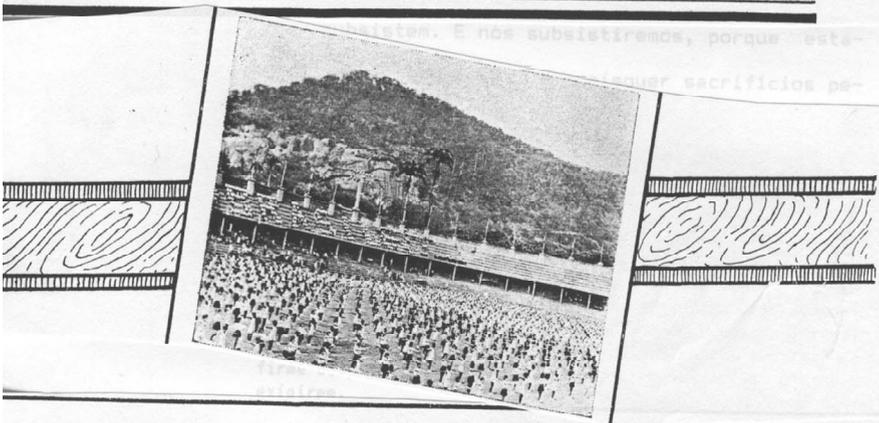


GRANDE DEMONSTRAÇÃO CÍVICA





E DE EDUCAÇÃO FÍSICA ★



Percebemos, novamente, nesta última seqüência de fotos, a materialização das noções de ordem e disciplina. O espaço era organizado de forma rigorosamente simétrica: as filas eram muito retas, os círculos perfeitos, a distância entre um e outro participante exatamente igual. Os estudantes nas arquibancadas, formando a frase “Viva o Brasil”, atestavam o espírito nacionalista do regime.

A idéia de união também aparecia de maneira acentuada, quer através dos participantes dos desfiles e demonstrações cívico-esportivas, quer através da própria multidão que assistia ao desfile de maneira ordenada, no espaço que lhes era designado.

Segundo Vargas,

[...] só os povos bem organizados, de vigilante espírito nacionalista, subsistem. E nós subsistiremos, porque estamos unidos, disciplinados e dispostos a quaisquer sacrifícios pelo Brasil. (Vargas, 1940.p.263)

E acrescenta:

Conforta o coração de quantos nasceram ou vivem nesta fecunda e hospitaleira terra apreciar, em dia como este, o entusiasmo viril do nosso povo, vê-lo integrado nas demonstrações de júbilo cívico da mocidade e dos nossos soldados, aplaudindo-os e rememorando os feitos dos nossos heróis, na firme disposição de imitá-los se as circunstâncias assim o exigirem.

Vejo com grande alegria tão vigoroso nascimento da consciência nacional. O povo brasileiro, de norte a sul, em todos os quadrantes, nas mais distantes cidades, nos povoados mais longínquos, reverencia a memória dos seus pro-homens, mobilizado, unido e pronto a tudo empreender pelo engrandecimento da Pátria. As festividades que, outrora, tinham o cunho formalístico das comemorações puramente convencionais assumem, hoje, o caráter amplo e sugestivo de verdadeiras consagrações coletivas. Todos participam do regozijo nacional. Em todos os espíritos bem formados transparece o orgulho de ser brasileiro e trabalhar pelo progresso comum. Felizmente, não chegou o momento de pôr à prova as nossas reservas de energia moral e patriótica. Ainda gozamos de tranqüilidade para trabalhar e produzir e, neste centésimo nono aniversário do Grito do Ipiranga, a família brasileira pôde reunir-se e celebrar a data magna da nacionalidade sem luto e sem lágrimas. (Ibidem, p. 264)

A “mocidade”, os “soldados”, a família reunida demonstram o “júbilo cívico” e o “entusiasmo viril” do povo. Essas consagrações coletivas que ocorrem no Brasil inteiro mostram o “orgulho de ser brasileiro”. A idéia de coletivo, expressa nas festas cívicas, servia de fundamento à propaganda nacionalista.

A revista *Cultura Política*, quando se refere à cerimônia da independência ocorrida no estádio Vasco da Gama afirmava que houve “um magnífico espetáculo de vibração cívico-popular. Ali, Getúlio Vargas verificou o quanto o povo está unido em torno do seu grande chefe”. (*Revista Cultura e Política*, 1941, p.9)

Diz ainda,

Neste glorioso sete de setembro, cheio de vibração cívica, concito o povo brasileiro a continuar disciplinado e coeso, laborioso e confiante, porque, mesmo através de riscos e provações, saberemos manter bem alta e inviolável a dignidade da Pátria.” (*Ibidem*, p.9)

4.4-A Educação do Menor

A disciplina do cotidiano, que era conseguida pela festa cívica, também poderia ser obtida através do preenchimento dos períodos livres do cidadão com a criação de parques infantis, praças de esportes, clubes de menores e colônias de férias.

Argumentava-se que, para as crianças, os parques representavam uma atividade salutar, principalmente para aquelas (a maioria) que possuíam condições precárias de vida, mas, de fato, objetivava-se a manutenção da ordem pré-instituída.

Os parques infantis eram locais onde as crianças ficavam longe do perigo que a rua representava, pois muitas vezes seus pais trabalhavam fora e não tinham condições de dar a educação que o governo considerava adequada.

Para solucionar estes problemas, uma “sociedade panóptica”, com uma arquitetura esportiva, era capaz de controlar o “tempo de existência” dessas crianças. Controle não só do tempo, mas controle dos corpos, de sua utilidade, de sua capacidade produtora. (Lima, 1979.p.93)

Dr. Nicanor Miranda, em um artigo intitulado “Parques Infantis de São Paulo”, depois de levantar todos os benefícios que esses parques traziam para as crianças, conclui que a prefeitura de São Paulo visava a preparar cidadãos fortes, física e moralmente para a Pátria de amanhã, e não seres sem saúde, fragmentos de homens. A educação da saúde representaria, dentro desse plano, uma preocupação contínua e primordial. (Revista de Educação Física, 1941. p.11)

Já Alfredo Colombo, no artigo “O Rio necessita de parques infantis”, diz que a criação desses parques, que educam pelo físico, desenvolvem as aptidões dos indivíduos, tornando-os agentes eficientes e possuidores de certos hábitos que se coadunam com a moral, tornando-os seres sociais e capazes de adquirir qualidades superiores, como a bondade, a perseverança, a cortesia, o espírito de iniciativa, a coragem, o sangue frio, a audácia e o amor à responsabilidade. (Revista de Educação Física, 1938. p.5)

O jornal, apresentava o parque infantil como “um espetáculo de saúde, de vida, de movimento, de esporte, de alegria e de felicidade para esses seres que, ainda, desconhecem as agruras da vida”. (OESP, 1939)

A interferência oficial na questão da livre prática desportiva era tida como fundamental, pois eram sabidas as dificuldades pelas quais passavam a maioria da população, como a falta de habitação digna, higiene, saúde, etc.

O jornal O Estado de S. Paulo em sua edição de 20.01.40, afirmava que a prefeitura de São Paulo não julgava importantes os parques infantis somente para as crianças, mas também para os adolescentes e adultos. Além das instalações esportivas, seriam construídas bibliotecas, salões de conferência e de reuniões educativas.

Fernando de Azevedo via os parques infantis como uma forma de difundir o espírito nacionalista através da integração que eles propiciavam e da própria arquitetura utilizada nesses espaços públicos. Segundo o autor, as praças de jogos para onde teriam de convergir as crianças de todos esses aglomerados urbanos heterogêneos e, com elas, em dias feriados, os seus pais, tem de servir à obra de nacionalização; primeiramente pelo caráter nacional das construções e da

jardinagem, depois pela direção nacional e, finalmente, pela adoção e restauração dos jogos nacionais. Foi, por isso, que o projeto do governo para esses parques teve a preocupação de imprimir às suas construções o estilo colonial e de colocar plantas e árvores indígenas onde se deveria “respirar o espírito do país”. (Azevedo,1960.p.319)

Os Clubes de Menores tinham como objetivo

[...] criar uma personalidade vigorosa no adolescente operário, [...] aumentar a capacidade e melhoria do trabalhador profissional, a educação higiênica, o aperfeiçoamento da vida mental do adolescente, a formação de hábitos morais e a elevação da consciência cívica dos moços. (Revista de Educação Física, 1938. p.7)

Aos 14 anos, os jovens iniciavam-se na vida profissional, o que lhes impossibilitava participar dos parques infantis, fazendo-se necessária a criação desses clubes para os menores operários.

O funcionamento desses locais era noturno e se destinava à recreação e à educação, havendo um instrutor responsável pelo aproveitamento físico dos menores (aumento de estatura, peso, envergadura) e aulas de educação física, além das atividades com jogos de recreação (dama, xadrez, etc.), aulas teóricas sobre a técnica dos jogos esportivos ou sobre normas de comportamento social e civismo moral.

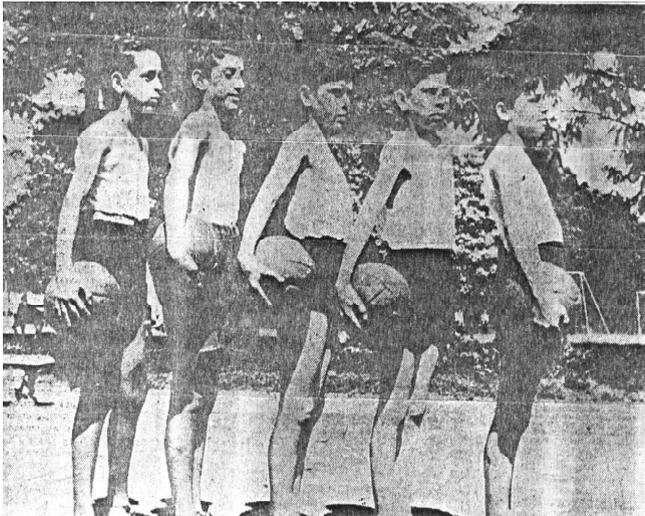
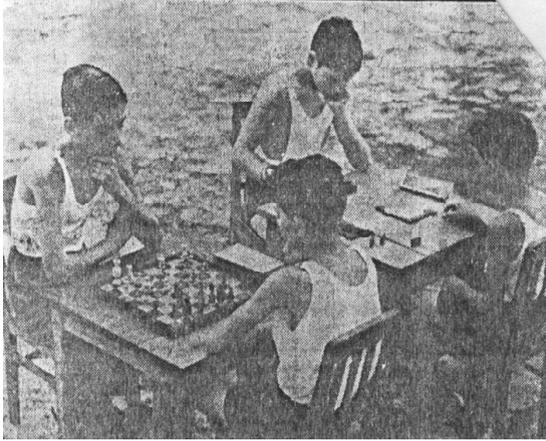
Os resultados desses clubes são assim demonstrados:

Os jogos amistosos que o clube tem realizado vieram demonstrar resultados inéditos quanto à disciplina [...]. Em todos os jogos, os menores comportaram-se de maneira digna de admiração, revelando, pela obediência às leis do jogo e às decisões do juiz, grande espírito de lealdade, solidariedade social, cooperação e fraternidade. (OESP, 20.10.39)

Os clubes eram um verdadeiro “depósito disciplinador de menores”, pois estes, lá estando, não ficavam na rua causando problemas. Segundo o jornal, “os parques não beneficiavam apenas os menores. A própria cidade via-se livre de inúmeros problemas, como, por exemplo, o do futebol de rua, o perigo de atropelamento, a algazarra que enervava os senhores sisudos e outros pequenos problemas criados pelos menores que brincavam nas calçadas.” (OESP, 03.11.41)

A foto abaixo é um exemplo de crianças disciplinadas que, colocadas num espaço delimitado e se divertindo calmamente, poderiam ser controladas, sem maiores problemas, pelo regime. Esses meninos não apresentavam risco à sociedade, pois estavam sendo devidamente vigiados, ao contrário do que seria se estivessem soltos nas ruas.

Para o governo, os espaços construídos por ele eram os locais apropriados para o adestramento do corpo e da mente para o trabalho ordeiro.

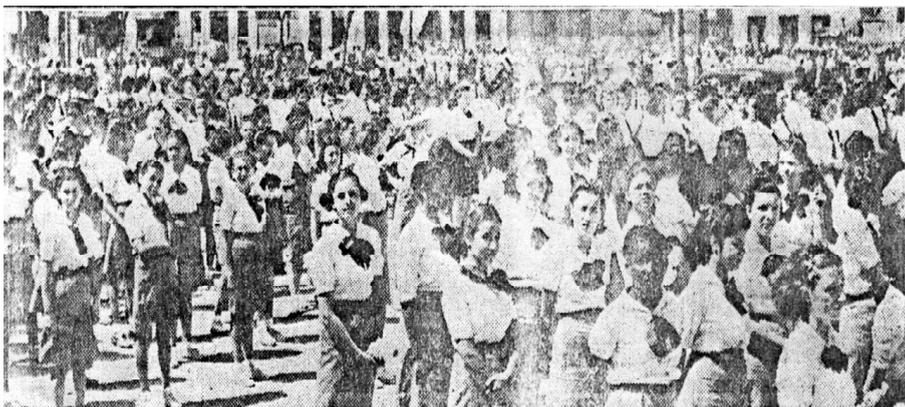


(OESP,1939)

Percebe-se, claramente, que por trás da preocupação social há todo um aparato que objetiva o disciplinamento e o controle de uma parcela da sociedade que poderia se tornar nociva devido às suas condições de vida precárias.

O governo realizava, na Semana da Criança, a “festa do pequeno trabalhador”, quando reunia os menores que trabalhavam e, além de distribuir lanches e prêmios, organizava-os em desfiles.

As fotos mostram as crianças contentes, sorridentes e bem arrumadas, o que era uma ótima maneira de propagandear o regime.



Festa do Pequeno trabalhador, OESP, 1939



Festa do pequeno trabalhador (OESP, 18.10.1939)

Já as praças de esportes eram locais que possibilitavam a prática dos mais variados esportes, pois possuíam várias quadras, piscinas, campos, etc.

Esses espaços eram considerados essenciais para evitar a delinqüência nos períodos extra-escolares, pois neles todas as atividades eram controladas.

Corpo útil economicamente falando, dócil e submisso politicamente falando. Útil para a economia da nação, ou seja, corpo capaz de adquirir aptidões, para através de uma melhor utilização de seu tempo livre, transformar-se em uma força de trabalho (como no caso dos operários), dócil e submissa como garantia da defesa nacional e disciplina social. (Lima, 1979.p.98)

As colônias de férias constituíram outro espaço responsável pelo disciplinamento da sociedade; não eram utilizadas apenas pelas crianças, mas também por seus pais, que poderiam usufruir delas em seu período de descanso anual.

Tal espaço de lazer também era totalmente controlado: o dia todo da criança era preenchido com atividades físicas, recreativas e artísticas, que tinham o objetivo de desenvolver o “espírito de disciplina e solidariedade”. Além da equipe de professores de educação física, de música, de artes, recreacionistas, havia também um serviço de segurança, responsável pela manutenção da ordem no local.

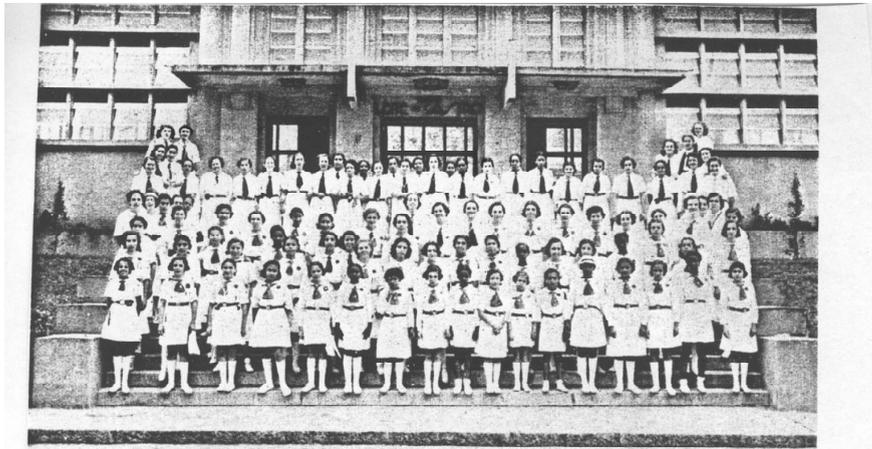
Sem dúvida, essas colônias de férias representavam um ponto positivo na vida das famílias operárias de baixa renda, que não teriam condições de fazer uma viagem de férias por sua própria conta. O problema nos parece ser a completa manipulação e controle de todo o tempo e espaço em que essas pessoas se encontravam. Não havia liberdade para a criatividade, tudo era monitorado. Desenvolver o hábito da disciplina, do respeito, da solidariedade, educar o povo para que utilizasse seu tempo em atividades saudáveis, eram os objetivos das colônias de férias, atingidos de maneira subliminar, pois a propaganda não deixava isso claro.

Trabalho inteiramente grátis, constando de exames médicos, lições de educação física, aplicações de fisioterapia, banhos de mar, remo, vestiários confortáveis, tudo sob a assistência constante dos entusiastas e dedicados instrutores e monitores.

Satisfeitos estarão também os chefes de família que a freqüentaram porque, além de terem cuidado do próprio físico, inculcaram na sua prole o hábito sadio da prática da educação física, que dá saúde e fortalece o espírito, despertando em todos a alegria de viver. (Revista de Educação Física, 1938.p.38)

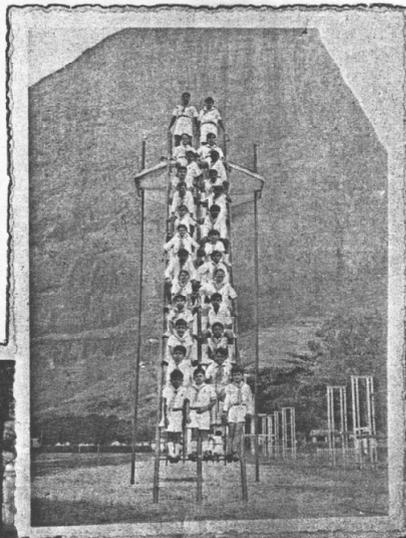
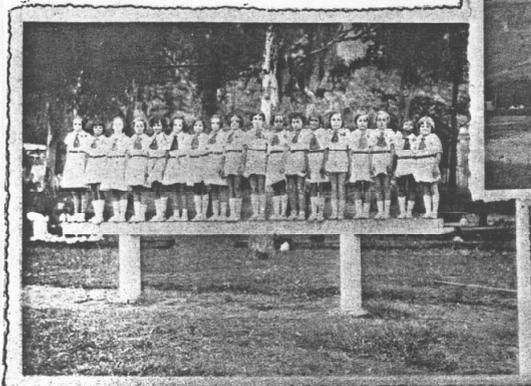
Outro meio de garantir a disciplina na sociedade, desde a infância, era através da prática do escotismo, onde a criança, desde cedo, era iniciada no “ritual cívico-militar”.

Nessas fotos da revista Educação Física vemos um grupo de bandeirantes em suas atividades: todas enfileiradas, organizadas e, conseqüentemente, disciplinadas.



Bandeirantes do BRASIL

Um domingo de vida ao ar livre no estádio da Escola de Educação Física de Exército



era apontada como fator
que os jovens, desde
determinaria todas as
disciplinas. A escola de

Um outro instrumento utilizado pelo governo brasileiro para “docilizar” o jovem foi a criação da Juventude Brasileira, em 1940. Essa instituição foi objeto de várias discussões por parte de elementos do governo, pois, primeiramente, foi concebida como um movimento paramilitar de apoio ao governo, nos moldes fascistas de educação da juventude europeia. Mas, depois de muitos debates, o movimento passou a ser um “instituto educativo” onde

[...] estarão organizados todos os jovens das escolas e das oficinas em centros cívicos que terão no amor à Pátria, a prática dos bons costumes, o desenvolvimento físico da raça, o entendimento e a cooperação com a escola e a família, o amor ao dever militar, a disciplina, a hierarquia, o conhecimento elementar dos assuntos relativos à defesa nacional, a educação religiosa e a educação ativa, como lineamentos básicos. (Educação Física, 1935)

Ou ainda,

A Juventude Brasileira se apóia numa tríplice base, baseada pela educação cívica, pela educação moral e pela educação física, e nela serão obrigatoriamente abrangidas a infância e a juventude das escolas oficiais ou fiscalizadas pelo Estado e facultativamente as crianças e os jovens não inscritos naquelas escolas. (Educação Física, 1937)

A formação da “consciência patriótica”, através do culto aos símbolos e hinos nacionais, do respeito à hierarquia e à disciplina eram os fins do movimento.

A necessidade de um líder dirigente era apontada como fator preponderante da organização, o que faria com que os jovens, desde cedo, se acostumassem com um superior que determinaria todas as ações do grupo e não toleraria a falta de disciplina.

A preocupação em manter crianças e jovens ocupados também existia na Argentina.

Os jardins de infância aumentaram seu número no governo peronista e os espetáculos para crianças como circos e teatros faziam parte da estratégia do governo de zelar pela “saúde física e moral” das crianças.

Os alunos das escolas públicas recebiam material escolar e merenda gratuita, além de terem seu ensino complementado

com a educação física e artística, para “fortalecerem o corpo e cultivarem o espírito”.

O jovem tinha seu ensino voltado para a área técnica. Havia as escolas de “capacitação operária” que atendiam aos trabalhadores e aos menores ajudantes das fábricas.

Segundo Perón, o menor que trabalhava não deveria ser visto unicamente como mão-de-obra barata, pois ele seria o trabalhador e o homem de amanhã, por isso era necessário formá-lo para que ele desempenhasse, com eficácia, sua tarefa, cuidando tanto de sua cultura moral, quanto profissional.

O regime peronista também se preocupava com as horas de folga do trabalhador, por isso organizava excursões escolares, acampamentos, construía hotéis para trabalhadores e balneários populares onde os argentinos poderiam descansar em suas férias, mas sempre sob os olhos do governo.

Toda essa preocupação com relação às crianças e jovens baseava-se na crença de que as novas gerações teriam condições de modificar a estrutura da sociedade.

O aperfeiçoamento da estruturação física, mental e moral eram fundamentos indispensáveis à grandeza e felicidade do país, no campo da produção, no campo da força, no campo do pensamento criador, pela renovação e pela saúde da juventude nacional. (Peregrino Jr., 1941, p. 8)

Analisando a documentação da época, no que diz respeito às festas cívico-esportivas, percebemos que elas constituíram um poderoso meio de transmissão da idéia de unanimidade, harmonia e fraternidade a todos seus participantes.

A maneira de se conseguir isso era “adestrando o corpo dos cidadãos”, principalmente através da prática da educação física e das outras formas decorrentes dela como o escotismo, os clubes de menores, entre outros, que controlavam a vida do cidadão desde a mais tenra idade.

Segundo Maria Helena Capelato, o golpe de 1937, no Brasil, impediu que as elites liberais levassem adiante sua tarefa de edu-

cação do povo. Derrotadas as instituições liberais, o Estado Novo traçou as diretrizes da educação nacional, não permitindo contestações. Cabia ao líder, Getúlio Vargas, determinar e conduzir o destino das massas - ela era o seu guia.

Foi nesse momento que a educação física, moral, cívica e a educação para o trabalho atingiram seu auge, orientadas pelos objetivos básicos do Estado Novo: a realização do progresso dentro da ordem. (Capelato,1988.p.212)

Toda essa disciplina, obtida através da educação, era expressa nas festas organizadas e ordenadas, onde o “mito da unidade” encontrava o cenário mais propício para sua teatralização. (Balandier,1980.p.8)

A festa tem um princípio pedagógico, segundo Baczkó, pois ela expressa a vontade do povo de fazer coincidir seu “ser” com seu “dever ser”, o real e o possível, o individual e o social. Ela desperta, no cidadão, a idéia de que ele é parte indispensável de um todo.

O civismo e a moral também encontravam, nas festas, terreno propício para sua consolidação; a devoção ao interesse público era evidente, tudo já estava predeterminado pelos organizadores oficiais: os desfiles, as apresentações, as músicas. Conseqüentemente, os “bons costumes” vinham à tona sem a menor possibilidade de algum tipo de contestação.

Qualquer forma de liberdade (do espaço, do corpo, da mente) representaria uma ameaça, pois estaria fora do controle oficial, portanto, livre para se expressar, até contra o regime.

Conclusão

A festa é considerada, por Mikhail Bakhtin, a “categoria primeira e indestrutível da civilização humana”; ela representa um olhar para o futuro e a vitória sobre o passado e faz nascer o novo, que é tão indispensável quanto a morte do velho.

Tais considerações do autor nos ajudaram a refletir sobre as festas cívicas e esportivas, nosso objeto de estudo. Nos regimes varguista e peronista, as festas eram promovidas com vistas à organização do espetáculo da sociedade coletiva, através das quais se pretendia mobilizar e doutrinar as massas. As festas foram as grandes responsáveis pela construção das imagens do varguismo e peronismo, como expressões mais acabadas da “sociedade feliz”. Alegria, euforia, harmonia se associam às noções de homogeneidade, passividade, integração, componentes básicos da concepção de totalidade predominante nesse período.

A imagem da sociedade harmônica na Argentina e Brasil, se projetava nas festas que tinham como objetivo mostrar a harmonia, impedindo a revolta.

Entretanto, como dissemos desde o início, não consideramos as massas que apoiavam Vargas ou Perón passivas, completamente manipuláveis ou inconscientes de seus atos: elas influíram decisivamente no processo político de ambos os países. Procuramos mostrar até que ponto a proposta oficial coincidia com os anseios dos setores populares, ou melhor, de parcelas significativas deles, o que explica o forte apoio aos regimes e também as reações às medidas de controle social.

O disciplinamento do corpo e mente do cidadão e o controle social visavam ao apoio irrestrito aos regimes, o que explica o grande investimento na propaganda; mas a propaganda não era onipotente: havia resistências das mais variadas formas à repressão que se ocultava na euforia da festa e na imagem da sociedade feliz e harmônica. O permanente espetáculo da festa servia como regulador do cotidiano dos cidadãos, mas não os impedia de participar ativamente e, com certa autonomia, desse espetáculo.

A realidade teatralizada podia ser mascarada, mas a sociedade era complexa e permeada por conflitos, e a história não deixava de atuar sob a máscara da harmonia e unidade.

Podemos dizer que a festa oficial, de certa forma, acionava mecanismos que reprimiam o cidadão no plano ideológico e contribuía para a formação de uma postura conformista. Neste sentido, pretendia retardar e dificultar a possibilidade de oposição ou revolta social.

O conformismo se reforçava com a educação física e cívica que, escudadas no discurso da saúde, da higiene e da formação de uma raça ideal brasileira, excluía todo e qualquer cidadão que não se enquadrava nos ideais propostos pelo regime.

No entanto, apesar da extrema força manipuladora e controladora das imagens veiculadas e da ideologia apregoada pela propaganda varguista e peronista, procuramos levar em conta que os receptores dessas mensagens eram agentes dotados de vontade, que reagiam de maneira diversa e não direta a elas. As mensagens era reproduzidas de formas distintas pelos diferentes sujeitos históricos, havendo, nessa reprodução, um componente de resistência, que nos permite questionar a idéia de passividade dos receptores acentuada nas interpretações, onde se enfatizava a completa manipulação das massas pela propaganda; a mente dos indivíduos está abastecida de imagens e idéias que possibilitam, tanto aceitar, com entusiasmo, como rejeitar, completamente, o que é proposto pela mensagem.

A manipulação das massas constitui um mecanismo complexo. Ela resulta em controle social, mas esse controle tem os seus limites

– o da resistência por diferentes maneiras. Os projetos homogeneizadores de Vargas e Perón não atingiram o objetivo de controle total da sociedade justamente por isso.

A aceitação ao regime, se por um lado revela conformismo e resignação, por outro, mostra que as massas tinham reivindicações e interesses que foram satisfeitos.

As imagens tentam expressar o sentimento de completa euforia reinante nos períodos analisados; enquanto a euforia da festa natural, espontânea tira o povo do seu cotidiano e aí possibilita a mudança, nas festas cívicas e esportivas do varguismo e peronismo essa euforia era, em grande parte, fabricada, o que levava, em certa medida, à acomodação; promovidas e organizadas de cima para baixo, pelos representantes do governo, não se pode negar que a alegria do povo, expressa nas festas, era induzida; aqui se localiza o componente de dominação.

Mas há também que se considerar o componente de alegria/felicidade, sentimento exultante das reivindicações atendidas e conseqüente melhoria das condições de existência.

A alegria era produzida em determinadas datas e horários definidos pelo regime que forjou a memória de uma época de felicidade e alegria coletiva. Não se trata de negar esse tipo de sentimento, ou insistir na sua falsidade. O que importa salientar é o componente de controle das emoções envolvido nesse tipo de manifestação coletiva; é por esse caminho que procuramos desvendar o autoritarismo dessas experiências.

Procuramos mostrar o lado controlador dessas representações fabricadas pelos regimes, porque ele nos permite o desvendamento da face autoritária do varguismo e peronismo que as festas tendiam a ocultar. Mas procuramos, também, considerar, nos vários momentos da análise, a face da resistência que implica reação às várias formas de controle e, também, participação dos sujeitos nas festas, mobilizados por seus próprios interesses e vontades.

Nesse sentido, podemos concluir que na experiência das festas varguista e peronista, os sujeitos foram alvo de manipulação e con-

trole eficazes, mas eles não se anularam enquanto produtores de uma história permeada por conflitos, contradições e ambigüidades que procuramos reconstituir.

Referências Bibliográficas

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALMEIDA, Cláudio Aguiar. **O Cinema com "Agitador de Almas": Argila, uma cena do Estado Novo**. Dissertação de Mestrado, USP, SP, 1993.

ALMEIDA, Jaime de. **Foliões. Festas em São Luís do Paraitinga na passagem do século**. Tese de doutoramento, USP, SP, 1987.

_____. "A festa como objetivo de estudo. O problema das fontes". In: **Anais da 4ª Semana de História**. Franca:UNESP, 1982.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ARANTES, Augusto Antônio. **O que é Cultura Popular**. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ARENDT, Hannah. **O Sistema Totalitário**. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

AYALA, Marcos e AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

- BAKTHIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec/UNB, 1987.
- BACZKO, Bronislaw. Lumieres de L'utopie.** Paris: Payot, 1978.
- BALANDIER, Georges. O Poder em Cena.** Brasília: UNB, 1980.
- BEIRED, José L. Bendicho. Uma Nova Consciência em Marcha: o partido laborista e as origens do peronismo: 1930-1946.** Dissertação de Mestrado, USP, SP, 1989.
- BENJAMIM, Walter. "Teorias do Fascismo Alemão". In: Obras Escolhidas-1.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BITTENCOURT, Circe M.F. Pátria, Civilização e Trabalho.** São Paulo: Loyola, 1990.
- BLOCH, Marc. "Pour une histoire comparée des sociétés européennes" In: Mélanges Historiques:** Paris, S.E.V.P.E.N., 1963.
- BORGES, Vavy Pacheco. Getúlio Vargas e a Oligarquia Paulista.** São Paulo: Brasiliense, 1979.
- BOSI, Ecléa. Cultura de Massa e Cultura Popular.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BRISKY, Norman et alii. La Cultura Popular del Peronismo.** Buenos Aires: Cimarrón, 1973.
- BUCHRUCKER, Cristián. Nacionalismo y Peronismo.** Buenos Aires: Sudamericana, 1987.
- BURKE, Peter. A Cultura Popular na Idade Moderna.** São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. **A Escola dos Annales**. São Paulo: Unesp,1990.

_____. **A Escrita da História**. São Paulo: Unesp, 1991.

CALELLO, Osvaldo. **Peronismo y bonapartismo**. Buenos Aires: Centro Editor de Am. Latina, 1986.

CAMARGO, Aspásia Alcântara de. "Autoritarismo e populismo, bipolaridade no sistema político brasileiro. In: **Dados nº12**, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1976, p.12 a 45.

CANETTI, Elias. **A Consciência das Palavras**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Os Arautos do Liberalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Populismo en América Latina**. In: **História Política del Siglo XX**. Quito: Editora Nacional,1922.

CARDENAS, Gonzalo et alii. **El Peronismo**. Buenos Aires: CEPE, 1973.

CARDOSO, Fernando Henrique. "Populismo: uma crise no Estado". In: **Cadernos de Debate 1-História do Brasil**. São Paulo: Brasiliense,1976.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Anti-Semitismo na Era Vargas**. São Paulo: Brasiliense,1988.

CARONE, Edgard. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Difel,1976.

CASTORIADIS,Cornelius. **Os Destinos do Totalitarismo**. Porto Alegre: LPM,1985.

CHACON, Vamireh. **Estado e povo no Brasil: as experiências do Estado Novo e da democracia populista. 1937-1964.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência.** 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Cultura e Democracia.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

CIRIA, Alberto. **Partidos y Poder en la Argentina Moderna (1946-1955).** Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1975.

_____. **Política y Cultura Popular: La Argentina Peronista (1946-1955).** Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1983.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1994.

DE CHANCIE, John. **Perón.** São Paulo: Nova Cultural, 1987.

DEBERT, Guita Grin. **Ideologia e Populismo.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo.** Lisboa: Afrodite, 1972.

DI TELLA, Torcuato. **Argentina Sociedad de Massas.** Buenos Aires: Eudeba, 1965.

DUPEUX, Louis. **História Cultural da Alemanha.** Rio e Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações.** Fortaleza: Tempo Brasileiro/Universidade Federal do Ceará, 1983.

GREW, Raymond. On the current state of comparative studies. In: ATSMÁ, Hartmut & BURGUIERE, André (org.) – **March Bloch**

aujourd'hui. Paris editions de l'ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales,1990.

ECHAGUE, Carlos M. **Las Grandes Huelgas**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1971.

FELICE, Renzo de. **A Itália de Mussolini e a Origem do Fascismo**. São Paulo: Icone,1988.

_____. **Le Fascisme. Un Totalitarisme à l'italienne?**. Paris: PFNSE, 1988.

FERREIRA, Jorge Luiz. **Trabalhadores do Brasil – A Cultura Política no Primeiro Governo Vargas (1930-1945)**. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 1989.

FOUCALT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FRANCO, Geisa Cunha. **O Fascismo e a América Latina**. São Paulo: ex.mimeo., 1990.

FRANCO, Maria Silvia Carvalho & CHAUI, Marilena. **Ideologia e Mobilização Popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1978.

FREUD, Sigmund. “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego”. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago,1969.

GAMBINI, Hugo. **La Primeira Presidência de Perón**. Buenos Aires: Centro Editor de Am. Latina, 1985.

_____. **El Primero Gobierno Peronista**. Buenos Aires: Centro Editor de Am. Latina,1971.

GARCIA, Nelson Jahr. **Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política**. São Paulo: Loyola, 1982.

GINZBURG ,Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

_____. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOLDAR, Ernesto. **John William Cooke y el peronismo revolucionário**. Buenos Aires: Centro Editor de Am. Latina, 1985.

GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ, 1988.

GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IANNI, Octávio. **A Formação do Estado Populista na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

_____. **O Colapso do Populismo no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

JAMES, Daniel. **Resistência e Integracion**. Buenos Aires: Sudamericana, 1990.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

LAMOUNIER, Bolívar. Getúlio. **Coleção Os Grandes Líderes**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

L.E GOFF, Jacques. **A Nova História**. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. **Reflexões sobre a História.** Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. **A política será ainda a ossatura da história?** In: **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval.** Lisboa: Edições 70, 1983.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro.** 4ª ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: O Trinfo da Vontade.** São Paulo: Ática, 1986.

_____. **A Sacralização da Política.** Campinas: Papyrus/Unicamp, 1986.

LIMA, M.A. **Formas Arquiteturais Esportivas no Estado Novo (1937-1945): suas implicações na plástica de corpos e espíritos.** Rio de Janeiro: Funarte, 1979.

LUNA, Félix. **Perón y su tiempo.** Buenos Aires: Sudamericana, 1984.

MAGNANI, José G. Cantor. **Festa no Pedço. Cultura Popular e Lazer na Cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

MANGONE, Carlos & WARLEY, Jorge A. **Universidad y peronismo.** Buenos Aires: Centro Editor de Am.Latina.

MARABINI, Jean. **Berlim no tempo de Hitler.** São Paulo: Cia das Letras, 1989.

MEDEIROS, Jarbas. **Ideologia Autoritária no Brasil. 1930-1945.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1978.

MENDES, Oswaldo. **Getúlio Vargas.** São Paulo: Moderna, 1988.

MEYER, Marlyse & MONTES, Maria Lúcia. **Redescobrimdo o Brasil: A Festa na Política.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

MILZA, Pierre. **Les Fascismes**. Paris: Imprimerie Nationale, 1985.

MURMIS, M. & PORTANTIERO, J.C. **Estudo sobre as origens do peronismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi et alii. **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

OZOUF, Mona. "A Festa: sob a Revolução Francesa". In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs) **História: Novos Objetivos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

_____. **La Fête Révolutionnaire (1789-1799)**. Paris: Gallimard, 1988.

PALMIER, Jean-Michel. **L'expressionisme comme révolte**. Paris: Payot, 1978.

PAOLI, Maria Célia. **Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Cultura e identidade operária**. São Paulo: Marco Zero, s.d.

PELASSY, Dominique. **Le Signe Nazi**. Paris: Fayard, 1983.

PEREIRA, Enrique Pavón. **Diário Secreto de Perón**. Buenos Aires: Sudamericana/Planeta, 1985.

PIOZZI, Patrizia. **O Ato Livre. Considerações a respeito da política operária**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1982.

POLIAKOV, Leon. **O Mito Ariano**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

PRADO, Maria Lígia. **O Populismo na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RIBEIRO Jr., Jorge Cláudio Noel. **A Festa do Povo. Pedagogia de Resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982.

RICHARD, Lionel. **A República de Weimar**. São Paulo: Cia das Letras, 1983.

_____. **Nazisme et littérature**. Paris: François Maspero, 1971.

RODRIGUEZ, Sérgio Aldo & BERLINCK, Manoel Tosta. **A Psicanálise de Sintomas Sociais**. São Paulo: Escuta, 1988.

ROSSEAU, Jean Jacques. **Obras Políticas**. Rio de Janeiro/Porto Alegre, Globo, 1958.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As Razões do Iluminismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

ROZITCHNER, Leon. **Perón: entre la sangre y el tiempo. Lo inconsciente y la política**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

_____. **Freud e o Problema do Poder**. São Paulo: Escuta, 1989.

SANT'ANA, Sérgio B.B.. **História Palinódica**. São Paulo, Tese de Doutorado-USP, 1991.

SEBRELI, Juan José. PERÓN. Eva . **Aventura o Militante**. 4ª ed. Buenos Aires: Editorial la Pleyade, 1971.

_____. **Los Deseos Imaginários Del peronismo**. 5ª ed. Buenos Aires: Legasa, 1985.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-42**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1985.

SCHWARTZMAN, Simon et alii. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra/EDUSP, 1984.

SIGAL, Silvia & VERON, Elisseo. **Perón o Muerte**. Buenos Aires: s. ed., 1986.

SILVA, J.L. Werneck (org.). **O Feixe e o Prisma-Uma Revisão do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SILVEIRA, José Paulo Bandeira da. Interpretações do Populismo. **Revista Novos Rumos**. Ano I, n° 4, out/nov/dez, 1986.

SIRVÉN, Pablo. **Perón y los médios de comunicación (1943-1955)**. Buenos Aires: Centro Editor de Am. Latina, 1984.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Burguesia Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

STAROBINSKI, Jean. **1789-Os Emblemas da Razão**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

STERNHELL, Zeev. **La Droite Revolutionnaire**. Paris: Seuie, 1978.

_____. **Ni droite ni gauche. L'ideologie fasciste en France**. Paris: Editions Complexe, 1987.

VAIDERGON, José. **As Moedas Falsas: Educação, Moral e Cívica**. Campinas: UNICAMP, 1987.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História**. Lisboa: Edições 70, 1971.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WALDMANN, Peter. **El Peronismo-1943-1955**. Buenos Aires: Sudamericana, 1981.

WEFFORT, Francisco. "Estado e Massas no Brasil". In: **Revista Civilização Brasileira**. Ano 1, nº 7, maio 1966.

_____. **O Populismo na Política Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Política e Revolução Social no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

LIVROS DE ÉPOCA

ACHILLES, Aristheu. **Aspectos da ação do DIP**. Rio de Janeiro: DIP, 1941.

ALBUQUERQUE, Epitácio Pessoa Cavalcanti de. **Getúlio Vargas: esboço de biografia**. Rio de Janeiro: José Olympio, s.d.

AMARAL, Azevedo. **O Estado Autoritário e a Realidade Nacional**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

ARRAES, Raimundo Monte de. **O Estado Novo e suas diretrizes: estudos políticos e constitucionais**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

AZEVEDO, Fernando de. **Da Educação Física**. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

BAQUERIZAS, Jose. **Por qué se creyo en Perón**. Buenos Aires: s.ed., 1957.

BASES Científicas da Educação Física. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

CAMPOS, Francisco. **O Espírito do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Serviço de Divulgação da Política Civil do DF, s.d.

_____. **O Estado Nacional: sua estrutura, seu conteúdo ideológico.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

_____. **O Sistema Nacional.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

CATECISMO cívico do Brasil novo. RJ, DNP, 1939.

COMEMORAÇÕES do Estado Nacional: 1937-1942, na voz das classes e na palavra do chefe. RJ, s.c.p., 1943.

CONFALONIERI, Orestes D. **Peron conta Perón.** Buenos Aires, Editorial Antyguá, 1956.

DELEGADOS del deporte argentino escuchan a Perón. s. ed., 1950.

DIP. **O nome tutelar das massas trabalhadoras no Brasil; benefícios assegurados pelo presidente Getúlio Vargas ao proletariado nacional.** Rio de Janeiro, DIP, 1942.

GANDUGLIA, Santiago. **El nuevo espíritu del deporte argentino.** Buenos Aires: Séc. de Prensa y Difusión, 1955.

GOUVEIA, Osvaldo. **Que é o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Pongetti, 1938.

GRANDE, H.A. **A pedagogia no Estado Novo.** Rio de Janeiro: DIP, s.d.

GUASTINI, Raul. **Ideário Político de Getúlio Vargas.** São Paulo: s. e., 1943.

HORA da independência. Sec. Geral de Educação e Cultura, 1943.

LA VERDAD política del peronismo. 5.ed.,1950.

LACERDA, J.M. de. **O Estado Novo**.s.c.p., 1938.

MARCONDES Filho, Alexandre. **Trabalhadores do Brasil**. Rio de Janeiro: s.c.p., 1943.

MARSAL, Pablo. **Perón y la iglesia**. Buenos Aires: Rex, 1955.

MEDEIROS, J. Paulo de. **O Sindicato e o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Metr pole, 1938.

PERON, Eva. **La Razon de mi Vida**. 7^a ed. Buenos Aires: Penser, 1951.

PERON, Juan Domingo. **A Força   o Direito das Bestas**. S o Paulo: s.ed., 1956.

_____ **.Comunidad Organizada**. Buenos Aires: Pleamar, 1975.

_____ **.Doctrina Peronista**. Buenos Aires: Macacha G emes, 1973.

_____ **.La hora de los pueblos-conceptos pol ticos**. Buenos Aires: Volver, 1984.

_____ **.La Cultura Nacional**. Buenos Aires: Fusi n, 1982.

_____ **.Mensajes del coronel**. Buenos Aires: Fusi n, 1982.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. 2^a ed. S o Paulo: Martins Fontes, 1988.

SILVA, Avilmar. **O Novo Brasil**. Rio de Janeiro: s.c.p., 1939.

_____ **.A Filosofia do Estado Novo**. Rio de Janeiro: s.c.p., 1939.

SILVA, Gastão Pereira. **Getúlio Vargas e a psicanálise das multidões**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, s.d.

TABORDA, Raúl Damonte. **O Caso Perón**. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Globo, 1954.

VARGAS, Getúlio. **As Diretrizes da Nova Política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

_____. **A Nova Política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

_____. **A Política Trabalhista no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

VARGAS, Viriato D. & ARRAES, R.M. **O Estado Novo e sua doutrina**. Rio de Janeiro: Milone, 1943.

FONTES

Jornais

Brasil

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo. 1937-45.

Argentina

LA EPOCA. Buenos Aires. 1946-55.

EL LABORISTA. Buenos Aires. 1946-55.

LA RAZON. Buenos Aires. 1956-55.

LA PRENSA. Buenos Aires. 1946-55.

DEMOCRACIA. Buenos Aires. 1946-55.

Revistas

Brasil

CULTURA POLÍTICA. Rio de Janeiro. DIP,1941-45.

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro. 1937-45.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro.
1937-45.

Argentina

REVISTA AHORA. Buenos Aires. 1946-55.

Nos regimes varguista e peronista, as festas eram promovidas com vistas à organizações do espetáculo da sociedade coletiva, através das quais se pretendia mobilizar e doutrinar as massas. As festas foram as grandes responsáveis pela construção das imagens do varguismo e peronismo como expressões mais acabadas da "sociedade feliz". Alegria, euforia, harmonia se associam às noções de homogeneidade, passividade, integração, componentes básicos da concepção de totalidade predominante nesse período.